

# Entre o Desejo e o Amor

*Amanda Browning*



Kathryn sabia que Joel Kendrick era o homem mais sexy que já tinha conhecido, embora também soubesse que não estava interessado em ter uma relação estável. Mas ela não fugia dos desafios, e quando Joel começou a flertar, devolveu a bola.

Só que a inocente paquera dele se transformou em desejo verdadeiro, e a de Kathryn, em amor. Em sua apaixonada aventura, ela escondia seus sentimentos porque sabia que Joel não acreditava no amor. Por isso ficou assombrada quando de repente o solteiro de ouro pediu que se casasse com ele...

# Capítulo 1

KATHRYN Templeton se achava inundada em uma agradável bruma, flutuando em algum lugar intermediário entre o sonho e a vigília. O ronrono do motor e a suave música que surgia dos alto-falantes do carro a tinham feito acomodar-se no assento e fechar os olhos há alguns momentos. Foi o repentino silêncio que a fez abri-los novamente.

-O que aconteceu? - levantou a cabeça e olhou pelo pára-brisa. Temia que tivesse havido algum acidente ou algo parecido, mas a estrada que percorria a nevada paisagem de Lakeland aparecia vazia por elogio.

-Quase chegamos - disse explicando Drew Templeton, seu primo e o motivo de que Kathryn estivesse ali sentada a caminho de Cumbrian.

Ela pensou que, como explicação, aquela deixava muito a desejar. Ergueu-se no assento e olhou para seu primo com curiosidade.

-Por que ficou de repente tão sério?

Drew tamborilou com os dedos no volante.

-Por nada, na realidade - disse, e logo acrescentou -: pensei que devia te advertir a respeito do Joel, isso é tudo.

Kathryn arqueou uma sobrancelha depilada à perfeição. Drew tinha se mostrado bastante reticente a falar sobre seu chefe. Sabia apenas que tinha problemas com seu computador e, como se dava muito bem com seu primo tinha decidido dar uma mão. Kathryn dirigia uma pequena, mas florescente empresa dedicada a resolver os problemas que surgiam com os programas dos computadores.

-O que acontece com seu chefe? É algum tipo de monstro? - brincou, e seu primo lhe dirigiu um sombrio olhar.

-Não exatamente. Acredito que o melhor modo de descrever Joel é dizendo que é um lobo vestido com pele de lobo - disse muito sério.

Kathryn nunca tinha conhecido um autêntico lobo. Como seria? Atração, sem dúvida. Gotejaria atração sexual por cada poro; do contrário, como atrairia e seduziria as mulheres? E o que sentiria paquerando com ele? Aquele pensamento fez que um tremor de antecipação percorresse seu corpo. Adorava um ligeiro flerte com um homem preparado e atraente. O fim de semana, que até esse momento só tinha dado um pouco de trabalho interessante, adquiriu uma aparência distinta por elogio. Kathryn sorriu para si, cruzou os braços e dedicou a Drew toda sua atenção.

-Que interessante. Conte-me mais - sugeriu, sem ocultar seu entusiasmo.

Seu primo gemeu, embora não parecesse surpreso por sua resposta. Kathryn era uma mulher vital e animada e, em geral, via a vida como uma aventura. Em lugar de ver Joel Kendrick como alguém a quem devesse evitar, o mais provável era que considerasse uma provocação flertar com ele. Desgraçadamente, Drew sabia que seu chefe não era como a maioria dos homens que sua prima tinha conhecido. Preocupava-lhe que corresse perigo real, e não queria vê-la sofrer.

-Falo sério, Kathryn. Joel é meu chefe e gosto muito dele, mas isso não quer dizer que esteja de acordo com sua atitude para o sexo oposto. É um predador para as mulheres bonitas. Quando vê uma que gosta, vai atrás dela sem pensar duas vezes. Trata-as bem, sem dúvida, mas somente está interessado em ter aventuras. A idéia de casamento nem sequer passa por sua cabeça. E esse é o motivo por estar aqui.

Aquilo serviu apenas para que aumentasse a curiosidade dela.

-Quer dizer que uma de suas mulheres foi quem danificou o computador?

Drew assentiu.

-Ao que parece, não gostou muito de ver por terminada sua relação. Acreditam que entrou na casa enquanto ele estava viajando e apagou tudo o que pôde do disco rígido. Logo o sistema operacional falhou... Bom, esse não é meu terreno. Não sabemos o que fez mais, segundo Joel, é um caos.

-Compreendo - murmurou Kathryn, enquanto elogiava em silêncio o engenho da mulher. Sem dúvida, sua vingança tinha sido melhor que rasgar as roupas dele.

Drew suspirou e pôs a luz de alerta para sair da estrada principal.

-Joel me chamou e me perguntou se conhecia alguém que pudesse lhe dar uma mão, mas não quer qualquer um farejando em suas coisas. Eu sabia que podia confiar em você, mas até que não iniciamos a viagem não pensei que trazer você para conhecer o Joel era como jogá-la nos braços do lobo.

-Acaso acha que estará interessado em me acrescentar à sua lista de conquistas? - perguntou Kathryn em tom irônico.

Drew a olhou com gesto preocupado.

-Certamente, cumpre todos os requisitos.

Ela sorriu.

-Refere-se a que exatamente?

-Refiro-me a que é linda - corrigiu Drew.

Kathryn sorriu.

-Obrigado pelo elogio.

-De nada.

Ela voltou para acomodar-se no assento e contemplou distraidamente a paisagem invernal. Era uma sorte que o chefe do Drew não estivesse procurando uma esposa, porque não parecia seu tipo absolutamente. Ela estava procurando o homem que queria passar o resto de sua vida a seu lado. Sabia que um dia o encontraria e que se apaixonaria por ele imediatamente, porque o amor era assim. Mas enquanto esperava não tinha nada contra divertir-se um pouco. Qual o problema que o chefe dele não fosse apto para o casamento? Como possível diversão, cumpria todos os requisitos. Além disso, aquele homem devia ter levado a arte do flerte às cotas mais altas da perfeição. Drew não devia preocupar-se com ela. Tinha a cabeça bem assentada sobre os ombros e não estava disposta a se transformar na próxima conquista de Joel Kendrick.

-De maneira que seu chefe está acostumado a conseguir as mulheres que quer - murmurou pensativa.



-Tem algo a ver com o fato de que seja bonito e rico - disse Drew em tom irônico.

-Ah, a atração sexual...

Kathryn conhecia seu poder. Tinha caído sob seu enfeitiço uma ou duas vezes em sua busca do amor e do homem perfeito para ela. Sabia que era tão sensível como qualquer outra mulher a atração de um homem, mas isso não significava que deixasse se levar de qualquer jeito por ele. Ao longo de seus vinte e seis anos tinha tido apenas duas relações. Não era tão difícil manter as relações platônicas. O sexo pelo sexo nunca a tinha atraído.

-O que ele faz? Porque suponho que não passa o dia perseguindo mulheres.

-Tem empresas de engenharia por todo mundo. Às vezes pode ser implacável, mas é muito respeitado em Londres e no mundo dos negócios em geral. Ocupou-se da empresa quando seu pai se retirou, e não tem feito mais que progredir. Terá que reconhecer seu talento, mas, infelizmente, está acostumado a sair-se quase sempre com a sua.

Kathryn não se assustava com os homens tenazes e teimosos. Seu pai e seus irmãos eram assim, com uma clara tendência a dar ordens à pequena e única garota da família porque a queriam e deviam protegê-la. E ela compreendia, mas nunca

lhes deixava exceder-se. Em consequência, suas brigas tinham chegado a ser legendárias. Depois de tudo, era digna filha de seu pai, e também ela podia ser muito teimosa.

-De verdade acha que poderia ficar interessada por ele? —

-Espero que não - respondeu Drew com ardor-. Mas a verdade é que tenho a sensação de que as mulheres são incapazes de resistir seu encanto.

Kathryn Riu. O problema com Drew era que a conhecia muito bem.

-Obrigado pelo voto de confiança, mas advirto que não sou nenhuma incauta. Já passou pela sua cabeça a possibilidade de que eu não goste? - a lei das probabilidades dizia que devia haver algumas mulheres imunes ao encanto daquele homem.

-Embora você não gostasse, sei que seria capaz de fazer alguma tolice só para se divertir. Mas tome cuidado, Kathryn - advertiu Drew-. Joel Kendrick não é um homem com quem se possa brincar.

Não havia dúvida de que estava preocupado com ela, e Kathryn agradecia, mas sentia que seu primo estava se excedendo. Era certo que ela já estava pensando em afiar um pouco as garras, mas sempre podia mudar de opinião.

-Aprecio seu conselho, primo, mas de momento me reservo à opinião. Depois de tudo, ainda não conheci seu chefe.

Uns minutos depois, Drew parava o carro em frente uma grande casa construída em pedra.

-Então que esta é a toca do lobo - disse Kathryn enquanto saía do veículo. É muito bonita.

Drew pegou as bolsas de viagem do porta-malas.

-Vem conhecê-lo. Espero que tenha uma réstia de juízo à mão.

-Isso só serve para os vampiros, tolo. O que necessito neste caso é de uma bala de prata, e temo que não tenha nenhuma. Anotarei isso em minha lista de compra.

-Brinca agora tudo o que quiser - respondeu Drew, sério-. Só espero que possa continuar fazendo isso quando partirmos.

Kathryn enlaçou um braço com o de seu primo e o estreitou com suavidade.

-Não se preocupe. Sei cuidar de mim mesma.

Ele a olhou com gesto de dúvida.

-Humm. Famosas palavras - encolheu os ombros-. Eu já avisei. Agora tudo depende de você.

O som de passos aproximando-se chegou até eles do interior da casa enquanto Kathryn respondia:

-Já sou bem grandinha. Se por acaso tenha esquecido, faz um mês que fiz vinte e seis anos.

-Sei; estive lá. E me alegra dizer que se comportou muito bem. Depois de tudo, pode ser que esteja adquirindo um pouco de sentido comum. Estou me mostrando muito protetor?

Kathryn sorriu.

-Um pouco, mas tem permissão.

-Amanhã vôo para a Alemanha, assim não estarei aqui para proteger você.

Kathryn se perguntou com ironia se alguma vez sua família deixaria de protegê-la.

-Deixa de preocupar-se. Estarei bem. Mas se as coisas ficarem más deixarei que me diga: «eu avisei».

A porta se abriu antes que Drew pudesse responder. Uma mulher de uns sessenta anos lhes sorriu calidamente.

-Bom tarde, senhor Templeton. Vejo que chegou a tempo - fez um gesto de saudação com a cabeça e se afastou para deixá-los passar.

-Dadas às circunstâncias, não teria sido boa idéia fazer o chefe esperar, Agnes - Drew fez que

Kathryn passasse diante dele-. Agnes é a governanta de Joel. Esta é minha prima Kathryn. Veio nos salvar.

A mulher olhou atentamente para Kathryn e sua expressão de decepção foi quase cômica.

-Muito bem! - murmurou.

Kathryn franziu o cenho.

-Acontece algo errado?

-Absolutamente, querida - disse Agnes enquanto fechava a porta.

-Estou segura de que vai ser bem-vinda. O único problema é que... é muito bonita.

-Ah - disse Kathryn ao compreender, e não pôde evitar sorrir-. Não se preocupe Agnes. Drew me contou tudo sobre nosso amigo peludo.

Nessa ocasião foi à governanta que ficou surpreendida.

-Nosso amigo peludo?

Kathryn se inclinou para ela.

-O lobo - sussurrou em tom confidencial-. Mas não se preocupe. Recentemente me deram a vacina antitetânica.

-Nos leve para ver o senhor Kendrick, por favor, Agnes - sugeriu Drew enquanto tirava o casaco. O entregou à governanta e Kathryn fez o

mesmo-. Minha prima tem um senso de humor um pouco estranho. Não tente compreendê-la.

Um repentino brilho cintilou no olhar da mulher.

-Algo me diz que pode ter alguém acabe de se encontrar com seu igual. Não é você absolutamente o que o senhor Kendrick estava esperando. Por agora, acreditava que quem vinha era um homem. Encontrasse na biblioteca, chiando os dentes e amaldiçoando alto. Dentro de uns minutos, levarei um café, a não ser que prefiram outra coisa.

Kathryn disse que o café estava bem e logo Drew a conduziu por um comprido corredor para a asa oeste da casa. Quando abriu a porta da biblioteca, o coração dela pulsou mais depressa enquanto alisava o pulôver azul que vestia.

-Já era hora de que chegasse! - grunhiu uma rouca voz quando entraram, e ela fez uma careta. Parecia que o lobo devia ter também dor de cabeça.

Quase sentiu pena por ele. Quase. Quando seu primo se afastou, viu pela primeira vez o homem que tanto tinha ouvido falar nos últimos minutos.

Joel Kendrick era certamente impressionante. Estava junto à chaminé, onde ardia um fogo acolhedor, com um copo que parecia uísque na mão. Era um homem alto, de ombros largos e

quadris estreitos, e se notava que estava em perfeita forma. Usava um jeans que rodeava suas largas e musculosas pernas e um pulôver negro que fazia ressaltar seu físico. Devia ter uns trinta e cinco anos. Seu cabelo era tão escuro, que onde lhe dava a luz parecia azul. Era um homem bonito, mas as duras feições de seu rosto evitavam que parecesse em demasia.

Não havia dúvida de que era um homem atraente. De fato, era o homem mais atraente que Kathryn tinha visto em bastante tempo. Podia sentir sua aura inclusive de onde estava e, de forma inesperada, notou que toda a pele lhe fazia cócegas. Inclusive quieto como estava desprendia uma espécie de magnetismo dinâmico que quase pôde apalpar fisicamente. Ia ser muito difícil ignorá-lo.

Não era o que Kathryn esperava, mas tampouco se preocupou com isso. Mas acrescentou certo picante à situação. Era hora de fazer sentir sua presença.

-Já que não tínhamos à mão a nave Enterprise para chegar aqui em um segundo, acredito que não fizemos um mau trabalho chegando tão cedo - disse antes que Drew pudesse pronunciar palavra, e imediatamente se encontrou olhando uns penetrantes olhos azuis.

Era o tipo de olhos que em determinadas circunstâncias podiam confundir por elogio os sentidos de uma mulher, e isso foi precisamente o que fizeram naquela ocasião. Porque, em menos do que durava um batimento do coração, estabeleceu-se entre ambos uma espécie de conexão primitiva. O ar pareceu crepitar entre eles, como se de repente tivesse adquirido uma carga positiva. Era pura química, e um simples olhar tinha bastado para provocar uma reação em cadeia. A atração foi instantânea... e mútua.

Como Kathryn tinha suposto, cada poro daquele homem desprendia atração sexual, e este a tinha alcançado ao nível mais primitivo. Seus sentidos tinham respondido fazendo que toda a pele lhe fizesse cócegas, e estava surpreendida pela força de sua reação. Aquele homem tinha algo e, fosse o que fosse, gostava.

Mas todos seus instintos lhe disseram que aquele não era um homem que pudesse dar nenhuma aula de amor, de maneira que não revelou nem por um instante sua reação.

-E você quem é? - perguntou Joel Kendrick com curiosidade, e sua voz grave surgiu carregada de uma rouca sensualidade.



Aquele homem era pura dinamite, reconheceu Kathryn com ironia. Ninguém a tinha afetado antes daquele modo. Como ia ignorar isso? E queria fazer isso?

-Sou a mulher a que estava esperando - replicou em um deliberado tom mescla de sedução e de brincadeira.

Os olhos azuis do Joel Kendrick brilharam, divertidos.

-Ah, sim? - murmurou.

Apanhado entre ambos, Drew olhou ao alto, exasperado.

-Deixa disso já, Kathryn - disse.

-Fique quieto, Drew - ordenou Joel enquanto avançava para ela-. Isto acaba de começar a ficar interessante - parou muito perto de Kathryn e sorriu devagar, algo que ameaçou deixá-la sem fôlego.

-Então é a mulher que estava esperando, não?

Ela inclinou a cabeça e sorriu com doçura apesar de que o coração parecia a ponto de saltar no peito.

-E pelo que parece, com bastante impaciência.

Ele encolheu os ombros sem afastar o olhar.

-Há algum tempo tenho os nervos um pouco alterados, mas estão melhorando por momentos.

O sedutor som da risada dela fez que algo palpitasse na profundidade dos olhos de Joel Kendrick.

-Estou acostumada a produzir esse efeito nas pessoas - sabia que estava se comportando com descaramento, mas não podia controlar-se-. De fato, mais de um se lançou a me abraçar e me beijar na primeira vista.

Ele sorriu com malícia.

-Vejo por que. Eu me sinto tentado a fazer o mesmo.

Kathryn elevou um dedo para mantê-lo na raia.

-Acredito que deveria esperar para comprovar o que posso fazer.

Joel Riu.

-Já estou suficientemente impressionado.

Aquelas alturas, Drew já jogava fumaça pelas orelhas. Aproximou-se deles e tomou Kathryn pelo braço.

-De acordo, já é suficiente! - exclamou e Kathryn o olhou com expressão de surpresa, como se tivesse esquecido que estava ali-. Quando terminar com seus joguinhos, talvez possa te apresentar.

Um ligeiro rubor cobriu as bochechas dela, mas não teve nada a ver com a reprimenda de seu

primo. Vocalizou as palavras «eu sinto» para ele. Em parte era certo. Lamentava ter aborrecido Drew, mas não se arrependia absolutamente de seu comportamento. Tinha sido divertido e excitante. Seu coração ainda pulsava rapidamente. Não havia dúvida de que aquele homem era letal. De maneira que aquilo era o que se sentia paquerando com o playboy número um do mundo. Podia se transforma em um vício. De fato, já queria mais.

Enquanto isso, Drew começou com as apresentações prometidas.

-Joel, esta é minha prima Kathryn Templeton. Veio para arrumar o computador.

Joel entreceirou os olhos.

-Ah, compreendo. Isso é o que a transforma na mulher que eu estava esperando.

-Com impaciência - acrescentou ela, sorridente. Ele suspirou.

-Pois esperemos que seja tão boa com a informática como com as palavras, Kathryn Templeton.

Ela Riu.

-Com toda modéstia posso dizer que sou melhor.

Joel elevou uma sobrancelha.

-Com toda modéstia? - repetiu em tom irônico.

Kathryn encolheu os ombros e trocou um olhar com seu primo.

-Em minha família, a gente tem que lutar duro por seu espaço a menos que queira afundar-se sem deixar rastro. E eu não tenho intenção de ser o próximo Titanic.

-Assim provém de uma família competitiva.

-Tenho quatro irmãos mais velhos - admitiu de uma vez que enlaçava um braço com o do Drew-. Mas me alegra poder dizer que este ramo do clã Templeton é protetor e supõe um grande apoio em determinadas circunstâncias.

Joel passou uma mão pelo queixo.

-O que significa que provavelmente a terá advertido sobre o Grande Lobo Mau.

-É obvio - respondeu Kathryn, animada-. Drew não quer que me devorem como o Chapeuzinho Vermelho.

Joel sorriu.

-Algo me diz que, se tentasse, teria uma indigestão.

-Sou muito saborosa para o gosto de algumas pessoas - replicou Kathryn alegremente.

-Um gosto adquirido?

-É obvio.

Com uma expressão mescla de intriga e apreciação, Joel Kendrick esticou uma mão para ela.

-É um prazer conhecê-la, Kathryn Templeton.

-O mesmo digo senhor Kendrick - replicou ela.

-Joel - corrigiu ele enquanto estreitavam suas mãos.

-Joel - repetiu ela, obediente.

O que aconteceu a seguir a fez perder confiança em sua habilidade para manter-se desapegada e controlar a situação. Enquanto suas mãos se tocavam, olhou os sedutores olhos azuis dele e sentiu que se afundava neles. Por um instante, sentiu-se desorientada. Seu sistema nervoso se sobrecarregou e ficou sem fôlego. A velocidade de sua resposta a aquele homem era assombrosa. Sabia o que era a atração sexual, mas nunca havia sentido nada parecido. Todo sentimento racional foi varrido por uma onda de intensa sensualidade. Desejou aquele homem como uma mulher faminta que acabasse de topar-se com uma mesa cheia dos manjares mais deliciosos.

Seu corpo avançou para ele por vontade própria...

O som de uma educada tosse a fez voltar para o presente de forma inesperada. Mas teve tempo de ver um apaixonado brilho de resposta nos olhos

dele antes que o instinto de conservação se apropriasse dela e lhe fizesse ocultar seus pensamentos depois de uma exercitada atitude de calma. Afastou a mão justo quando Agnes entrava com o café, e se voltou para ela, agradecida pela interrupção.

Joel Kendrick era entristecedor de perto. Até então nunca tinha tido dificuldades para manter a cabeça fria em circunstâncias semelhantes, mas aquele homem tinha mudado aquilo. Drew tinha razão. Joel Kendrick era diferente, e era melhor guardar-se dele.

-Posso ajudá-la com isso, Agnes? - perguntou, em um tom que, por sorte, não delatou sua agitação interior.

A governanta sorriu.

-Obrigado, querida. Se não se importa de afastar esse vaso... Assim - deixou a bandeja enquanto Kathryn procurava outro lugar para o vaso-. Jantou senhor Templeton? - perguntou quando se ergueu.

-Não comi nada desde esta manhã, Agnes - admitiu Drew.

Kathryn decidiu que aquele era o momento para dedicar ao Joel um olhar zombador.

-Enquanto vínhamos me disse que não havia tempo para comer. Ao que parece, seu gênio pesava mais que a fome na balança - disse animadamente. Afinal de contas estava ali para lhe fazer um favor. Além disso, sentia a necessidade de aguilhoá-lo um pouco; às vezes, a melhor forma de defesa era um ataque.

Joel se limitou a elevar uma sobrancelha e a voltar-se para sua governanta.

-Será melhor que apresse o jantar, Agnes. Eu não gostaria de ver como se deprime esta jovem dama por causa da debilidade.

-Muito bem, senhor - assentiu Agnes-. Instalei o senhor Templeton em seu quarto habitual, e me pareceu adequado instalar à senhorita no quarto rosa.

Joel sorriu.

-Parece-me muito bem. O quarto rosa tem as melhores vistas.

-E está no outro extremo do seu - acrescentou Agnes significativamente, fazendo que Kathryn tivesse que reprimir um sorriso -. E agora, senhor Templeton, se me der uma mão com as malas poderei servir antes o jantar - declarou Agnes em tom maternal, e a seguir, saiu da biblioteca.

-Agnes parece uma mulher muito agradável - disse Kathryn depois que Drew seguiu a governanta. Tinha recuperado seu equilíbrio e se sentia mais segura para enfrentar Joel a sós.

-Agnes foi minha babá. Esta há muitos anos com minha família, e ninguém nunca quis que se fosse, de maneira que sua posição mudou várias vezes. Foi acompanhante de minha mãe antes de se transformar em governanta. É quase como um membro da família.

A Kathryn agradeceu aquela explicação. Demonstrava que havia uma inesperada faceta de delicadeza no caráter dele.

-Isso eu gosto - seu avô materno tratava aos serventes como a seres inferiores. O único que lhe interessava deles era que o atendessem bem.

-Você gosta?

-Sempre gostei da amabilidade e a generosidade, embora meu avô qualificasse essas qualidades de «tolo sentimentalismo» - admitiu Kathryn com pesar -. Segundo seu ponto de vista, não terá que conservar um servente que deixou que ser útil.

-Se me desculpar que o diga, seu avô é um cretino.

Kathryn sorriu com ironia.



-Terminante, mas certo. É um homem frio. Nunca entendi por que minha avó se casou com ele, mas compreendo perfeitamente por que o deixou. Conforme dizem, pareço-me muito com ela.

Joel elevou uma sobrancelha com expressão interrogante.

-Não sabe com certeza?

-Meu avô não conserva nenhuma foto dela - explicou Kathryn -. Deixando-o o humilhou. Eu estava acostumada a acreditar que não gostasse de mim porque recordava a ela - as visitas que faziam a seu avô durante sua infância não eram precisamente agradáveis.

-Mas agora já não acha isso?

Kathryn sorriu e moveu a cabeça.

-A verdade é que é uma pessoa incapaz de amar e de ser amada.

-Entretanto, você é adorável - disse Joel com um brilho travesso no olhar.

Logo que recuperada da última vez, o estômago de Kathryn voltou a contrair-se, mas conseguiu sorrir.

-Acredita que as adulações o levarão a alguma parte? - perguntou.

Ele também sorriu.

-Terá que viver com esperança.

Kathryn gemeu em silêncio. Tudo naquele homem agradava a seus amotinados sentidos. Tendo em conta que sentia os joelhos como se fossem de gelatina; era assombroso que ainda continuasse em pé. Apesar de tudo, inclinou a cabeça e olhou Joel pensativamente.

-É tão bom como dizem que é?

Ele apoiou uma mão em seu peito e voltou a sorrir.

-Humildemente, não saberia dizer.

«OH, Meu deus, me deixe superar estes minutos sem me transformar em uma idiota que balbucie», rogou Kathryn em seu interior enquanto o poder do encanto de Joel a golpeava totalmente.

-Significa isso que, se quero averiguar, terei que fazer isso pessoalmente?

Ele encolheu os ombros.

-Não há nada melhor que o conhecimento de primeira mão. Poderia achar... interessante.

Kathryn estava segura disso. Aquilo era sedução em grande escala e, apesar de seus alterados sentidos, enfrentou a ela com uma risadinha afogada.

-Estou convencida de que seria muito interessante e educativo, mas existe o perigo de que o produto esteja super valorizado.

-Asseguro que sempre faço o possível por oferecer o que o cliente merece.

-Hmm - murmurou Kathryn, enquanto seu estômago se enchia de enlouquecidas mariposas. Não havia dúvida de que Joel Kendrick era bom. Era muito bom. Tudo o que tinha feito tinha sido insinuar-se um pouco e ela já estava tremendo como uma folha ao vento-. Tenho a sensação de que a mulher que danificou seu computador deve ter se sentido um tanto extorquida - comentou com ironia, e o sorriso dele se desvaneceu imediatamente. Surpreendeu-se ao comprovar que havia meio doido um ponto débil. De maneira que, depois de tudo, Joel Kendrick era vulnerável.

-Levou a relação muito a sério - respondeu, e o coração de Kathryn se encolheu ao captar a mensagem. Sabia que não tinha sido dirigido a ela em concreto, mas poderia ter sido.

-Talvez não tivesse intenção disso. Talvez se apaixonasse por você.

Aquelas palavras provocaram um frio brilho no olhar dele.

-Eu não pedi que fizesse isso - disse, e ela sorriu.

-Ninguém pede para se apaixonar. É algo que acontece sem querer.

-A mim não, e não oculto que não tenho intenção de que me aconteça nunca.

Kathryn se estremeceu ante a firmeza do tom dele.

-Como pode estar tão seguro de que nunca se apaixonará? - perguntou com curiosidade.

-Porque para que acontecesse teria que acreditar nisso, e eu não acredito no amor - disse ele com firmeza, mas Kathryn viu imediatamente a falha de seu argumento.

-Você gosta muito da Agnes - disse com suavidade.

-Isso é diferente. O tipo de amor de que estamos falando entre homem e mulher não existe.

-Há milhões de pessoas no mundo que não estariam de acordo com você. Não podem estar todos enganados.

Joel encolheu os ombros com gesto cético.

-Se querem acreditar em contos de fadas, não vou ser eu quem irá impedir.

Kathryn moveu a cabeça com tristeza.

-Não me surpreenderia que algum dia o amor o golpeasse totalmente e demonstrasse como está enganado.

Joel riu alto e seu bom humor retornou com tanta rapidez como se foi.

-Nesse caso não vou conter o fôlego até que aconteça. E não deixe que essas fantasias a façam ter alucinações. Não gostaria de ver como se esbanja toda essa beleza.

Kathryn sorriu com confiança.

-Isso não acontecerá. Acontece que eu acredito que há um homem para mim em algum lugar aí fora. Acontece apenas que ainda não o conheci.

-E enquanto isso?

Kathryn riu e encolheu os ombros.

-Enquanto isso aproveito procurando, porque acontecem alguns fatos interessantes com o passar do tempo.

Joel se aproximou dela.

-Como vir aqui para arrumar meu computador?

Apesar da inquietante cercania, Kathryn conseguiu responder de forma animada. Se não tivesse tido que dar uma mão ao Drew, quem sabe quando teria podido conhecer outro lobo mau?

-Não tem medo de mim?

-Deveria ter? Acaso tem intenção de me devorar?

O fogo que brilhou nos olhos dele soltou faíscas.

-A idéia fica mais e mais tentadora conforme passa o tempo.

Os lábios dela tremeram e atraíram o olhar dele. Por absurdo que fosse a pele lhe fazia cócegas como se a houvesse tocado.

-Acredito que este é o momento em que deveria protestar e dizer que acabamos de nos conhecer.

Joel esticou uma mão e deslizou um dedo por seus lábios.

-Pode ser que sim, mas necessitamos apenas de alguns segundos para saber que nos desejamos mutuamente.

-De verdade sabemos? - perguntou zombadora.

-OH, sim, e tenho que fazer uma advertência; quando quero algo, estou acostumado a conseguir.

Kathryn teve que tragar saliva para responder.

-Não é bom que alguém obtenha sempre o que quer - replicou com elogiável calma.

O tom de Joel quando replicou foi de pura sedução.

-Resista quanto quiser. Isso fará que a vitória seja ainda mais doce.

O coração dela pulsou mais depressa. Como um felino que tivesse detectado sua vulnerabilidade, Joel tratava de desestabilizá-la. Mas não podia permitir que saísse com a sua.

-Que crédulo! Entretanto, sabe que poderia perder, não é verdade?

-Poderia, mas penso em fazer tudo o que esteja em minha mão para tentar que não seja assim.

-Sua arrogância é incrível.

-Minha forma de fazer amor é ainda mais - replicou ele.

Kathryn respirou fundo para tratar de acalmar os batimentos de seu coração. Drew tinha razão; aquele homem era perigoso. Se podia conseguir que suas defesas se desmoronassem sem empenhar-se muito nisso, o que aconteceria quando tentasse de verdade? Tinha chegado o momento de expor uma retirada estratégica.

-Terei que aceitar sua palavra a respeito. De momento estou mais interessada em me refrescar um pouco antes de jantar. Agnes me instalou no quarto rosa, não? - disse, com toda a compostura que pôde reunir:

-Por esta vez a deixarei escapar, mas não vai ser sempre assim. Tem que virar à esquerda no alto das escadas e seguir seu olfato. Sem dúvida, Agnes já teria posto a porta de aço para me manter afastado - acrescentou Joel em tom sarcástico, e Kathryn saiu da biblioteca como se acabassem de lhe fazer passar por um pau de macarrão.

Os acontecimentos tinham tomado um rumo insuspeitado. Não era aquilo o que esperava para o fim de semana. Joel Kendrick a desejava e ela correspondia. O problema era que nunca se envolveu em uma relação que não tivesse ao menos a perspectiva de um possível final feliz. E isso era o que teria que fazer se deixasse guiar por seu instinto. Ele tinha deixado bem claro. De repente, encontrava-se tendo que tomar decisões muito sérias e com muito pouco tempo para fazer isso.



## Capítulo 2

UMA VEZ no dormitório, Kathryn se deitou na cama para dar a suas pernas um merecido descanso. Sentia-se feita em pedacinhos. Nada poderia tê-la preparado para seu encontro com Joel Kendrick. Pensava em divertir-se um pouco, mas não esperava sentir-se tão atraída por ele, nem que a atração fosse recíproca.

Nunca havia sentido uma atração física tão intensa. O que podia fazer a respeito? Sabia que queria Joel, mas, o que ele queria?

Sem dúvida, ter uma aventura com ele seria uma experiência incrível, mas teria que romper suas regras, pois Joel já a tinha advertido de que não haveria futuro. Talvez gostasse de flertar, mas não era tola. Nunca seguia adiante em uma relação a não ser que pensasse que podia haver um futuro nela.

Mas uma parte dela dizia que aquela ocasião era especial, que seria uma estupidez deixá-la passar. Entretanto, se aceitava o que ele oferecia, estaria fazendo o que Drew havia dito: jogar-se por vontade própria nos braços do lobo. Valeria a pena fazer isso? Nunca saberia se não tentasse. Mas só ia

estar ali alguns dias e isso nem sequer daria para ter uma aventura em condições. Mais que nada seria um breve encontro, e ela respeitava a si mesma o suficiente para não sucumbir as suas paixões por algo tão superficial e passageiro.

Respirou profundamente. O sentido comum disse que não. Não devia permitir-se mais que um insignificante flerte, e isso tendo muito cuidado, pois não duvidava que Joel se aproveitasse da mínima oportunidade de sua mútua atração.

Uma suave batida à porta fez erguer-se sobre um cotovelo.

-Quem é?

-Drew.

-Entre - disse Kathryn uma vez que se sentava na beira da cama.

Depois de entrar e fechar a porta às suas costas, Drew a olhou com atenção. Kathryn se perguntou o que esperaria ver.

-Não precisa dizer nada, sei - disse ela em tom irônico, mas seu primo continuou olhando-a com expressão preocupada.

-Pode-se saber no que estava pensando? - perguntou. Kathryn o olhou com um ligeiro sorriso desenhado em seu rosto.

-Não era o tipo de situação em que se está acostumado a pensar muito - respondeu. Simplesmente, tinha respondido aos sinais que emitia Joel, e a seus próprios sentidos.

-Esse homem poderia quebrar seu coração.

Kathryn tomou a mão de seu primo e a estreitou com carinho.

-Não se preocupe. Não vou permitir e não tenho intenção de me deixar seduzir

-Mas se sente atraída por ele, não é verdade?

-Isso não posso negar. É um homem muito atraente. Mas não sou nenhuma estúpida. Sei quando parar.

Drew não parecia muito convencido, mas aceitou a palavra de sua prima.

-Só se assegure de deixar isso muito claro ao Joel.

Kathryn se levantou e puxou seu primo para que fizesse o mesmo.

-Tenho intenção de fazer isso. E agora, sai daqui e deixa que me lave um pouco. Estou morta de fome, e o delicioso aroma de comida que chega até aqui é uma autêntica tortura. Além disso, se andar de pressa, poderei dar uma olhada no computador antes de jantar. Quanto antes começar, antes acabarei e poderei ir para casa.

Aquelas palavras animaram Drew, que saiu do dormitório sem dizer nada mais.

Depois de suspirar profundamente, e devido a que era uma pessoa prática que não gostava de pensar no que poderia ter acontecido, mas que sim no que iria acontecer, Kathryn tirou com rapidez sua nécessaire da bolsa de viagem e saiu em busca do banheiro.

Tal e como aconteceram as coisas, Kathryn não teve tempo de dar uma olhada no computador antes de jantar. Quando, depois de vestir um vestido verde de lã de manga longa, desceu as escadas, encontrou-se com Agnes, que saía da cozinha.

-Está muito bonita com esse vestido, senhorita - disse.

Kathryn sorriu.

-Obrigado, Agnes. Algo cheira muito bem.

-Guisado do Lancashire. É o prato favorito do senhor. A mesa já está posta, assim não demorarei mais de uns minutos para ter tudo preparado. Enquanto isso pode ir beber algo na sala de estar - sugeriu Agnes de uma vez que apontava uma porta no outro lado do vestíbulo.

Kathryn estava tomando um Martini enquanto olhava umas fotos que havia sobre o suporte da chaminé da sala de estar quando um sutil movimento no ar da sala lhe disse que Joel acabava de entrar. Nunca havia se sentido tão conectada a um homem para detectar sua presença inclusive sem vê-lo. Era algo muito estranho, e não sabia o que deduzir disso. Ao voltar o viu junto à porta. Tinha um aspecto magnífico com a camisa de seda branca e a calça preta que pôs para jantar. Quando avançou para ela com a elegância de uma pantera, o estômago dela se encolheu de desejo.

-Estou pronto para te comer - murmurou, e seu olhar fez aflorar os nervos de Kathryn com tal facilidade que foi um milagre que não se derretesse ali mesmo.

-Acreditava que seu prato favorito fosse o guisado de Lancashire - replicou, sem fôlego.

Ele sorriu.

-No referente à comida, sim. Entretanto, o apetite que acorda em mim só se saciaria contando com sua presença em minha cama.

Kathryn optou por agarrar-se a sua decisão de não ceder sob nenhum conceito.

-Se olhar com atenção a carta, comprovará que não estou no menu - replicou com suavidade, e viu que o sorriso dele se alargava.

-De verdade me deixaria morrer de fome? - perguntou em tom zombador.

-Por algum motivo, duvido que fosse passar fome muito tempo - replicou ela e, extremamente, doeu-lhe dizer isso; coisa absurda, pois sabia que para Joel ela não era mais que uma diversão passageira.

-Às vezes, a fome só pode ser satisfeita por uma única coisa... ou por uma única mulher - insistiu ele.

Kathryn deu um gole a sua bebida, temendo que tivesse razão. Joel tinha entrado com sua artilharia pesada e, sem dúvida, suas defesas estavam sendo debilitadas por causa do ataque. Necessitava da bebida para fortalecer sua resolução.

-Mas a fome é algo muito volúvel; agora quer uma coisa e no momento seguinte outra - respondeu, mas ele negou com a cabeça.

-Não sempre. Às vezes leva muito tempo para saciar a fome.

-Mas não para sempre - replicou Kathryn imediatamente, e ele reconheceu sua resposta com um assentimento da cabeça.

-Não, não para sempre. Tudo se apazigua e diminui com o tempo - disse enquanto se aproximava da bandeja em que estavam as bebidas para servir um uísque. Depois de dar um gole, olhou para Kathryn por cima da borda do copo.

-Há uma exceção, embora, conhecendo sua opinião sobre o amor, não acredito que vale a pena mencioná-la - disse ela.

-De verdade acha que esse amor no que acredita pode durar para sempre? - perguntou Joel com curiosidade.

-Sim, mas deve haver cuidado para consegui-lo. Nunca pode dá-lo por sentado, mas quanto mais o alimento, mais crescerá - respondeu Kathryn com total convicção.

Ele franziu o cenho.

-Pode dizer isso apesar de ter sido testemunha do fracasso do casamento de seus avós?

Kathryn suspirou.

-Esse casamento fracassou porque só um dos membros do casal amava de verdade. Minha mãe me disse muitas vezes que minha avó amava meu avô, mas que não pôde suportar seguir suportando a frieza dele.

-O que aconteceu com sua avó?

A pergunta a pegou de surpresa.

-Na realidade não sei - disse com tristeza -. Houve um divórcio muito complicado e uma amarga batalha pela custódia, que meu avô ganhou. Essa foi a última vez que alguém a viu - acrescentou, com um leve encolhimento de ombros.

-Sente falta dela? - perguntou Joel.

Kathryn suspirou, pois seus sentimentos a respeito de tudo aquilo eram mais complexos do que poderia expressar uma simples resposta.

-É difícil sentir falta de alguém que não conheceu. O que sinto falta de é não tê-la conhecido. Eu gostaria de saber tantas coisas sobre ela... - disse, e sorriu com pesar -. Suponho que eu gostaria de perguntar por que não veio nunca ver minha mãe. Não posso perguntar a meu avô porque ele nunca fala dela. É um mistério que não sei como resolver.

-Tentou localizá-la alguma vez?

-Não saberia por onde começar - respondeu Kathryn com saudade, mas em seguida fez um esforço por animar-se-. E você? Seus pais ainda vivem?

-OH, sim. E estão em plena forma apesar de que o ano passado celebraram suas bodas de ouro. Agora mesmo estão no Canadá, visitando uns parentes. Logo irão ao Hawaii.



-De maneira que não foram eles os que o tornaram tão cínico em respeito ao amor. Isso significa que teve que ser uma mulher - Kathryn observou atentamente ao Joel enquanto dizia aquilo, mas a expressão deste não revelou nada.

Em lugar disso, elevou uma sobrancelha.

-Você acha?

Ela riu com suavidade.

-Tem que ser assim. Além disso, não negou. O que fez? Deixou você por outro homem?

Joel negou com a cabeça.

-Não pôde fazer isso, porque é apenas um produto de sua imaginação.

Kathryn entrecerrou os olhos.

-Hmm, já vejo. É muito interessante. Se não foi uma mulher, então devem ter sido todas. No que falhamos para ter chegado a te convencer de que o amor não existe? - fez a pergunta para si mesma, e quase imediatamente viu a resposta-. Não o vemos como um homem, verdade? O que vemos é uma conta no banco, uma fonte inesgotável de dinheiro. É isso, verdade? - insistiu convencida de que tinha razão.

Em resposta, Joel terminou sua bebida e deixou o copo na bandeja. Quando voltou a olhá-la havia um perigoso brilho em seus olhos.

-É muito perceptiva.

-Isso é porque eu tenho um problema similar. Meu pai é um homem muito rico e eu sou sua única filha, o que me transforma em sua herdeira e, portanto, em objetivo prioritário para muitos homens que gostariam de poder por a mão no dinheiro que acreditam que um dia terei - disse Kathryn com uma careta de desagrado.

-E, entretanto continua acreditando em contos de fadas - disse Joel em tom zombador.

Ela elevou o queixo com gesto desafiante.

-Isso é porque sei que nem todos os homens são iguais. Nem todas as mulheres.

Joel se aproximou dela e apoiou uma mão sob seu queixo.

-Não é essa minha experiência. Prefiro acreditar no que sei que existe, no desejo. O amor é uma falácia, mas a atração sexual é muito real. É algo que se sente. Agora mesmo seu coração está pulsando um pouco mais depressa, não é mesmo? Posso ver no delicioso pulso de sua garganta. Está me impulsionando a beijá-lo, a saborear sua pele - sussurrou roucamente.

O coração dela pulsou ainda mais depressa para ouvir a tentadora chamada do desejo. Ela também queria que Joel fizesse aquilo. Sua carne

parecia exigir que cedesse, e foi incrivelmente doloroso afastar-se dele.

-Não acredito que este seja o momento nem o lugar adequado para o que tem em mente - replicou com ironia, e ele sorriu.

-De todos os modos você sentiu. Está sentido o desejo.

-Pode ser que sim, mas neste momento sinto uma fome mais urgente que está reclamando ser satisfeita. Não comi durante todo o dia - replicou Kathryn, com a intenção de pôr ordem no caos de sensualidade que sentia cada vez que estava perto daquele homem.

Joel riu.

-Nesse caso, o mais importante é resolver isso primeiro. Assim será ainda melhor a espera.

-O que será melhor? - perguntou Drew, que acabava de entrar na sala de estar.

Consciente de que, se tivesse chegado um momento antes, a teria encontrado virtualmente nos braços do Joel, Kathryn ficou pálida.

-A comida - respondeu, com uma despreocupação que estava muito longe de sentir-. Estava dizendo que não comi durante todo o dia e que morro de fome.

-Eu também - disse Drew e, para recalcar sua resposta, seu estômago grunhiu sonoramente.

-Sirva-se de uma bebida, Drew - sugeriu Joel, sorridente-. Eu vou ver por que Agnes está atrasando tanto.

Assim que ficaram a sós, Drew se voltou para sua prima.

-Assim que a comida, não? - disse em tom irônico.

Kathryn o olhou com gesto desafiante.

-A que outra coisa podia me referir? - replicou em tom provocador.

Por uma vez, Drew decidiu calar. Kathryn terminou seu Martini e sentiu a tentação de preencher sua taça. Joel tinha ganhado o primeiro assalto. Ela esperava fazer melhor no segundo.

A comida estava tão deliciosa como prometia. A carne e as verduras estavam em seu ponto, e o pão que os acompanharam era delicioso. Os dois homens passaram quase todo o momento falando da viagem que empreenderia Drew no dia seguinte a Alemanha. Kathryn não se incomodou em seguir o fio da conversa, pois o trabalho do Drew era tão

misterioso para ela como o seu para ele, de maneira que se limitou a desfrutar placidamente da comida.

-Sinto muito - desculpou-se Joel mais tarde enquanto tomavam o café-. Foi um tanto grosseiro excluí-la da conversa, mas tínhamos que esclarecer alguns detalhes antes que Drew partisse.

Kathryn encolheu os ombros. Não era tão vaidosa para necessitar de atenção constante.

-Não há problema. Estava muito mais interessada em minha comida, Agnes é uma cozinheira estupenda.

-Me assegurarei de lhe transmitir sua opinião - disse Joel enquanto deixava sua taça vazia sobre a mesa-. Não é muito tarde. Se não estiver muito cansada, poderíamos ir dar uma olhada no computador.

Kathryn nunca estava muito cansada para trabalhar com um computador. Assentiu e ficou em pé.

-Por mim não há problema. Vem, Drew?

-Se não se importar, não. Os computadores me deprimem. Vão vocês e se divirtam - brincou, mas seu sorriso se desvaneceu enquanto os via sair.

O estúdio do Joel se achava no final da casa e contava com todo o último em informática, mas não

podia utilizá-lo pelo que tinha deixado uma mulher zangada.

-De maneira que esta é a cena de crime - disse Kathryn em tom irônico enquanto olhava a seu redor com interesse -. Ao menos não se dedicou a destroçar tudo. De acordo, vejamos que dano causou - sentou-se ante o computador e o ligou. O primeiro que apareceu foi uma mensagem informando que Joel tinha correio -. Ao menos, ainda funciona a Internet - comentou, com a esperança de que fosse um bom sinal-. Quer vê-lo?

Joel se situou atrás dela e apoiou as mãos no encosto da cadeira.

-Sim.

Kathryn pulsou o mouse e na tela apareceu uma mensagem curta e doce cuja remetente era tal Magda.

-Deduzo que é ela, não? - disse em tom zombador, pois a mensagem era muito explícita em relação ao que Joel podia fazer com determinada parte de sua anatomia.

-Tem um temperamento muito volátil - disse Joel a modo de confirmação.

Isso era evidente.

-Seu conhecimento da anatomia humana parece um tanto básico. Sabe que pode fazer isso na prática? - brincou Kathryn por cima do ombro.

-Se importaria de continuar? - grunhiu ele, irritado, e ela reprimiu um sorriso.

-Trabalharia melhor se não estivesse grudado às minhas costas - disse.

Em lugar de afastar-se, Joel inclinou a cabeça até que sua boca esteve junto ao ouvido dela.

-Incomoda-se que esteja tão perto? - perguntou. Seu tom rouco e sensual fez que ela sentisse que toda a pele lhe fazia cócegas.

-Absolutamente - respondeu.

-Mentirosa - murmurou Joel, e a seguir sorriu.

Kathryn fechou por um instante os olhos ao sentir que uma poderosa onda de desejo percorria seu corpo. Alegrou-se de estar sentada, porque permanecer de pé teria exigido todo um esforço.

-Tome cuidado - advertiu enquanto ficava a toda velocidade -, porque eu poderia fazer algo muito pior do que Magda.

Mas depois de um rápido exame do sistema comprovou que Magda não era nenhuma novata no terreno da informática.

-Tem uma idéia exata do que falta?

Joel franziu o cenho.

-Todo o trabalho que tenho feito ultimamente sobre vários projetos.

-Fazia cópias em disquetes? - Kathryn só precisou dar um rápido olhar ao rosto do Joel para saber a resposta.

-Estou acostumado a fazer cópias no disco rígido, mas não consegui encontrar nada. Suponho que também as tenha apagado.

Kathryn suspirou.

-No futuro, recomendo que faça cópias em discos e os guarde em algum lugar seguro. A princípio, diria que todos seus arquivos desapareceram. Terá que averiguar se sua amiga estava o suficientemente zangada para apagá-los ou se apenas os excluíram. Se for assim, poderia recuperá-los com um pouco de trabalho. Mas se quis ser realmente malvada, é possível que tenha infectado com um vírus.

- Sempre mantenho meus antivírus em dia - disse Joel.

-Menos mal - disse Kathryn, aliviada para ouvir aquilo-. De todos os modos, antes de continuar, vou me assegurar de que não tenha posto uma armadilha. Suponho que sabe que existe a possibilidade de que sua amiga não estivesse fisicamente aqui quando danificou seu computador,



não? Pode ter entrado em sua base de dados do seu. Suspeito que, depois de seus indubitáveis encantos femininos Magda é uma perita em pirataria da informática - quando voltou o olhar para ele viu que este tinha o cenho franzido.

-Não sabia - admitiu resistente.

A confissão fez que Kathryn risse em tom zombador.

-Bom, a final de contas, o que o interessava dela não era precisamente seu cérebro, não? - disse com doçura.

Joel sorriu com pesar.

-A verdade é que não nos dedicamos a falar muito - confirmou.

-Talvez devesse começar a investigar suas mulheres com mais atenção. Estamos no século XXI. Faz tempo que as mulheres deixaram de ser meros objetos sexuais. Têm cérebro, e inclusive o utilizam.

Joel rodeou a cadeira, apoiou um quadril contra a escrivaninha e cruzou os braços como se estivesse disposto a ficar ali para sempre.

-Sou muito consciente disso. Para sua informação, direi que em minha organização há uma alta percentagem de mulheres em cargos de responsabilidade.

-Alegra-me saber disso.

-Podemos nos centrar no assunto? O que quero saber é se pode reparar os danos.

Kathryn enlaçou as mãos sobre seu colo.

-Sim, posso. Mas vai levar mais tempo do que esperava.

O alívio dele foi evidente.

-Tome todo o tempo que necessite. É obvio, pagarei o que me pedir. Não vou discutir a fatura porque necessito desses arquivos, e os necessito para ontem.

Kathryn sorriu.

-Nesse caso, será melhor que continue trabalhando. Assim que tenha assegurado de que não vai surgir nenhuma surpresa desagradável poderei ir mais rápido. Pode pedir ao Drew que traga minha caixa de ferramentas? - perguntou enquanto voltava a teclar.

-Eu posso ir buscar. Como é?

-É uma pequena carteira negra. Deixei-a na penteadeira de meu dormitório - respondeu, distraída. Não ouviu que Joel saía nem que um momento depois retornava e deixava a carteira na mesa.

Já era tarde quando por fim desligou o computador. Ao afastar a cadeira da mesa seu corpo

protestou por causa do tempo que estava na mesma posição. Bocejou e se estirou.

-E bem? Qual é o veredicto? - perguntou uma suave voz do outro lado da sala, e ela esteve a ponto de dar um pulo no assento.

Quando se voltou, viu Joel sentado em frente a uma mesa com um maço de folhas na mão.

-Esteve aí todo o tempo? - perguntou assombrada, e ele assentiu.

-Quase. Saí uma vez para um café. O seu já deve estar gelado - disse divertido.

Kathryn piscou e se fixou pela primeira vez em uma xícara que havia junto a seu cotovelo.

-Não ouvi - confessou, e ele sorriu com suavidade.

-Não teria ouvido nenhuma correria de elefantes - disse com ironia.

-A verdade é que tendo a me concentrar muito em meu trabalho.

Trocaram sorrisos e em um abrir e fechar de olhos o ar pareceu espessar-se entre eles. Kathryn viu como aumentava a intensidade do olhar dele até que não teve outro jeito que afastar o seu.

-Vai vir aqui, ou vou ter que ir aí? - perguntou ele, em um tom tão carregado de paixão que Kathryn se estremeceu.

-Penso que... -começou, mas se interrompeu ao ver que Joel deixava os papéis e se levantava.

-Não pense - interrompeu com voz rouca enquanto rodeava a mesa e se aproximava dela-. Estive a ponto de ficar louco estas duas últimas horas vendo como mordida esses deliciosos lábios enquanto pensava.

Esticou as mãos, tomou pelos ombros e a fez ficar em pé. Kathryn tentou protestar, mas seu coração não estava nisso. Elevou as mãos para afastá-lo, mas em lugar disso se encontrou apalpando os fortes e quentes músculos de seu peito através da camisa. Tragou saliva e elevou o olhar. «Faz algo», insistiu seu cérebro, e Kathryn obedeceu. Fechou os olhos enquanto Joel inclinava a cabeça para ela. Quando suas bocas se encontraram, sentiu uma onda de prazer tão intenso, que temeu que seus ossos fossem derreter. Ao sentir o roçar de sua língua entreabriu os lábios para dar as boas - vindas a sua posse.

Em um instante, o mundo pareceu se apagar. Só permaneceram as sensações. De algum modo, seus braços acabaram em tomo do pescoço dele. De muito longe, ouviu que este gemia, sentiu que a estreitava contra seu corpo enquanto suas línguas se acariciavam com paixão.

Poderia ter sido um só beijo; poderia ter sido uma dúzia. Somente a necessidade de respirar os obrigou por fim a separar-se. Olharam-se o um ao outro, ofegantes, com os lábios avermelhados.

Os olhos azuis dele se obscureceram.

-Acredito que não esperava algo assim - confessou com voz rouca.

Kathryn estava segura de que não esperava algo assim. Tinha sabido do primeiro momento que aquele homem poderia fazer sentir com mais intensidade que qualquer dos outros que tinha conhecido, mas com aquele beijo tinha entrado em todo um novo mundo de sensações. Sua resposta tinha sido tão rápida, tão intensa... Nada do que tinha experimentado até então podia comparar-se com aquilo.

-Não deveria ter feito isso - sussurrou.

-Você não me impediu. Queria que fizesse - disse sem necessidade, pois ela sabia muito bem quanto imprudente tinha sido seu comportamento. Mas já era muito tarde. A partir desse momento, sempre saberia o que estava perdendo.

Separou-se dele com mãos trementes.

-Pode ser que sim, mas ambos sabemos que foi um engano - disse com tanta calma como pôde.

-Se isso foi um engano, espero cometer muitos outros - respondeu Joel.

-Não - protestou, e suspirou pesadamente-. Admito que gostei, mas vim aqui para trabalhar, não para... ter uma aventura com você! - disse com mais convicção enquanto seu corpo começava a recuperar um ritmo mais parecido ao normal.

Joel elevou as sobrancelhas com gesto de interrogação.

-Não pode fazer as duas coisas?

-Não quero fazer! - mentiu ela.

-Claro que sim - disse Joel em tom zombador.

Kathryn gemeu ao compreender que se achava metida em um buraco que muito em breve seria muito fundo para sair dele.

-Não tenho intenção de ter uma aventura com você, Joel - insistiu apesar de tudo.

-Pode dizer isso quando há apenas um minuto estava ardendo entre meus braços?

Kathryn cruzou os braços e elevou o queixo com gesto desafiante.

-Estou dizendo.

Joel se limitou a sorrir.

-Para mim, isso é uma provocação. Me dará uma grande satisfação, e a você também, conseguir que coma suas palavras.

-Eu não tentaria se estivesse em seu lugar - replicou Kathryn em tom gelado.

Joel a imitou cruzando os braços e voltou a sorrir.

-E o que fará para impedir isso? Já comprovamos que quando nos abraçamos se põe de meu lado.

-Isso não voltará a acontecer.

-Que iludida! - burlou-se Joel.

Kathryn esteve a ponto de lhe dar um pisão, mas se reprimiu.

-Isto não vai nos levar a nada - replicou com dignidade-. Você faz o que sentir que tem que fazer, mas não obterá nenhuma cooperação por minha parte.

-Isso teremos que comprovar, não? E agora, já esta tarde hora de que ir para a cama. Fará-te bem descansar.

-Não me dê ordens. Não sou nenhuma menina. O brilho dos olhos dele se intensificou.

-Isso já sei. É toda uma mulher, Kathryn Templeton.

Como as arrumava aquele homem para ser tão rápido com suas respostas?

-É o homem mais... OH, vou para a cama! - exclamou Kathryn, frustrada. Precisava afastar-se

dele quanto antes para recuperar o equilíbrio-. Boa noite - disse enquanto se encaminhava para a porta.

-Boa noite, Kathryn - sussurrou Joel atrás dela, e o som de sua voz foi a sedução mesma-. Que tenha doces sonhos.

A resposta de Kathryn foi fechar a porta com firmeza a suas costas e dirigir-se para as escadas. Estava segura de que sonharia, mas seus sonhos não seriam precisamente doces. OH, não. Tal e como foram as coisas, o mais provável era que seus sonhos fossem ser extremamente eróticos. Enquanto subia as escadas era muito consciente de que, para não ter intenção de relacionar-se com aquele homem, a perspectiva de fazer isso não a preocupava tanto como deveria.



# Capítulo 3

Na manhã seguinte, Kathryn tomou o café da manhã sozinha, coisa que preferiu. Tinha dormido, mas seus sonhos tinham sido tão eróticos como temia. Tinha sido uma noite cansativa em todo o sentido da palavra e, como consequência, não podia dizer que se sentisse em plena forma.

Drew tinha saído na primeira hora para tomar seu voo para a Alemanha, e isso tampouco ajudou a animá-la. Mas respirou aliviada quando Agnes disse que Joel tinha insistido em levá-lo a aeroporto. Pareceu-lhe boa idéia poder atrasar o momento de ver um homem tão perspicaz como ele.

Estava tomando sua segunda xícara de café quando ouviu que chegava o carro. Não se voltou quando Joel entrou na cozinha... e saltou como um gato escaldado quando ele apoiou as mãos em seus ombros e se inclinou para lhe dar um beijo no pescoço.

-Bom dia, Kathryn - saudou com calidez, e a soltou antes de dar a oportunidade de protestar.

Molesta por não ter antecipado sua manobra, Kathryn o brocou com o olhar enquanto ele

ocupava uma cadeira em frente a ela e se servia uma xícara de café.

-Boa tarde - replicou com frieza e ele elevou as sobrancelhas.

-Não dormiu bem? - perguntou aparentemente preocupado, mas ela sabia muito bem no que estava pensando.

-Nunca durmo bem em camas desconhecidas - replicou-. Mas como serão apenas duas noites, acredito que sobreviverei.

-Poderiam ser mais de duas noites. Ao que parece, aproxima-se um temporal de ventos fortes e neve - disse Joel em tom despreocupado.

Kathryn franziu o cenho.

-O que significa isso exatamente? - perguntou. Contava ir embora ao dia seguinte, e a possibilidade de que não fosse assim lhe produziu uma grande preocupação.

-Significa que amanhã poderíamos amanhecer rodeados de neve e sem possibilidade de sair da casa. É algo a que estamos acostumados por aqui.

-Não fala a sério! - exclamou Kathryn, assustada.

Joel assentiu.

-Já estava começando a nevar quando retornava do aeroporto. Mas não se preocupe; se chegasse a acontecer, aqui estaria a salvo.

Aquilo não a consolou. A definição de «estar a salvo» dependia do ponto de vista. Não seria nada seguro estar ali encerrada com ele, mas não podia ir até que não tivesse terminado com seu trabalho. Olhasse do ponto de vista que olhasse, estava apanhada. Somente poderia rezar para que o temporal não fosse tão forte como se esperava.

-É incrível? - disse Joel, fazendo-a saltar de seu devaneio -. Apesar de que estou acostumado a dormir aqui, esta noite me foi muito difícil conciliar o sonho. Não deixava de recordar quão agradável tinha sido te ter entre meus braços. Queria voltar a te sentir entre eles. Imaginava em minha cama, com seu maravilhoso cabelo estendido sobre o travesseiro... Era muito erótico - acrescentou com rouca sensualidade, e Kathryn pôde visualizar a imagem sem nenhum esforço.

Seu corpo respondeu por instinto. Sentiu um imediato calor entre as pernas de uma vez que seus mamilos afloravam, desejando ser acariciados. O pior era saber que podia conseguir isso somente rodeando a mesa e aproximando-se de Joel. Fazer amor com ele seria uma experiência inesquecível

para ela. Mas duvidava que para ele fosse ser o mesmo. Saber que a substituiria com rapidez por outra mulher fez que permanecesse sentada em sua cadeira.

-De maneira que acredita nas fantasias, mas não nos contos de fadas, não? - replicou, em um intento de trocar o curso da conversa.

Ele sorriu.

-Há uma sutil diferença; as fantasias podem chegar a ser realidade, mas os contos de fadas não.

-Acaso o assusta o compromisso? É isso o que acontece? - perguntou Kathryn com genuína curiosidade.

Joel negou com a cabeça.

-Quando decidir me casar dedicarei toda minha atenção à relação, mas não a disfarçarei com o falso brilho do amor e do romantismo.

-Assim tem intenção de se casar - perguntou Kathryn ante sua inesperada resposta.

-É obvio. É possível ter um bom casamento apoiado no mútuo respeito. É algo bastante habitual.

Isso era certo, mas soava tão... frio. Por intensa que fosse a paixão física nunca poderia substituir o verdadeiro amor. Este sobrevivia quando a primeira desaparecia.

-Suponho que sim - admitiu Kathryn, receosa -. Entretanto, não me bastaria. Mas já que esse parece um assunto no qual não acredito que nos ponhamos de acordo, o melhor será que vá ao estúdio. Hoje quero avançar tudo o que possa em meu trabalho - disse enquanto ficava em pé.

-Eu irei dentro de um momento.

-Não é necessário - replicou Kathryn com rapidez-. Se precisar consultar algo, posso perguntar. Ele sorriu como se tivesse adivinhado seu raciocínio.

-Estou seguro disso, mas é que eu também tenho que trabalhar. Assim me terá a mão em caso necessite - acrescentou com ironia.

-Nesse caso, nos veremos dentro de um momento - disse Kathryn em tom falsamente despreocupado antes de sair da sala.

Uma vez no estúdio, concentrou-se sem esforço em seu trabalho. Recuperar os arquivos não era difícil, mas levava tempo. A manhã quase tinha acabado.

Satisfeita, voltou-se para Joel, que estava examinando uns papéis em sua mesa. Tinha sido consciente de sua presença desde que tinha chegado, mas não tinham trocado uma só palavra em todo aquele momento... o que tinha sido um

alívio. Entretanto, naqueles momentos teve que chamar sua atenção pigarreando.

Joel afastou a vista dos papéis que estava examinando e a olhou com expressão distraída.

-Recuperei tudo até a data em que acredita que Magda entrou em seu sistema. Será melhor que venha comprovar.

Joel ficou imediatamente em pé e se aproximou dela.

Kathryn esperava que se sentasse a seu lado, mas ele escolheu ficar atrás dela, com uma mão apoiada sobre a mesa. O almiscarado aroma de sua loção de barbear assaltou imediatamente os sentidos dela.

-Deixa que... -começou Joel de uma vez que esticava o outro braço para pegar o mouse.

De repente, Kathryn se viu apanhada entre seus dois braços. Sua respiração ficou mais agitada ao sentir a pressão de seu torso nos ombros e na cabeça. Esteve a ponto de ceder ao impulso de apoiar-se contra ele e deixar que a abraçasse.

-É estranho - murmurou ele um momento depois.

Kathryn se ergueu imediatamente e afastou de sua mente aqueles pensamentos absurdos.

-A que se refere?

-Os arquivos em que estava trabalhando não aparecem.

Kathryn franziu o cenho.

-Tem certeza? Com que nome os guardou? - Joel disse e ela tomou o mouse. Necessitou apenas de um momento para comprovar que era certo. Tinha recuperado os arquivos apoiando-se nas datas, mas aqueles faltavam-. Vou voltar a revisar todos os passos. Pode ser que sua amiga entrasse mais de uma vez e que esses arquivos tivessem uma data diferente. Dê-me um pouco mais de tempo para comprovar - sem esperar que Joel respondesse, começou a trabalhar de novo.

Meia hora depois, apoiou-se contra o encosto da cadeira com expressão séria. Cruzou os braços e se voltou para ele. Este ficou tenso ao ver sua expressão.

-Não estão aí - disse, e ela assentiu.

-Não. Era vital a informação que conservava neles? - não era mera curiosidade. Kathryn precisava saber para decidir o que fazer a seguir.

Joel passou uma mão pelo cabelo.

-Eram estritamente confidenciais e faziam referência a alguns projetos novos em que estou trabalhando. Utilizava-os muito. Acredito que Magda comprovou quais eram os arquivos que

mais tinha utilizado nos últimos dias e os apagou por prazer - disse, em um tom que prometia vingança se voltasse a encontrar-se com aquela mulher.

Kathryn se estremeceu. Não gostaria de ter Joel Kendrick como inimigo. Desgraçadamente, o que ia dizer a seguir não ia servir para que melhorasse seu humor.

-Há outra possibilidade.

-Qual?

-Pode que Magda copiasse os arquivos em discos e logo os apagasse do computador para que pensasse isso precisamente - respondeu Kathryn, e conteve o fôlego ao ver a expressão atônita dele.

-A muito...! - exclamou entre dentes.

-Então, é possível?

-Mais que possível - assentiu Joel, enfurecido.

Kathryn tossiu antes de expor sua próxima pergunta.

-Até que ponto conhecia Magda? Não quero ser uma desmancha-prazeres, mas, acha que atuou assim por despeito, ou existe a possibilidade de que chegasse a te conhecer com outro propósito?

-Eu mesmo estava começando a me perguntar isso - respondeu Joel, que parecia a ponto de estalar de ira-. De acordo, ponha o casaco - disse de



repente-. Vamos sair para dar um passeio. Tenho que pensar, e para fazer isso preciso respirar ar fresco.

Embora elevasse as sobrancelhas por causa da surpresa, Kathryn não protestou. Joel já tinha suficientes problemas para lhe dar mais. Sem dizer nada, desligou o computador e subiu a seu quarto para vestir um jeans e um pulôver grosso. Depois de pegar seu casaco, desceu ao vestibulo, onde Joel a esperava caminhando de um lado a outro. Pôs um grosso jaquetão, um gorro de lã e um cachecol.

-Você vai congelar só com esse casaco - disse ao vê-la, e procedeu a lhe pôr um gorro de lã de cor nata e, antes de lhe dar tempo para protestar, um cachecol combinando.

Sentindo-se como uma menina a que estivessem vestindo para sair, Kathryn não pôde evitar sorrir.

-O que é tão divertido? - perguntou ele.

-Estava imaginando você fazendo isto a seu próprio filho. Seguro que seria um bom pai - disse, em um tom mais rouco do que pretendia.

Joel a olhou com o cenho franzido enquanto colocava as luvas.

-E deduziu isso em como coloquei o gorro e o cachecol em você?

Kathryn assentiu.

-Sim, porque apesar de estar zangado, e tendo um montão de coisas mais importantes em que pensar se preocupou por meu bem-estar. Chama-se «carinho», se por acaso não sabia - acrescentou em tom irônico.

Joel dedicou a ela um sombrio olhar.

-Não tire conclusões precipitadas. Apenas não quero que se resfrie por minha culpa. Tem luvas? Ponha ordenou.

-Sim, papai - respondeu Kathryn com recato, e quando olhou ao Joel viu que sorria.

-Deixa disso já, ou corre o risco de que comece a me comportar como um pai de verdade e puxe suas orelhas.

Kathryn afundou a cabeça entre os ombros para ocultar outro sorriso e o seguiu ao exterior. Assim que o frio a golpeou se alegrou imensamente de levar o gorro e o cachecol. Apenas nevava um pouco naquele momento, mas o vento tinha aumentado e parecia que a frente prometida não ia demorar a chegar.

Joel ficou a caminhar a passo rápido para o lago próximo a casa. Kathryn teve que fazer verdadeiros esforços para seguir seu passo, mas não protestou. Podia imaginar o que devia estar pensando, mas

sabia que não devia ser agradável. Se alguém tivesse entrado em seu computador e lhe tivesse roubado uns arquivos, ela também teria se sentido muito irada. Naquele momento, Joel se sentia traído.

De repente, sem prévia advertência, parou. O movimento foi tão repentino, que Kathryn não pôde evitar se chocar contra suas costas.

-OH, sinto muito! - desculpou-se enquanto ricocheteava para trás.

Um longo braço a sustentou antes que caísse. Joel se fixou em quão agitada era sua respiração e franziu o cenho.

-Não está em forma.

Depois de ter se esforçado por segui-lo sem protestar, aquele comentário doeu em Kathryn, que afastou sua mão com firmeza.

-Estou em perfeita forma, muito obrigado. Deveria ter me avisado que estávamos participando de uma maratona - protestou, e Joel teve o detalhe de mostrar-se um pouco envergonhado.

-Sinto muito. Tinha esquecido que estava me seguindo.

-Que insultante! Exige em plano sargento que saia com você e imediatamente me relega ao

esquecimento - protestou Kathryn, e se surpreendeu ao comprovar quanto lhe aliviou ver que ele sorria.

-Isso não poderia acontecer nunca - disse Joel, e moveu a cabeça-. Teria mantido esse passo até cair exausta?

Kathryn encolheu os ombros.

-Como um cão fiel. Contava com que lamentasse quando se desse conta do que tinha feito. Imaginava inclinado sobre meu corpo inconsciente, amaldiçoando seu egoísmo.

-Por que não me disse que estava andando muito rápido para você?

Kathryn moveu uma mão com gesto despreocupado.

-Na realidade não estava preocupada. De todos os modos, acredito que deveria fazer você ver que, por mais que corra, não vai deixar atrás o problema. Mas se você está decidido a converter suas pernas em cotos, eu estou disposta a te acompanhar.

Joel lhe dedicou um olhar estranho, como se não soubesse o que pensar dela.

-Assim como um cão fiel, não?

Kathryn sorriu.

-Algo assim. Parece que o ar é o bastante fresco para pensar?

Joel olhou a seu redor e respirou profundamente.

-Não há dúvida de que é fresco - admitiu-. Será melhor que andemos de novo, ou poderíamos nos congelar.

Naquela ocasião passaram a caminhar a um ritmo mais razoável. Joel se inundou de novo em seus pensamentos, e Kathryn o deixou. Sabia que falaria quando tivesse algo a dizer.

Pouco depois, Joel foi reduzindo o passo até deter-se em frente ao lago. Kathryn encontrou um tronco caído, afastou a neve de cima e se sentou. Joel não demorou a falar.

-Isto é algo que deveria ter esperado, mas o último incidente aconteceu faz tanto tempo que me tornei descuidado. Não o vi vir - explicou.

-Esperava isso? - perguntou Kathryn, surpreendida.

-Não isto em concreto, mas sim algo parecido. Mas antes de nada será melhor que te explique o acontecido com a Magda. Conheci-a faz mais ou menos um mês. Chocou-se com meu carro enquanto dava marcha ré. Naquele momento suspeitei que tivesse sido um acidente deliberado para chamar minha atenção, mas isso não é estranho - disse Joel com uma boa dose de ironia.

Kathryn imaginou com facilidade a cena. Beleza loira em apuros. Tipo forte e atraente que oferece consolo, diz-lhe que não se preocupe com o acontecido... e encontro obtido.

-E agora não acha que seu encontro tenha sido casual, não?

Joel se voltou a olhá-la.

-Tendo em conta as datas, não. Tinha esquecido, mas agora me dei conta de que nos estamos aproximando do aniversário. Tudo isto não tem nada que ver com os negócios. Trata-se de um homem vingando-se de outro.

-Vingando-se por quê? - perguntou Kathryn com cautela.

Joel suspirou com pesar.

-Por algo que fiz faz muito tempo. Gray, o homem que acredito que se acha atrás disto, era meu melhor amigo até que me envolvi com sua namorada. O que eu não sabia era que Gray estava apaixonado por ela, e o que ele não sabia é que ela se jogou em meus braços. Equivoquei-me ao não recusá-la. Em resumo, ela ia conseguir o que pudesse. Mas não me serviu de nada dizer a Gray. Negou-se a escutar. Sabia apenas era que tinha roubado à mulher que amava. Após não deixou de fazer o possível por vingar-se. Esta última proeza

deve ser coisa dele. Estou quase convencido de que persuadiu Magda para que fizesse isso por ele.

Kathryn pensou que aquilo tinha todos os ingredientes para se transformar em uma peça de teatro na Broadway.

-Compreendo - disse-. Mas o importante é saber se seu antigo amigo pode utilizar esses arquivos para te prejudicar.

Joel foi sentar-se no tronco junto a ela.

-Não. Não trabalhamos no mesmo campo. Acredito que Magda levou esses arquivos porque viu que eram os últimos em que estava trabalhando, não por seu conteúdo. Mas Gray se dará conta de sua importância se lhes der uma olhada.

-E o que fará com eles?

-Não tenho nem idéia. Mas não descarto que os conserve até que considere que ficamos em paz.

-Hmm... Parece que te tem entre a espada e a parede. Se fizer o que te peça, acha que te devolverá os arquivos?

-Acredito que sim. Apenas quer me fazer sofrer uma temporada - disse Joel com gravidade-. Tenho que aceitar que foi muito preparado. Conhece-me o suficiente para ter escolhido o único modo de colocar alguém em minha casa sem me fazer suspeitar de nada.

Kathryn golpeou o chão com os pés, que estava começando a ficar frios, e decidiu não fazer nenhum comentário.

-O que pensa em fazer? - perguntou. Joel não parecia o tipo de homem disposto a passar por cima de algo assim, e ele confirmou isso imediatamente.

-Recuperar os arquivos, é obvio - disse com firmeza.

-Bonitas palavras, mas, como pensa em fazer isso? - perguntou Kathryn com curiosidade.

Joel a olhou nos olhos.

-Eu não vou fazer nada. Você vai fazer isso - disse com suavidade.

Kathryn abriu os olhos de par em par.

-Não estará sugerindo a sério que... - o resto da frase se perdeu em um nada. De repente, ergueu-se sobre o tronco-. Não posso fazer isso!

Joel também se ergueu.

-Claro que pode. Disse-me que foi melhor que Magda. Pode refazer o que ela desfez.

-Não estou dizendo que não possa fazer, mas sim que não quero fazer - replicou Kathryn com firmeza. Quando era uma jovem estudante de informática gostava de ficar pirateando em outros sistemas informáticos, mas aqueles tempos já



tinham passado. Na atualidade, era uma respeitável mulher de negócios-. Não seria ético.

-Não me importa a ética! - exclamou Joel -. Não estou pedindo que entre na base de dados de um rival para roubar algo. Tudo o que estou pedindo é que faça o que me têm feito. Não é um assunto que vá acabar em um julgamento e com sua reputação pelo chão. É um pouco privado, entre nós, e não irá mais à frente aconteça o que acontecer. Acredito que o momento nos favorece. Estou seguro de que Gray não espera uma reação por minha parte... ao menos de momento. Deve acreditar que seu rastro ainda está coberto. Normalmente, estaria disposto a permitir que saísse com a sua, mas não neste caso. Preciso recuperar esses arquivos, e você é a única pessoa que pode fazer isso por mim.

-Tolice! Há um montão de pessoas aí fora que adorariam poder fazer algo assim por você - insistiu Kathryn, mas Joel não queria saber nada a respeito. Tomou pelos ombros para fazer que o olhasse de frente.

-Pode ser que tenha razão, mas eles não estão aqui, e você sim. Tem que me ajudar, Kathryn, por favor. Preciso de você.

Ela esteve a ponto de negar-se de novo, mas as duas últimas palavras dele a mantiveram em

silêncio. Seu coração deu um tombo e mordeu o lábio. Havia dito que precisava dela, e inclusive tinha pedido, por favor! Como podia negar-se depois de algo tão insólito? Seguiu mordendo o lábio e ouviu um apagado gemido. Piscou e viu que Joel tinha baixado o olhar para seus lábios.

-Tem idéia de como me afeta que faça isso? - murmurou em um tom que fez que, a pesar do frio reinante, Kathryn sentisse um imediato calor em certas partes de sua anatomia.

-Não se incomode em tentar me convencer - disse-. Apesar de que vai contra meus princípios, decidi te ajudar - admitiu.

Um ligeiro sorriso curvou os lábios dele e ela sentiu que seus joelhos se derretiam, de maneira que não teria podido afastar-se dele nem que tivesse querido.

-Nesse caso, acredito que deveria agradecer isso como corresponde - disse ele de uma vez que a atraía para si para beijá-la.

A razão insistiu para Kathryn se defender, mas ela não estava escutando. Esqueceu tudo o que havia dito que não devia fazer, suspirou e tremeu de prazer quando seus lábios se encontraram. Mas foi uma carícia tão fugaz, que não pôde evitar sentir-se decepcionada quando Joel se afastou.

-Obrigado, Kathryn - murmurou enquanto uma perigosa luz brilhava em seus olhos.

-Isso é tudo? - perguntou incapaz de ocultar sua decepção, mas ao captar o brilho de triunfo no incrível olhar azul dele, soube que estava tirando sarro dela-. Miserável! - exclamou, e o teria empurrado se ele não o tivesse impedido com o simples ato de voltar a beijá-la.

Mas nessa ocasião o beijo foi diferente. Joel capturou seus lábios com uma paixão que a deixou sem fôlego. Uma onda de prazer levou a rivalidade suas boas intenções quando suas línguas se encontraram. Sem saber como, encontrou-se o rodeando pelo pescoço com os braços para estar mais perto dele. Em poucos segundos, ambos se perderam para o mundo enquanto trocavam apaixonados beijos.

Foi Joel quem por fim se afastou um pouco. Apoiou a testa sobre a dela enquanto tentava recuperar o fôlego.

-Deve ser algum tipo de bruxa - murmurou-. Seus lábios têm uma magia que me faz voltar para eles uma e outra vez - tomou o rosto dela entre ambas as mãos e a afastou um pouco para poder olhá-la nos olhos-. Estamos sentados em um tronco

enquanto neva e logo que posso manter minhas mãos afastadas de você. Devo ter ficado louco!

Nesse caso somos dois, pensou Kathryn. Como era possível que perdesse a cabeça daquela maneira cada vez que Joel a tocava? Quem tinha enfeitiçado a quem?

-Você também tem uma magia bastante potente - disse uma vez que encontrava a força suficiente para afastar as mãos dele de seu rosto-, mas suponho que tenha suficiente prática para convertê-la em uma arte refinada - acrescentou em tom irônico.

Joel deixou cair às mãos e a olhou com expressão divertida.

-Vá. Não há dúvida de que sabe como dar um golpe baixo. Falei sério, Kathryn. Há algo muito especial em você - insistiu, e ela suspirou.

-Estou segura de que fala a sério cada vez que diz.

Joel franziu o cenho enquanto ela ficava em pé.

-Isso não foi muito agradável.

Kathryn colocou as mãos nos bolsos de seu casaco e golpeou o chão com os pés para fazê-los entrar em calor.

-Tampouco é muito agradável saber que é a última de uma longa lista.

Joel se levantou e a olhou com o cenho franzido.

-Isso é algo em relação ao que não posso fazer nada.

-Sei. Seu passado é um assunto de domínio público. Entretanto, eu preferiria evitar engrossar as filas da estatística. É uma reação feminina. Não compreenderia - acrescentou em tom zombador.

-Claro que compreendo. Você é diferente do resto; por isso me parece tão fascinante. Nunca tinha conhecido ninguém como você - contra-atacou Joel-. Quanto às estatísticas... Sabe que nunca te forçaria a fazer nada que não quisesse, mas me reservo o direito de tentar te persuadir para que mude de opinião.

Kathryn nem sequer teve que pensar a respeito. Sabia por instinto que Joel nunca tomaria o que não oferecesse livremente. Dependia dela se manter firme. Mas ele podia ser tão persuasivo...

-Acredito que estou fazendo o suficiente aceitando recuperar seus arquivos - replicou com frieza.

-Seria uma dívida que nunca poderia pagar, e não pediria a você que fizesse se não fosse de importância vital para mim - disse Joel, sério-. Se

passasse por cima do acontecido, poderia repetir-se, e isso não estou disposto a aceitar.

Kathryn moveu a cabeça, assombrada.

-Para ser um patife sem escrúpulos, tem um montão de princípios.

Joel sorriu.

-Inclusive um patife tem seus limites. E falando de limites, acredito que já alcancei meu nível máximo de tolerância ao frio. A neve está se espessando por segundos. Será melhor que voltemos para casa.

Enquanto se afastavam Kathryn não pôde evitar pensar que resistir a ele ia ser mais difícil do que tinha acreditado a princípio.

# Capítulo 4

KATHRYN se ergueu na cama com um suspiro.

O vento tinha aumentado durante a noite passada, despertando-a freqüentemente com seus uivos. Já tinha deixado de soprar, e o silêncio reinante era quase assustador.

Afastou o edredom, saiu da cama e foi até a janela. Quando afastou a cortina, ficou boquiaberta ante a visão que encontrou seu olhar.

Até onde alcançava sua vista, tudo havia se tornado branco, e ainda nevava. Como Joel havia predito, haviam ficado isolados pela neve.

Estremeceu-se apesar do calor que reinava no quarto. Agnes havia dito que Joel fazia que se acendessem as chaminés dos vários cômodos porque as preferia aos radiadores. Pensar em Agnes a recordou que a governanta não estava na casa e que, dadas as condições atmosféricas, era certo que não poderia ir durante vários dias. Ao que parecia, sempre passava à tarde do sábado e no domingo de folga em Kendal, com uns amigos, e no dia anterior Joel insistiu em que se fosse antes que se tornasse impossível ir. Depois de muitos protestos, Agnes cedeu a sua insistência.

Em consequência, estavam sozinhos na casa.

Não era uma situação ideal, mas Kathryn estava decidida a ficar calma. O fato de ver-se obrigada a passar ali uns dias mais não significava que tivesse que acontecer nada. No dia anterior, depois de comer, tinham passado uma tarde muito agradável conversando e ouvindo rádio. Joel não se comportou no mais mínimo como teria cabido esperar por causa de sua reputação. De fato, mostrou-se reservado e cômodo, e o suposto intento de sedução que Drew teria esperado tinha brilhado por sua ausência.

De fato, Kathryn tinha desfrutado tanto, que não tinha gostado de ir para cama. Somente o fez quando os bocejos começaram a ser irreprimíveis, e dormiu assim que apoiou a cabeça no travesseiro.

Apoiada contra o marco da janela não pôde evitar um borbulho de antecipação em seu interior. Por absurdo que pudesse parecer, estava desejando voltar a ver Joel. Mas esse devia ser o sentimento mais absurdo que tinha tido em sua vida, disse-se enquanto se separava da janela para vestir o roupão. Olhou seu relógio. Ainda não eram sete horas. Decidiu descer à cozinha e preparar um café. Ia necessitar do impulso que este podia lhe dar se queria recuperar os arquivos perdidos.



Desceu as escadas descalça e entrou na cozinha, mas se deteve em seco na soleira ao ver que Joel já estava ali, com uma xícara de café nas mãos. Ao vê-la, ficou boquiaberto.

Ele também estava descalço e, por suas pernas nuas, Kathryn supôs que somente tinha posto o curto roupão que o cobria. De repente se encontrou lutando contra o impulso de aproximar-se e de comprovar se o pêlo que aparecia pelas lapelas de seu roupão era tão suave como parecia.

Enquanto isso, Joel a olhou várias vezes de acima a abaixo. Seu olhar foi como uma carícia, e Kathryn sentiu que todo seu corpo se esticava em resposta.

Joel esclareceu a garganta.

-Esse é o pijama mais sexy que vi em minha vida - murmurou.

Kathryn sorriu forçadamente.

-Cobre-me de cima a baixo - assinalou sem necessidade, e ele sorriu.

-Sei, e isso está fazendo que minha imaginação trabalhe a marchas forçadas.

Kathryn compreendeu com perfeição a que se referia, pois estava passando o mesmo com ela.

-Entra ou sai? - perguntou Joel antes que ela pudesse pensar em uma resposta racional.

-Me faça uma pergunta mais fácil - replicou com ironia. Sabia que estava dando muitas pistas, mas estava segura de que ele já era consciente disso.

Em resposta, Joel deixou sua xícara de café na mesa e se aproximou dela. Kathryn ficou tensa imediatamente, mas tudo o que fez ele foi tomar sua mão e fazê-la entrar na cozinha para poder fechar a porta. Logo, sorrindo, deu um passo para ela. Kathryn deu um passo atrás... mas suas costas topou com a sólida madeira da porta. Estava apanhada, e ambos sabiam.

Joel apoiou as mãos em ambos os lados de sua cabeça, e seus olhos brilharam com intensidade.

-E agora o que vai fazer? -burlou com suavidade.

Talvez não fosse uma atitude muito sábia, mas Kathryn nunca voltava atrás ante uma provocação. Em lugar de fazer o óbvio e exigir que a deixasse ir, fez o que estava desejando em segredo desde que tinha entrado na cozinha. Elevou uma mão, introduziu-a sob a lapela do roupão dele e a deslizou por seu peito nu. Ouvir como se agitava imediatamente sua respiração foi como música para seus ouvidos.

-Que tal isso para começar? - perguntou travessamente e, quando estava a ponto de escapar

agachando-se sob os braços dele, este a apanhou com seu corpo contra a porta. Ao sentir a evidência de sua excitação, ficou sem fôlego.

-Ah, não - disse com rapidez-. Não acha que vai escapar com tanta facilidade.

Kathryn elevou a cabeça e o olhou com gesto desafiante.

-Você começou - acusou. Com uma mão apanhada entre seu corpo e o dele era impossível mover-se... e além disso não queria fazê-lo. Seus sentidos estavam ficando loucos.

Joel apoiou ambas as mãos em seu rosto.

-E estou a ponto de terminar o que comecei - murmurou -. Não deveria ter feito isso.

-E você não deveria me ter desafiado - replicou Kathryn fracamente. Estava ficando sem forças enquanto contemplava a boca dele, tão tentadora e próxima à sua. Como desejava senti-la sobre a sua, evocando a magia que somente ele sabia conjurar!

-Se continuar me olhando assim, vou ter que te beijar - advertiu ele em um rouco sussurro.

-O que o impede? - replicou ela no mesmo tom, e ele riu com suavidade.

-Não tenho nem idéia - admitiu, e por fim inclinou a cabeça para ela.

O suspiro de prazer dela se perdeu quando seus lábios se entreabriram sob a exigente língua dele. Estremeceu quando ele passou uma mão atrás de sua cintura e a atraiu para si. E quando levou o outro até seu quadril e começou a subir até roçar com o polegar um de seus seios...

O irritante som do telefone os fez separar-se com a mesma delicadeza que tivessem jogado um cubo de água gelada em cima. Joel amaldiçoou entre dentes, passou uma mão pelo cabelo e foi desprender o telefone que havia na parede da cozinha.

Kathryn fechou os olhos e apoiou um dedo sobre seus inflamados lábios. Aquilo estava saindo de controle. Supunha-se que não devia estar respirando. Mas quando estava perto dele parecia que era impossível pensar. Que diabos acontecia com ela? Por que não conseguia manter a distância?

Ouviu que Joel pendurava o telefone e ao abrir os olhos viu que se aproximava dela de novo.

-Era meu vizinho - disse de uma vez que deslizava as mãos acima e abaixo pelos braços dela - . Queria saber como estávamos. Eu disse que tínhamos comida de sobra e que a calefação funciona bem. Está acostumado a utilizar seu trator para ajudar a limpar os caminhos das casas

próximas. Se deixar de nevar hoje, sairá para fazer isso pela tarde. Se não, até manhã não poderá fazer nada - explicou concisamente, e logo sob o olhar para a boca dela -. E agora, onde estávamos...? - fez um movimento para aproximar-se, mas ela elevou as mãos para mantê-lo afastado.

-OH, não. Não me parece boa idéia - disse.

-antes que Wiif chamasse, parecia mais que disposta a deixar que subisse a meu dormitório - argumentou Joel para persuadi-la.

-Seu amigo foi muito oportuno - replicou Kathryn com calma, embora ainda estivesse muito longe de sentir-se calma por dentro.

-Quer dizer que te deu tempo de mudar de opinião? - disse Joel com ironia e sem mostrar o mínimo aborrecimento.

-É o privilégio de uma mulher - respondeu Kathryn, consciente de que seu comportamento tinha dado motivos de sobra a Joel para lhe fazer acreditar que estava disposta a deitar-se com ele... coisa que teria feito se o telefone não tivesse tocado -. Sinto muito.

Joel a soltou e se afastou.

-Não sinta. Não vou simular que não estou decepcionado, mas haverá outras ocasiões e, como eu disse antes, jamais me ocorreria forçar uma

mulher - aproximou-se onde estava à cafeteira e a elevou-. Quer uma xícara?

-Sim, obrigado - assentiu Kathryn-. Suponho que é o que minha mãe chamaria um autêntico cavalheiro. A verdade é que não pode dizer-se que eu me tenha comportado como uma verdadeira dama. Não deveria ter aceitado essa provocação - acrescentou enquanto se aproximava da mesa.

Joel alcançou a xícara que acabava de servir.

-Asseguro que, na hora de ser uma dama, é um autêntico diabo. E precisamente por isso vou ter que passar a próxima hora tomando duchas de água fria - disse sorridente, e foi nesse momento, enquanto olhava seus olhos azuis, quando Kathryn fez um descobrimento que a deixou desconcertada.

Apaixonou-se por ele.

Aquela revelação fez que tudo o que estava sentindo adquirisse significado, e também que tudo se tornasse incrivelmente complicado. Pois não havia nada simples em apaixonar-se por Joel Kendrick. Tinha sido avisada e se perdeu. Do primeiro momento tinha estado liberando uma batalha perdida. Sem que esperasse, o amor a tinha golpeado como um raio.

-Vai tudo bem? - o preocupado tom de voz dele a fez voltar para ao presente.

-Tudo vai perfeitamente - replicou com muita precipitação, e viu que ele franzia o cenho-. Estou bem, de verdade. Acontece apenas é que acabo de pensar em algo.

-Sobre os arquivos perdidos? - perguntou Joel imediatamente.

-Oh não. Era algo pessoal. Nada que ver com o trabalho.

-É algo do que quer falar?

Kathryn sorriu com um ligeiro matiz de histeria. Aquilo era o último que podia falar com ele.

-Agora mesmo não. Na realidade não era nada - mentiu.

Joel se sentou em frente a ela. Não parecia convencido.

-Pela cara que ficou parecia que tinha visto um fantasma.

Em certo modo, assim tinha sido. O fantasma de todos seus sonhos e esperanças. Kathryn sempre tinha dado por certo que o homem por quem se apaixonasse a corresponderia. Mas essa tinha sido uma crença muito ingênua. Era possível apaixonar-se por alguém sem ser correspondido, sobre tudo se esse alguém não acreditava no amor.

Afastou uma mecha de cabelo de sua testa e fez um esforço por sorrir.

-Não, não era um fantasma. Poderia dizer que uma desagradável verdade se fez de repente evidente - tratou de falar em tom despreocupado, pois tinha uma coisa muito clara: sob nenhum conceito devia permitir que Joel soubesse que se apaixonou por ele. Se não podia ter seu amor, não queria sua pena.

Joel a olhou compreensivamente.

-As verdades costumam ter esse efeito.

Kathryn suspirou e deu um gole em seu café.

-Este fim de semana não está sendo absolutamente como esperava.

-E o que esperava? - perguntou Joel.

Ela sorriu com suavidade.

-Certamente, não esperava você. Foi toda uma surpresa - disse com sinceridade.

-Eu tampouco esperava conhecer alguém como você. Normalmente, as mulheres não costumam estar a minha altura.

Kathryn elevou uma sobrancelha.

-Se caírem a seus pés como se comenta, deve tropeçar com elas todo o momento.

Os olhos azuis dele brilharam.



-Certamente, poderia ser perigoso para minha saúde. Às vezes tenho que fazer malabarismos para evitá-las.

Foi assombroso o peso que aquelas calmas palavras tiveram no coração dela.

-Costuma ter que evitar a muitas? - perguntou no tom cético que Joel podia esperar dela.

-Se tivesse tido tantas mulheres como dizem, agora mesmo seria uma pelanca humana.

Kathryn se obrigou a sorrir e agradeceu que fosse tão fácil simular indiferença.

-Tenho que reconhecer que está em muito boas condições físicas.

Aquilo fez que Joel entrecerrasse os olhos.

-Alegra-me que você goste de meu corpo, porque eu adoro o seu.

O coração dela se encolheu para ouvir aquilo, pois demonstrava quão divergentes eram seus sentimentos. O desejo dele podia ser sincero, mas aquilo doeu muito, e teve que esforçar-se para que não notasse. Sua única defesa era mostrar-se como a mulher alegre e calma que ele acreditava que era.

-Sempre foi assim incorrigível? - brincou.

Os dentes dele brilharam quando sorriu.

-Segundo minha mãe, de pequeno era um anjinho, mas suponho que ela é parcial.

-O que significa que no fundo sabe que é uma fantasia de diabo.

-Se não fosse, você não se sentiria atraída por mim - replicou com picardia.

-É certo. Nunca gostei muito dos anjos. Quem escolheria um santo quando um pecador pode ser muito mais divertido? - disse Kathryn com fingida animação.

-E quando pensa em se deitar comigo para averiguar quão divertido posso ser? - perguntou Joel com descaramento, e os nervos dela saltaram como se houvesse tocado um cabo de alta tensão.

-OH, este ano. O próximo. Em algum momento, Nunca... - de repente teve que descer o olhar para sua xícara. «Nunca» era muito tempo. As oportunidades não abundavam na vida. Aqueles dias podiam ser sua única possibilidade de estar com ele, e essa perspectiva a fez sentir um repentino e intenso frio interior.

-Kathryn? - Joel tocou sua mão e ela elevou a mão, surpreendida-. Estava a muitos quilômetros de distância, e não parecia que fosse um lugar muito agradável - disse com inesperada seriedade.

Kathryn afastou a mão, porque naquele momento o contato físico com ele era quase doloroso.

-Só estava pensando em quão fugaz é a vida... coisa nada típica em mim, por certo. Deve ser por tudo este silêncio branco que nos rodeia. Está fazendo que me ponham os cabelos em pé - mentiu.

-chama-se «febre da cabana», mas suponho que necessita mais de doze horas para manifestar-se. À maioria das pessoas leva dias, se não semanas - comentou Joel com ironia.

-Isso demonstra que não sou como a maioria das pessoas - replicou Kathryn.

-Certamente que não - confirmou Joel em tom sensual, e o corpo dela reagiu com um involuntário estremecimento de prazer.

Não pôde evitar rir.

-Vejo que não se rende com facilidade - disse sinceramente divertida apesar de tudo.

Joel se inclinou para ela.

-Isso é porque não me lançou nenhum sinal que me diga que deveria fazer isso.

Kathryn elevou as sobrancelhas.

-Eu disse que não.

-Mas não disse convencida - respondeu.

-Se não houver dito convencida, por que parou? - perguntou ela com curiosidade, e Joel esticou uma mão para acariciar seus lábios com um dedo.

-Porque, como disse, sou um cavalheiro, e você ainda não está preparada.

Aquele comentário exigia uma resposta, e a obteve.

-Ainda não estou pronta para que?

-Para dar o próximo passo - replicou com simplicidade, e ela moveu a cabeça, desconcertada.

-Mas você saberá quando estiver não é verdade?

Joel sorriu crédulo.

-Até agora, meu instinto não falhou.

Kathryn não gostou que a considerasse uma conquista segura. Ainda tinha possibilidade de escolha. Joel ainda não tinha «ganho».

-Sempre há uma primeira vez, e esta poderia ser a sua - disse com frieza.

Joel encolheu os ombros.

-Sempre gostei de me arriscar neste jogo.

O que ela menos precisava era que a recordasse que aquilo era apenas um jogo para ele. Ficou em pé de uma vez não escondendo seu desgosto.

-Sabe uma coisa, Joel? Justo quando acreditava que começava a gostar de você, vai e faz um comentário tão arrogante, que mereceria que te esbofeteasse.

Ele sorriu e ficou em pé.

-Isso quer dizer que já gosta, ou do contrário não teria se zangado.

Kathryn suspirou impotente, porque aquilo era certo. Não só gostava dele, mas sim estava apaixonada por ele.

-Deve haver uma veia de loucura latente em minha família - disse em tom sarcástico.

-Chame como quiser, mas aceite que, antes ou depois, acabaremos onde ambos queremos estar.

Provavelmente aquilo também fosse certo, mas Kathryn não estava disposta a reconhecer.

-Acredito que este é o momento em que faço uma retirada digna. Vou me vestir e começar a trabalhar com seus valiosos arquivos. Ao menos, o computador sempre tem um comportamento lógico e nunca replica - espetou, embora com um leve sorriso nos lábios. Era impossível permanecer zangada com ele muito tempo.

-Que aborrecido - disse Joel enquanto ela se voltava para a porta.

Kathryn se deteve com a mão no trinco.

-Que alívio - replicou um instante antes de sair e fechar a porta.

Não ouviu a risada dele, mas supôs que estaria rindo.

Uma vez em seu dormitório sentiu que a força que a tinha ajudado a superar os últimos momentos se apagava. Em lugar de se vestir, deitou-se na cama e abraçou um travesseiro enquanto meditava sobre o descobrimento que acabava de fazer.

Ainda estava recuperando-se da impressão de ter se apaixonado por Joel. Embora sempre tivesse sabido que o amor podia alcançá-la em qualquer momento, nem por um instante tinha imaginado que pudesse ser ali e com aquele homem. Um homem que amava as mulheres, mas que não acreditava no tipo de amor que acabava de desestabilizar o mundo dela. Sem dúvida, ele também se sentia atraído por ela, mas não a amava. Procurava apenas uma aventura inofensiva para passar o tempo. E se seu coração não se viu inesperadamente comprometido, era possível que ela também tivesse estado disposta a seguir o jogo. Mas aquilo tinha deixado de ser um jogo. Uma coisa era ter uma aventura com um homem atraente e outra muito diferente tê-la com o homem por quem se apaixonou.

A decisão que fosse tomar a respeito teria conseqüências que não podia ignorar. O que era uma brincadeira muito cruel. O que podia fazer a respeito? Não podia dizer que tivesse muitas opções

a respeito. De fato, tinha apenas duas: deitar-se com ele, ou não deitar-se com ele. Ter algo que recordar, ou nada. O sentido comum lhe dizia que seria menos doloroso cortar imediatamente, mas fazê-lo requereria mais força de vontade do que possuía. Como ia fazer se aquilo era o que tinha estado esperando toda sua vida? Talvez não tivesse acontecido como esperava. Joel não a amava e nunca o faria, mas isso não mudava seus sentimentos. Amava-o, e a realidade era que aquela ocasião não ia voltar a repetir-se.

Já era muito tarde para partir dali com o coração intacto. Podia ir, mas o faria deixando atrás uma importante parte de si mesma.

Em algum momento ao longo de sua vida conheceria alguém a quem poderia amar, mas nunca seria o mesmo. Não poderia ser, pois nunca voltaria a ter o coração inteiro.

Sofreria mais ou menos se negasse aquele momento?

Expressando com clareza, Joel Kendrick era o amor de sua vida. Por breve que fosse o tempo que passasse com ele valeria a pena. Deveria viver o momento sem arrependê-lo.

No fundo de sua mente, uma vozinha repetia que havia muitas possibilidades de que aquilo

acabasse em desastre. Mas era uma vozinha apenas audível e, como está acostumado a acontecer com esse tipo de vozes, passou despercebida.



# Capítulo 5

Deixou de nevar ao meio-dia, e pouco depois, Kathryn ouviu do estúdio o ruído do trator que estava retirando a neve da estrada. Deixou de teclar. Aquele som deveria ter sido música para seus ouvidos, mas a mensagem que transmitia era que no dia seguinte poderia ir, e a idéia de separar-se tão logo do Joel não a atraía nem um pouco.

Suspirou e tratou de concentrar-se de novo na tela. Essa manhã tinha conseguido entrar na base de dados da Magda para comprovar se tinha alguma cópia dos arquivos, mas não tinha encontrado nada. Naquele momento, estava tentando com a base de dados do Gray, coisa que estava demonstrando ser toda uma provação, pois este tinha um sistema instalado de segurança em seu computador. É obvio, não havia nenhum programa cem por cento seguro, mas aquele era muito bom.

Joel mostrou nesse momento a cabeça pela porta do estúdio.

-A comida estará pronta em quinze minutos - disse, sobressaltando-a.

Kathryn levou uma mão à garganta e lançou um olhar assustado.

-Não volte a fazer isso! Poderia ter me dado um ataque do coração - enquanto protestava, não pôde evitar fixar-se no bom aspecto dele. Com o grosso pulôver preto que vestia o jeans e as botas, tinha um aspecto tosco que era muito sexy. O comeu com os olhos, e sorriu ao dar-se conta.

-Alegra-me que você goste do que vê querida, porque eu adoro o que estou vendo. A imagem dessa malha que faz que suas pernas pareçam prolongar-se eternamente fará que me mantenha quente esta tarde enquanto retiro a neve com a pá.

Kathryn elevou uma sobrancelha.

-Um casaco, um chapéu e umas luvas o manterão mais quente.

-Só exteriormente, querida. Somente exteriormente. Recorda, quinze minutos. Não faça que tenha que vir buscá-la - acrescentou, e se foi deixando aquela ameaça suspensa no ar.

Kathryn teve dificuldades para concentrar-se depois daquilo, mas de algum modo conseguiu fazê-lo. O tempo perdeu todo significado, e estava avançando em seu trabalho quando de repente voltou a abrir a porta do estúdio.

-Vêem comer agora mesmo - ordenou Joel.

-Mas me tinha dado quinze minutos! - protestou Kathryn.

-Isso foi há meia hora. Precisa ter um descanso.

-Quase consegui - insistiu ela de uma vez mostrando a tela-. Dê-me uns minutos mais - rogou.

A resposta dele foi puxar a cadeira em que estava sentada, afastar a mesa e tomá-la nos braços sem prévia advertência.

-Sinto muito, mas acabou o tempo - disse com firmeza enquanto saía da sala.

Kathryn deu um gritinho afogado e o rodeou com os braços pelo pescoço.

-Bruto! Como se atreve? - protestou, mas a novidade de ser levada nos braços suavizou por encanto o aborrecimento que pudesse sentir.

Um enigmático sorriso curvou seus lábios. Que forte ele era... Levava-a como se fosse leve como uma pluma. Ninguém tinha feito aquilo antes, e pôde comprovar que era muito agradável. Afastou um pouco a cabeça e observou a poderosa mandíbula dele. Não havia dúvida de que era forte em mais de um sentido.

-É sempre tão mandão? - perguntou, e ele a olhou.

-Só com as mulheres que não sabem o que lhes convém - respondeu enquanto empurrava com um pé a porta da cozinha. O aroma da sopa assaltou

imediatamente o olfato dela e seu estômago começou a fazer ruídos.

-Então, não precisa representar este numero de «eu Tarzan, você Jane»? - brincou enquanto Joel a deixava em uma cadeira.

-Parece ter despertado em mim um instinto protetor latente - replicou ele com ironia enquanto começava a servir a sopa em duas terrinas. Depois de colocar uma em frente a ela, apontou com a colher-. Coma Kathryn.

-Outra ordem? - perguntou, embora tomasse a colher. Cheirar a sopa a tinha feito recordar a fome que tinha.

-Uma sugestão - respondeu enquanto ocupava seu assento. Mas não começou a comer até que Kathryn o fez-. Pegue o pão - disse, e estendeu um prato cheio de fatias.

-Há suficiente para alimentar um exército - disse em tom irônico, mas tomou uma parte, afundou-o na sopa e logo o comeu-. Mmm, delicioso. Estava morta de fome.

-Então, por que não veio quando lhe disse isso?

-Tinha esquecido.

-Costuma se esquecer freqüentemente de comer? - perguntou Joel com curiosidade, e Kathryn assentiu.

-Às vezes me concentro muito no que estou fazendo e nem vejo que o dia passou. Considero isso um risco ocupacional.

Ele a observou enquanto comia claramente entretido com seu apetite. Quando foi tomar outra parte de pão, sorriu.

-Necessita que alguém cuide de você, minha menina.

Kathryn elevou o olhar, surpreendida.

-Está se oferecendo para o cargo? - perguntou, antes de dar-se conta do que estava dizendo.

-Por que não? Alguém tem que fazer isso.

Kathryn se sentia aturdida, e não sabia o que pensar da inesperada resposta. Teria sido tão fácil ler nela mais do que havia...

-Isso soou quase como um compromisso - disse em tom zombador, embora por dentro seu coração agonizasse por saber o que tinha querido dizer Joel.

Ele sorriu.

-Somente a curto prazo. Enquanto estiver aqui vou assegurar de que coma e no horário correto.

A esperança morreu dolorosamente no peito dela, que rogou para que ele não notasse.

-Se o tempo permitir irei amanhã, assim não vai ter muitas possibilidades de exercer suas funções.

-Esperava convencer você para que ficasse um pouco mais.

Era agradável saber que não queria que se fosse tão cedo, mas não era suficiente para o que o coração dela esperava.

-Não posso. Tenho compromissos. E embora possa mudar os encontros que tenho amanhã com meus clientes, não seria muito profissional de minha parte cancelar por tempo indefinido somente por diversão - disse, com a esperança de ver decepção no rosto dele, mas a expressão deste não revelou nada.

-Nesse caso terei que aproveitar ao máximo o tempo que esteja aqui.

Foi Kathryn que se sentiu decepcionada, e se obrigou a tomar outra colherada de sopa apesar de que de repente tinha perdido por encanto o apetite. O comentário dele não tinha sido nada alentador para uma mulher que se apaixonou como uma tola por ele.

-No que está pensando? -perguntou Joel após um momento, e ela o olhou com um sorriso irônico nos lábios.

-Em que devo ter ficado louca para estar considerando a possibilidade de manter uma relação com você - replicou com sinceridade.

-Então está considerando? - perguntou ele com olhos brilhantes.

-Como já disse, devo estar louca.

Joel esticou uma mão sobre a mesa e tomou a dela.

-Às vezes, um só pode estar louco - disse persuasivamente.

Ela procurou em seu olhar algum indício de emoção, mas começava a compreender que Joel apenas deixava ver o que queria.

-Fez alguma vez uma loucura, Joel? Refiro a sua vida pessoal, não aos negócios. Caminhou sabendo por um ramo quebradiço confiando em que não se rompesse? - assim era como ela se sentia naquele momento. Dava-lhe medo, mas o faria de todos os modos, pois um coração assustado nunca conseguia nada valioso.

Joel franziu o cenho.

-O que está me perguntando exatamente, Kathryn?

-Suponho que estou perguntando que se tenha colocado alguma vez em mãos de outra pessoa confiando em que não o decepcionasse.

-Se está falando de você e de mim, posso apenas assegurar que eu nunca faria mal a você.

-Ao menos, não conscientemente - disse Kathryn-. Mas ocorreu a você que de todas as formas poderia me fazer isso? Por exemplo, como sabe que não estou apaixonada por você agora mesmo? -perguntou arriscando-se, e seu coração se encolheu ao ver que Joel ria.

-Sei por que já havia dito que seria uma perda de tempo.

Kathryn se perguntou se teria ouvido bem. De todas as respostas que ele poderia ter dado, aquela era a mais inesperada.

-Acha que isso é tudo o precisava? - perguntou incrédula-. Acredita que uma mulher é capaz de desconectar seu coração por uma simples advertência?

Joel encolheu os ombros.

-Por que não? Afinal de contas, as mulheres tendem a se apaixonar e a desapaixionar-se com grande facilidade.

Aquilo não era o que Kathryn queria ouvir.

-Seu cinismo me assusta. Acredito que é uma sorte que não esteja apaixonada por você - mentiu por necessidade. Se dissesse a verdade, estava certa de que Joel seria amável com ela, mas era possível matar com a amabilidade-. Suponho que pensa que



um só corte letal é menos doloroso que mil pequenos quando dá por concluída uma relação.

-A dor, se houver, passaria antes - respondeu com calma.

Aniquilada, Kathryn o olhou em profundo silêncio.

-Tem razão; se acha isso, nunca se apaixonará - disse para terminar.

Joel encolheu os ombros.

-Já disse que não. Sempre procurei não fazer mal a nenhuma mulher, mas se não consegui, estou seguro de que a dor se apagou assim que apareceu outro homem em sua vida - disse calmamente.

-Faz um fraco favor dizendo isso. Não acredito que seja tão fácil de esquecer - disse Kathryn com aspereza, ferida por sua atitude. As mulheres não eram mais volúveis que os homens, e o coração de nenhum dos sexos esquecia com facilidade-. Alguma vez lamentou ter terminado uma relação com uma mulher?

-Os lamentos e os arrependimentos são uma perda de energia. São sentimentos que nunca me permito - respondeu com simplicidade.

-Ouvii falar alguma vez do pecado do orgulho desmedido? Tenho a sensação de que um dia destes vai cair de repente na terra. Provavelmente será

doloroso, mas ao menos voltará a estar com o resto dos mortais.

Joel sorriu com suavidade enquanto começava a recolher os pratos.

-Se acontecer, deixarei você ser a primeira a dizer que me tinha avisado isso - brincou, e se aproximou da pia para limpar os pratos antes de colocá-los na lava-louça-. E agora chegou o momento de sair a tirar a neve dos atalhos. Se quiser me acompanhar, será bem-vinda.

Kathryn se levantou e negou com a cabeça.

-É um trabalho que exige mais músculo que cérebro, e essa é sua especialidade. Eu vou voltar para o computador - disse com exagerada doçura antes de sair da cozinha.

De volta ao estúdio, não começou a trabalhar imediatamente, pois não conseguia deixar de pensar no que acabava de acontecer na cozinha. Joel tinha sido frio até o ponto de mostrar-se cínico em seu empenho de manter qualquer laço emocional afastado de sua vida. Mas havia algumas contradições no que havia dito. Sua opinião sobre o sexo feminino não era nada adúladora. As mulheres eram volúveis, apaixonavam-se e desapaixonavam-se com grande facilidade e suas emoções eram tão superficiais, que qualquer dor que pudessem sentir

se desvanecia assim que aparecia o próximo homem em sua vida. Era um raciocínio contraditório para um homem que tinha sugerido que sua fé nas mulheres era escassa porque pensava que viam nele apenas uma máquina de fazer dinheiro.

Kathryn começou a recordar outros comentários que tinha feito. Joel tinha assegurado que não tinha chegado a pensar assim por causa de alguma mulher, mas ela já não acreditava. Gostava de dar a impressão de que não podiam lhe fazer dano. Entretanto, não deixava de demonstrar uma e outra vez que não era um homem frio. Dentro dele havia um ser humano que podia ser muito amável e carinhoso, de maneira que, por que se empenhava em dar a impressão contrária? Porque em algum momento de sua vida lhe tinham feito mal e estava decidido a que não voltasse a acontecer?

Isso explicaria suas aparentes contradições. Devia ter acreditado em alguém que o tinha decepcionado e a partir de então tinha elevado umas defesas em torno de seu coração que com o tempo se converteram virtualmente inabaláveis.

Aquilo explicaria muitas coisas, embora não fossem servir de muito. Se não se equivocava, estava apaixonada por um homem empenhado em não voltar a amar. Não tinha trompetistas para fazer

cair seus muros defensivos. Só tinha seu amor por ele, e se isso não fazia uma rachadura em sua armadura, nada o faria. Não podia obrigá-lo a amá-la; só podia esperar que queria estar com ela mais que uns dias. É obvio, sempre podia esperar um milagre, mas isso era algo que acontecia em raras ocasiões.

Suspirou enquanto assumia que não havia solução para seu problema. Entretanto, sim podia fazer algo pelo de Joel. Mas dedicar-se a dar voltas naquilo não ia servir de nada. O melhor que podia fazer era concentrar-se em entrar na base de dados de Gray.

Passou um bom momento tentando em vão, até que teve uma idéia brilhante. Seguiu-a e pouco depois tinha conseguido entrar.

Procurou os arquivos e os encontrou com grande facilidade. Estava claro que Gray não esperava que Joel fosse suspeitar dele, nem que fosse devolver a jogada fazendo que ela seguisse o exemplo da Magda.

Tudo o que restava fazer era carregar os arquivos em uns discos e apagá-los do disco rígido de Gray. Colocá-los de novo no computador do Joel era fácil, e quando por fim desligou o computador,

fez com a satisfação que sempre produzia um trabalho bem feito.

Depois de guardar os discos em uma gaveta, levantou-se, esticou-se e foi em busca do Joel para dar a boa notícia. Foi por seu casaco e suas luvas e ao sair sozinha teve que seguir o som da pá até a parte traseira da casa para encontrá-lo.

Assim que a viu, Joel deixou de afastar neve do atalho, apoiou ambas as mãos sobre a pá e sorriu com dissimulação.

-Parece o gato que comeu sua língua - disse animadamente-. Significa que traz boas notícias?

-Umm. Seus arquivos voltam a estar onde lhes corresponde. Guardei umas cópias em discos na gaveta de sua mesa. Suponho que não voltará a acontecer nada parecido, mas acredito que deveria instalar algum sistema de segurança para evitar futuros problemas.

Joel assentiu.

-Mais antes tarde do que nunca, não? Poderia se ocupar disso?

-Há vários programas no mercado, ou eu poderia fazer um. É obvio, teria que enviar com instruções para sua instalação.

Joel inclinou a cabeça.

-Continua pensando em ir amanhã?

Kathryn ficaria para sempre se ele pedisse, mas ele não faria isso. Não naquele momento e, provavelmente, nunca.

-Já fiz o que vim fazer - respondeu.

-E o assunto que fica pendente entre nós? - recordou ele com suavidade, e suas palavras chegaram diretamente ao coração dela.

-Talvez o melhor seja que fique assim... pendente.

-Não para mim - replicou.

A veemência com que fez isso agradou Kathryn, mas não deixou que notasse. Cruzou os braços e simulou pensar nisso.

-Não sei... Acredito que para uma mulher é melhor conservar seu mistério. Talvez devesse te deixar para que possa se dedicar a pensar sobre o que perdeu - disse provocativamente, e Joel grunhiu como um cão mal-humorado. Ela sorriu -. Vamos, vamos. Os meninos pequenos não conseguem nunca o que querem com uma careta.

Algo perigoso brilhou nos olhos dele quando jogou a pá a um lado.

-Mas, como logo vai notar, eu não sou nenhum menino pequeno - prometeu enquanto avançava para ela com um travesso sorriso nos lábios.

Kathryn deu um gritinho, virou sobre si mesma e saiu correndo, mas teve que rir ante seus infrutíferos esforços por fazer isso sobre a neve. Ao ver um atalho a sua esquerda, encaminhou-se para ele.

-Não, Kathryn! - exclamou Joel, mas ela o ignorou, e um instante depois escorregava espalhafatosamente. Logo que teve tempo de gritar antes de bater no chão com suficiente força para ficar sem fôlego. Um momento depois Joel se ajoelhava a seu lado com expressão preocupada.

-Você esta bem, coração? Bateu a cabeça? Fale Kathryn! - ordenou de uma vez que começava a deslizar as mãos sobre ela em busca de algum possível machucado.

-O que aconteceu? - perguntou ela ao recuperar o fôlego, e Joel se sentou sobre seus pés, aliviado.

-Gelo. Isso é o que aconteceu. Sempre há sob a neve nesse atalho porque tem água. Tem certeza de que está bem? - perguntou enquanto a ajudava a sentar-se.

Kathryn fez uma careta de dor.

-Além de um dolorido que fará que seja incômodo me sentar durante uma semana, estou perfeitamente - assegurou.

-Se quiser, posso... - começou Joel, mas lhe dedicou um rápido olhar de advertência.

-Não, não pode - disse com firmeza-. Não necessito que beije nenhuma parte de minha anatomia, muito obrigado.

Joel não negou que fosse isso o que ia dizer.

-Tampouco precisa que se zangue comigo. Eu não fiz você cair.

-Não, mas teria feito se tivesse achado conveniente.

Joel sorriu.

-Embora queira deixar você em baixo de mim, querida, há modos mais sutis de conseguir isso.

Algo no modo em que disse «querida» fez que Kathryn sentisse arrepiar sua pele... e não precisamente pelo frio.

-Estou segura de que conhece todos os truques existentes na arte da sedução - replicou em tom zombador, e ele estalou a língua em sinal de desaprovação.

-Tal e como eu disse isso faz com que me pareça uma espécie da Casanova moderno - disse em tom doído, mas ela não acreditou nem por um instante.

-Não, mas se pareceria muito - replicou, e sorriu com suavidade enquanto apalpava com a



mão outra zona doída de seu flanco. Quando elevou o olhar viu que Joel a observava com uma estranha expressão nos olhos-. O que? - perguntou confusa, e ele franziu ligeiramente o cenho.

-Só estava pensando o quanto eu gosto de sua risada - confessou.

Kathryn sentiu um calafrio de excitação ao ouvir aquilo.

De repente deixou de sentir vontade de rir.

-Belo momento escolheu para me dizer algo assim. Estamos sentados sobre a neve, nos arriscando a sofrer hipotermia - disse sem fôlego.

Joel passou uma mão atrás de seu pescoço e a atraiu inexoravelmente para si.

-Tem frio?

-Só por fora - admitiu Kathryn com voz rouca, e um sorriso curvou seus lábios.

-Bem, porque vou ter que te beijar - murmurou Joel quando apenas se encontravam a um fôlego de distância.

Kathryn apoiou as mãos em sua jaqueta enquanto se inclinava para ele.

-Por que demorou tanto? - murmurou, e um instante depois Joel tomou sua boca e o mundo começou a girar em torno deles.

Foi um beijo intenso, profundo, com o que Joel pareceu procurar uma resposta dela, embora Kathryn duvidasse que conhecesse a pergunta. Mas ela tampouco a conhecia, de maneira que o único que pôde fazer foi responder com todo o amor que sentia por ele. Ao que parecia isso era o que ele queria, pois de uma vez que um grave gemido surgiu de sua garganta a rodeou com seus braços e a estreitou com paixão contra si. Com os olhos fechados, apanhada no torvelinho de suas emoções, Kathryn respondeu cegamente, e só quando Joel elevou a cabeça de uma vez que resmungava uma maldição o mundo voltou a parar e ouviu algo parecido a um timbre soando com insistência.

-É o telefone de novo - explicou Joel, e a seguir respirou profundamente para acalmar-se-. Instalei um pequeno alto-falante aqui fora para poder ouvi-lo - o telefone deixou de tocar, mas ele seguiu escutando. Um instante depois voltou a ouvir o timbre.

Ficou em pé, ajudou Kathryn a fazer o mesmo e se encaminharam para a casa.

-O fato de a chamada parar e voltar a tocar indica que não é um assunto de trabalho -explicou-. Pertence ao grupo de busca e resgate do condado, e

isso quer dizer que precisam de mim. Alguém deve ter problemas.

Kathryn se sentiu envergonhada por ter se irritado por causa da interrupção, de uma vez que seu coração se enchia de orgulho pelo fato de que Joel pertencesse a um grupo tão útil e desinteressado. Não pôde evitar se surpreender uma vez mais, mas estava começando a aprender que aquele homem era generoso, contudo... Exceto com seu coração.

Joel despreendeu o telefone assim que entraram na cozinha.

-Kendrick falando. O que aconteceu? - depois de escutar com atenção uns segundos, acrescentou:- Estarei aí em vinte minutos - e desligou.

-É grave? - perguntou Kathryn ao ver a séria expressão de seu rosto.

-Dois excursionistas caíram pelos penhascos da zona norte e não se sabe o que pode ter acontecido. Por sorte, havia um terceiro a quem não aconteceu nada e que pôde avisar. Por muitas advertências que se façam com respeito ao tempo, sempre há algum idiota disposto a ignorar, e logo nos toca ir recolher os restos.

O coração do Kathryn se encolheu por ouvir aquilo.

-Não será perigoso para você também?

Joel assentiu.

-Claro que sim. Por mais que conheçamos estas montanhas, o inimigo é o tempo. Mas nosso dever é ir resgatá-los. A menos que o tempo piore tanto que não possamos ver mais de um palmo de nossos narizes, não podemos deixá-los abandonados.

-Não, claro, mas... - começou a protestar, mas Joel a interrompeu apoiando as mãos em seus ombros.

-Sinto muito, Kathryn, mas agora não tenho tempo para falar. Logo anoitecerá e vamos necessitar de toda a luz que possamos - disse, e a seguir a rodeou e saiu da cozinha.

O instinto dela a impulsionava a ir atrás dele para pedir que não fosse, pois não queria que corresse o risco de sofrer algum acidente. Mas sabia que fazer isso não serviria de nada, de maneira que se conteve. Quando ouviu que Joel voltava a descer as escadas, saiu da cozinha para reunir-se com ele. Vestiu-se com roupa de escalada e usava uma mochila. Ao ver a tensa expressão do rosto dela, sorriu.

-Não se preocupe, estarei bem. Com um pouco de sorte, não nos custará muito encontrá-los e não estarão feridos gravemente.

-Tome cuidado - aconselhou, e ele se inclinou para beijá-la nos lábios.

-Sempre tenho. Estarei de volta antes que comece a me esquecer.

Kathryn levou uma mão aos lábios, pois estes estavam adquirindo uma alarmante tendência a tremer. Já sentia falta dele. Estava segura de que Joel fazia aquilo muitas vezes, mas então ela não estava apaixonada por ele. Entretanto, apenas o que podia fazer era esperar e rezar para que retornasse são e salvo.

Não foi fácil. Passou várias horas perambulando de uma sala à outra e olhando pela janela com a ilusão de ver chegar seu carro. Finalmente voltou para a cozinha e decidiu preparar algo com a esperança de que Joel chegasse a tempo de comer.

Quando anoiteceu, percorreu a casa acendendo luzes. Onde estava? O que estaria acontecido? Depois de apagar o forno e passar outro infrutífero momento olhando pela janela, foi sentar-se no sofá em frente ao fogo.

Quando chegou a meia-noite, e apesar de seus esforços por permanecer acordada, o sono começou a vencê-la. Deitou-se sobre o sofá, abraçou uma almofada e uns segundos depois ficou adormecida.



# Capítulo 6

K ATHRYN?

O som de seu nome repetido com suavidade a fez sair das profundidades do sono. Virou sobre si mesma e olhou sem ver o homem que, sentado na beira do sofá, inclinava-se para ela.

-Joel? - murmurou, aturdida-. Que horas são?

-Um pouco antes das três. Por que não está na cama?

As lembranças se amontoaram na mente dela. A chamada de emergência, as longas e ansiosas horas de espera.

-Queria esperar desperta. Como foi tudo? - sentia-se tão aliviada de vê-lo são e salvo que teria se jogado gostosa entre seus braços, mas não podia o fazer ver quão preocupada tinha estado.

-Tudo foi bem. Por sorte, nosso cão Lucky encontrou os excursionistas sem dificuldade.

-Como estavam?

-Um tinha uma perna machucada e o outro um par de costelas, mas, além disso, se encontravam bem. Deveriam considerar-se muito afortunados.

-Estou segura de que é assim. Deu a eles o sermão que se mereciam?

Joel passou uma mão pelo cabelo.

-Pat, o chefe da equipe, encarregou-se de fazer isso, embora tema que há pessoas que nunca aprendem. Provavelmente teremos que sair o ano que vem para resgatar ao mesmo grupo. Não sei por que continuo nisto. Às vezes penso que é um trabalho inútil.

Nessa ocasião, Kathryn se deixou levar por seus instintos e o rodeou com os braços pelo pescoço.

-Faz isso porque não poderia se perdoar se não fosse à ajuda de alguém sabendo que está em perigo.

Joel a afastou um pouco e a olhou longamente.

-Ah, sim? - disse uma vez que deslizava a mão acima e abaixo pelas costas dela.

Ela assentiu.

-É um bom homem, Joel Kendrick. Nunca conseguirá me fazer acreditar o contrário.

-Como pode estar tão segura? Apenas me conhece.

Kathryn suspirou e afastou uma mecha de cabelo da testa dele.

Não podia dizer que estava segura porque seu coração o conhecia. Ele não teria querido ouvir aquilo.



-Simplesmente sei - disse, e encolheu os ombros-. Chame de intuição feminina.

Ele sorriu e ela desceu o olhar para sua boca. Sem pensar duas vezes, beijou-o nos lábios.

Seus olhares se encontraram e, de repente, a temperatura da sala subiu vários graus.

-A que veio isso? - perguntou com voz entrecortada, e ela umedeceu os lábios com a língua, consciente de que com seu beijo tinha instigado um curso dos acontecimentos que somente podia ter um fim.

-Eu quis - murmurou.

-Hmm. E gostaria de fazer algo mais? - a pergunta foi pouco mais que um sedutor grunhido.

O coração dela pulsou mais depressa.

-Me ocorrem várias coisas, mas deve estar esgotado - replicou sem fôlego.

A suave risada dele lhe produziu um delicioso comichão por todo o corpo.

-Agora mesmo não me sinto nada esgotado, coração - disse enquanto deslizava as mãos sob a borda de seu pulôver e a abrasava com o calor de seu tato.

Kathryn fechou os olhos e gemeu.

-Não tem fome? Preparei algo de comer. Não necessito mais que um minuto para esquentar.

A boca dele encontrou a linha de sua mandíbula e deixou um rastro de beijos até sua orelha.

-Kathryn, Kathryn. O que gostaria de comer já está quente - disse enquanto mordiscava o lóbulo.

Ela esfregou sua bochecha contra a dele. Necessitava um barbeado, mas não se importou. Sua incipiente barba fazia que fosse ainda mais viril. Um ligeiro sorriso curvou seus lábios.

-E seguirá quente... a menos que não possa esperar - brincou e ele a olhou nos olhos com uma paixão logo reprimida.

-Já esperei suficiente. Sou um homem faminto e somente você pode saciar.

Aquela confissão foi como música para os ouvidos dela.

-Então, come - convidou roucamente-. Tudo o que tenho é seu.

Imediatamente, Joel tomou sua boca e a beijou com uma paixão quase desesperada. Tomou seus lábios, fez entreabri-los, procurou a doce profundidade de sua boca com a língua... e Kathryn deu a boa - vinda de todo coração. Queria aquilo, necessitava. Sentisse o que sentisse Joel, ela o amava, e a única forma que tinha de demonstrar isso era entregando seu corpo.

Joel interrompeu o beijo o tempo necessário para deixar algumas almofadas no chão, em frente ao fogo. Logo fez que Kathryn se deitasse sobre o tapete e imediatamente se deitou junto a ela e a tomou em braços. Como um montão de isca que tivessem aproximado de uma chama, a paixão só necessitou uma faísca para acender-se, e em uns segundos ardia. Logo, os febris beijos não bastaram. A roupa era uma barreira que fez que Kathryn se voltasse louca de impaciência. Queria sentir Joel, tocá-lo, conhecer cada centímetro de seu corpo, e o que podia encontrar com as mãos sob seu pulôver não bastava.

Como se tivesse lido seus pensamentos, Joel se ergueu um momento para tirar o pulôver.

Ela fez o mesmo, e teria soltado o fecho dianteiro de seu sutiã se ele não tivesse impedido. Fez-lhe deitar-se com os braços por cima da cabeça e logo deslizou um dedo pela sensível carne que deixava ver o decote de seu sutiã. Kathryn arqueou o corpo para ele, convidando-o a soltar o fecho e a que a acariciasse como desejava. Por fim, tirou o sutiã e o retirou a um lado. Então a acariciou, mas o fez com grande suavidade, quase com adoração, e ela se moveu sob suas mãos, necessitando mais. Depois do que pareceram horas e na realidade só

foram uns segundos, Joel abrangeu com as mãos a carne de seus seios e acariciou com seus polegares os inflamados mamilos.

Um gemido de prazer escapou da garganta dela quando ele inclinou a cabeça e tomou primeiro um mamilo e logo o outro em sua boca os lambeu com sua língua. Incapaz de permanecer quieta elevou as mãos até o arbusto de seu cabelo e as deixou ali enquanto uns deliciosos estremecimentos de prazer se abriam por todo seu corpo. Então ele começou a descer por seu torso até topar-se com a barreira de suas malhas, mas um segundo depois estes tinham desaparecido junto com o resto da roupa dela.

-Preciosa - murmurou enquanto o fazia separar as pernas para procurar seu úmido e quente centro.

-Não, espera - protestou ela, pois queria que aquele fosse um prazer compartilhado. Mas Joel tinha outras idéias.

-Esta vez é para você - sussurrou, e seguiu acariciando-a com seus dedos e sua língua até que obteve que Kathryn alcançasse o topo.

Com o coração pulsando enlouquecido em seu peito, ela permaneceu deitada com os olhos fechados enquanto os dispersados fragmentos de seus sentidos voltavam a reunir-se. Não abriu os

olhos até que Joel se colocou junto a ela e afastou o cabelo úmido de seu rosto.

-Isso não foi justo - protestou, com seu desejo momentaneamente apaziguado.

Ele sorriu enquanto deslizava um dedo por suas clavículas.

-Tudo é justo no amor e na guerra - respondeu.

-Nesse caso, é meu turno - declarou ela, e um instante depois estava sentada escarranchada sobre o corpo dele. Olhou-o aos olhos com um perigoso sorriso nos lábios-. Assustado? Deveria estar, porque penso em te fazer pagar pelo que me fez - prometeu enquanto deslizava as mãos por seu poderoso peito.

Os dentes dele cintilaram em um sorriso.

-Me faça o pior que saiba. Poderei assimilar isso.

Kathryn se inclinou para ele e procurou os mamilos dele com seus lábios antes de começar a mordiscá-los.

Ele gemeu de prazer quando começou a riscar a seu redor lentos círculos com a língua.

Devagar, muito devagar, foi descendo por seu forte e plano ventre até aproximar-se da cintura de seu jeans. Então, ergueu-se, desabotoou o botão, desceu a cueca e liberou a excitada carne masculina

do confinamento. Não foi um acidente que sua mão o acariciasse enquanto baixava a calça e a cueca. Logo, atirou a um lado a roupa e contemplou o maravilhoso corpo dele completamente nu sob seu olhar. Não havia nenhuma dúvida com respeito a que ele a desejava, e ela sentiu em seu interior a palpação de um renovado desejo.

Deslizou as mãos para cima por suas coxas, aproximando-se, mas sem chegar a alcançar o lugar que sem dúvida ele desejava que acariciasse. Finalmente transigiu e, como ele tinha feito um momento antes, inclinou-se e tomou em sua boca de uma vez que seguia acariciando-o com a mão. Joel gemeu e esticou as mãos para ela.

-Para, para! - exclamou um momento depois, e ela elevou a cabeça e o olhou.

Sabendo que não ia poder agüentar mais, Joel a tomou pelos quadris, a fez virar até tê-la debaixo e a penetrou de um poderoso empurrão.

Te-lo em seu interior fez que Kathryn se sentisse completa pela primeira vez em sua vida, e se adaptou a seus movimentos em busca de um final que chegou de repente, explosivo e avassalador, lançando-a para o alto em uma onda de incrível prazer. Uns segundos depois, Joel se

uniu a ela com um prolongado gemido que pareceu surgir do mais profundo de seu ser.

Abraçados, sulcaram os tormentosos mares da paixão até que ao fim foram levados pela corrente até a costa, saciados e exaustos.

Passou muito momento antes que Joel se fizesse consciente de que ainda seguia em cima dela. Deitou-se a seu lado e tomou entre seus braços de maneira que apoiasse a cabeça em seu ombro. Logo, fechou os olhos e uns segundos depois já não estava acordado. Ela suspirou e apoiou uma mão em seu peito.

- Amo você -sussurrou, porque precisava dizer isso e porque sabia que ele não a estava escutando. Logo fechou os olhos e o imitou.

Despertou sobressaltada várias horas depois e permaneceu muito quieta enquanto tratava de discernir o que estava acontecendo. Joel seguia a seu lado, profundamente adormecido.

Um ruído chamou sua atenção. Foi o som de uma porta ao fechar-se, seguido do inconfundível ruído de um carro ao afastar-se. Em um instante compreendeu que podia tratar-se de Agnes, que havia retornado e que não demoraria a entrar na

sala de estar, onde se encontraria com um espetáculo que mataria de vergonha a todos.

Olhou a seu redor com desespero em busca de algo com que cobrir sua nudez e a do Joel e viu uma colcha dobrada sobre o braço de uma das poltronas. Uns passos ressonaram no corredor enquanto o estendia. Não os cobriu de tudo, mas foi suficiente para não morrer de vergonha quando, um instante depois, a porta se abriu e Agnes entrou na sala.

Seus olhos se encontraram uns surpreendidos, os outros consternados. Apesar de que as bochechas ardiam tanto que parecia que fossem incendiar-se em qualquer momento, Kathryn não quis que Joel despertasse. Entre uma coisa e outra tinha tido uma noite muito agitada. De maneira que levou um dedo aos lábios para que Agnes não dissesse nada e lhe indicou por sinais que se reuniria com ela em um momento. A princípio, temeu que a outra mulher não estivesse disposta a aceitar, mas por fim virou sobre si mesma e saiu da sala.

Kathryn se afastou com cuidado do Joel, deixou-o coberto com o xale e logo foi reunindo sua dispersada roupa para vestir-se.

Uns minutos depois saía da sala de estar em busca de Agnes. Encontrou-a na cozinha, preparando um chá.



A cozinheira interrompeu um momento sua tarefa para dedicar um eloqüente olhar.

-Espero que saiba o que está fazendo - disse com franqueza, embora não houve reprovação em seu tom.

Kathryn passou uma mão por seu revoltado cabelo e cruzou os braços à defensiva.

-Acredito que sim - respondeu incômoda.

Agnes tirou de um armário xícaras e pratos e indicou que se sentasse. Logo se reuniu com ela na mesa, mas não disse nada até que teve servido o chá.

-Quero muito ao senhor Kendrick, mas não estou cega. Joga com as mulheres. Vi-as ir e vir. Em alguns casos, alegrei-me que ver que se foram, mas em outros lamentei que Joel perdesse a oportunidade de conseguir uma boa esposa. Algumas inclusive o amavam, mas a maioria não. Utilizavam-no, e pouco a pouco conseguiram mudar ao amoroso moço. Uma em particular... - Agnes se interrompeu e mordeu o lábio, e Kathryn conteve o fôlego, pois, pela atitude da outra mulher, era evidente que o que tinha estado a ponto de dizer era algo que ela devia saber.

-O que aconteceu com essa mulher? - perguntou, e Agnes a olhou com expressão sombria.

-Estou contando isto porque gosto de você, e porque me parece uma boa garota. Joel não se permite apaixonar-se por causa dessa mulher. Eu me dava conta de que era frívola, mas ele estava louco por ela. Estavam a ponto de casar-se quando a encontrou com outro homem. Um homem por quem estava apaixonada, mas que não tinha o dinheiro do Joel. Pelo visto, tinham planejado que pedisse o divórcio em seguida e viver com o dinheiro que obtivera. Como se isso não fosse suficiente, ela decidiu vingar-se quando os descobriu e disse que ficou grávida dele, mas que tinha abortado - concluiu Agnes com um estremecimento de desagrado.

Kathryn levou uma mão à boca, horrorizada. Não tinha se equivocado ao suspeitar que houvesse uma mulher por trás da atitude dele, mas nunca teria suspeitado algo assim.

-Deus santo! Como foi capaz de fazer algo assim?

-Muito fácil, porque era uma mulher fria e diabólica. O senhor Kendrick esteve a ponto de enlouquecer durante uma temporada, e estivemos muito preocupados com ele. Quando se recuperou, tinha elevado um grosso muro em torno de seu coração que não deixou de crescer. O amor não

existe para ele. Não permite que ninguém se aproxime, e isso destruirá a mulher que o amar. Será amável e generoso, mas manterá seu coração fechado. Vi como acontecia antes, e não quero que aconteça a você - disse Agnes com suavidade, como se conhecesse o segredo dela.

-E o que faz pensar que me acontecerá? - perguntou ela.

Agnes deu um gole a seu chá antes de responder.

-Que você está aqui e ele não. Pensou nele, não em si mesma.

Kathryn se ruborizou.

-Ontem teve que sair para resgatar a uns excursionistas e não voltou até esta madrugada. Pensei que seria bom dormir - explicou, mas Agnes não era nenhuma tola.

-Talvez, mas a maioria das outras mulheres o teria despertado e o teriam enviado a falar comigo para ocultar seus rubores.

Kathryn não queria que recordassem às outras, e se negou a pensar nas que provavelmente a seguiriam.

-Eu não sou como as outras.

Agnes aplaudiu a mão com carinho.

-Não, não é. E eu adoraria acreditar que isso pudesse supor uma diferença - suspirou e moveu a cabeça com tristeza-. Mas temo que o senhor Kendrick não mudará.

Kathryn mexeu seu chá em silêncio e suspirou.

-Tem razão. Estou apaixonada por ele - confessou-. Mas Joel não está por mim. Não deve saber disso, e você deve me prometer que não dirá. Já me deixou bem claro que para ele isto é apenas uma aventura mais. Sei que sofrerei quando tudo acabar, mas sofreria ainda mais se Joel sentisse pena por mim. Acredito que poderia suportar qualquer coisa, menos isso - acrescentou, e Agnes a olhou com gesto compassivo.

-Não se preocupe. Não sou fofqueira. Seu segredo está a salvo comigo - prometeu-. Oxalá pudesse fazer algo para que se arrumassem as coisas, mas temo que não seja possível. A única coisa que posso fazer é rezar por você e rogar para que Joel recupere a prudência e saiba ver o que tem diante dos olhos. Você seria boa para ele.

Continuando, permaneceram um momento em silêncio, pois não havia mais que dizer. Por mútuo acordo, conversaram um momento sobre outras coisas e logo Kathryn subiu para tomar banho e trocar-se... E a fazer a mala.

De caminho ao andar de cima, apareceu à sala de estar e, ao ver que Joel continuava placidamente dormindo, não teve coragem para despertá-lo. Despertar entre seus braços e fazer amor apaixonadamente com ele teria sido uma bela lembrança para levar, mas as coisas não tinham saído assim e já não tinham remédio.

Enquanto tomava banho fez o possível por manter uma atitude mental positiva, mas na realidade não tinha nem idéia de como foram as coisas. A noite passada tinha sido mágica, mas, como ia repetir se viviam em extremos opostos do país? Como iriam continuar com sua relação à distância? Devia mentalizar-se para a possibilidade de que aquilo tivesse sido tudo.

Estava preparando a bagagem quando um som a fez voltar-se para a porta. Joel estava na soleira, envolto na colcha como se fosse uma toga. Com o cabelo revolto e a incipiente barba parecia a antiga versão romana da manhã seguinte. Seu primeiro impulso foi jogar-se em seus braços com a intenção de ficar ali para sempre, mas preferiu não fazer isso.

-O que faz? - perguntou ele, franzindo o cenho enquanto entrava no dormitório.

-Preparando um bolo - replicou ela, pois, dado que estava enchendo a bolsa com sua bagagem, o que estava fazendo devia ser óbvio.

-Vai a algum lugar?

Embora custasse um esforço sobre-humano, Kathryn se obrigou a responder em tom despreocupado.

-Tenho que tomar um trem, lembra? Agnes diz que a estrada está limpa, assim vou voltar para casa tal e como tinha planejado.

-Agnes já voltou? - perguntou ele, surpreso. Estava claro que ainda não se encontrou com ela.

-Estava dormindo quando chegou. Entrou na sala de estar e tive o tempo justo de te cobrir com essa colcha... que se sinta muito bem, por certo - tratou de brincar Kathryn. Estava a ponto de guardar um pulôver na bolsa quando ele a pegou pelo pulso.

-Por que não me despertou? - perguntou um pouco irritado.

-Porque precisava dormir. Embora a verdade seja que não parece que tenha servido para suavizar seu humor.

-Esperava te encontrar a meu lado ao despertar - replicou a modo de explicação.

-Como pode ver, tinha coisas que fazer - disse Kathryn em tom desenvolto.

Joel franziu o cenho.

-É sempre tão fria depois de ter passado a noite com um homem? - perguntou, e ela sorriu com suavidade, embora fosse o último que gostaria de fazer.

-Só estou sendo razoável. Além disso, pensei que você não gostasse das amantes pegajosas. Sinto que tenha doído que o deixasse sozinho na sala de estar, mas acreditava que estava seguindo as regras - replicou em tom irônico.

-Não me doeue - negou com secura.

-Pois não dá essa impressão.

-Estou me sentindo decepcionado, mas não doído - corrigiu Joel, e seu tom se suavizou quando acrescentou:- Queria voltar a fazer o amor com você.

-Também teria gostado - admitiu roucamente.

A frieza do olhar do Joel desapareceu imediatamente ao ouvir aquilo, e a tomou pelos ombros.

-Então, fique - disse-. Fica um dia mais e poderemos passá-lo na cama juntos. O que aconteceu esta noite foi incrível, não acha?

Kathryn respirou longamente.

-Sim foi - admitiu-. Tinha razão; sua forma de fazer amor é ainda mais intensa que sua arrogância.

Ele sorriu torcendo a boca.

-Se quiser que te diga a verdade, superou inclusive o que eu esperava, e quero voltar a sentir o mesmo. Fique, Kathryn, por favor.

Como desejava fazer isso... mas era impossível.

-Não posso - respondeu, com a garganta apertada pela emoção-. Já lhe disse isso. Tenho compromissos.

-Ao diabo com seus compromissos! - espetou Joel e, sem prévio aviso, inclinou a cabeça e a beijou com dureza nos lábios. Kathryn ficou olhando-o.

-Se voltasse a fazer isso, provavelmente me faria mudar de opinião, mas não o faça, por favor. O trabalho é importante para mim, e também são meus clientes. Tenho que ir para casa.

Joel suspirou, resignado.

-É uma mulher muito teimosa. Vai me fazer esperar, e odeio esperar.

O coração de Kathryn pulsou mais depressa.

-Isso significa que quer voltar a me ver?

-Depois de ontem à noite, como pode pensar o contrário? Este não é o fim, a não ser o princípio.

-Pode, mas não sei quando poderei voltar aqui de novo.



-É adulator saber que quer vir para ver-me, mas não será necessário. Vou ficar menos dias do que pensava. Tenho que fazer algumas coisas por aqui, mas estarei de volta a Londres para o fim de semana. Jantar comigo na sexta-feira.

Kathryn não dissimulou sua surpresa.

-Mas... acreditava que vivia aqui.

Joel negou com a cabeça.

-Não tiveste essa sorte. Passo aqui todo o tempo que posso, mas meu trabalho me retém em Londres muito freqüentemente - explicou, e ela se deu conta de que, se tivesse estado pensando com clareza, teria deduzido aquilo por si mesma. Drew vivia em Londres, logo seu chefe também tinha que estar ali.

-Compreendo - murmurou.

-Então, vai me dar uma resposta logo ou vou ter que esperar feito um molho de nervos? - brincou Joel. Ao ver que Kathryn piscava, sacudiu-a ligeiramente-. Jantar na sexta-feira. De acordo?

Ela reprimiu o sim que estava a ponto de responder em favor de uma resposta mais coquete. Não podia deixar ver o alívio que sentia.

-Acredito que na sexta-feira estarei livre. Terei que consultar minha agenda.

Os olhos dele brilharam.

-Mais vale que o deixe livre. De fato, vai ter que me reservar todas suas tardes a partir de agora. Não penso em compartilhar você com ninguém.

Kathryn sentiu um estremecimento de emoção. Aquelas eram as palavras que queria ouvir.

Embora estivesse mais satisfeita por sua reação do que podia admitir, sabia que devia manter a prudência.

-Temo que não vá ter outro jeito que me compartilhar. Janto com meus pais uma vez na semana.

-Isso permito - concedeu, magnânimo e ela sorriu uma vez que se separava de seu lado.

-Muito generoso por sua parte. E agora, vá e deixa que termine de preparar a bagagem. Meu trem sai em um par de horas e não posso perdê-lo - disse, e começou a dobrar outro objeto com mãos trementes.

-Chegará a tempo. Eu a levarei a estação - disse Joel, e ela se voltou para olhá-lo por cima do ombro.

-Não é necessário que se incomode.

-Claro que sim - insistiu enquanto se encaminhava para a porta-. Se tiver que te perder de vista durante toda uma semana, quero me assegurar de que tenha algo pelo que me recordar.

Quando saiu, Kathryn desejou poder ter dito que o recordaria sempre. Alegrava-lhe ter averiguado que Joel não queria que aquilo acabasse em seguida. Mas como desejava que não tivesse por que acabar nunca. Entretanto, era inútil chorar por não poder conseguir a lua. Devia estar agradecida pelo que Joel pudesse lhe dar e acumular as lembranças para que dessem calor durante as longas e solitárias noites que sem dúvida a aguardavam no futuro.

# Capítulo 7

UMA semana pode parecer eterna quando se espera a chegada do fim de semana, mas pode parecer ainda mais longa quando se está apaixonado. Quando por fim chegou à sexta-feira, Kathryn era um molho de nervos. Embora somente tivessem passado uns dias desde que tinha visto o Joel, e ele a tinha chamado cada tarde. Às oito da noite pareciam muito longe. Não sabia como ia superar o dia.

Mas, tal e como transcorreram as coisas, teve mais distrações das que tinha antecipado. Primeiro, chamou alguém com um problema que não se podia arrumar por telefone e teve que viajar para resolvê-lo. Isso levou toda a manhã, mas chegou em casa a tempo de tomar um café e comer um pedaço de pizza. Estava a ponto de sentar-se para comer na cozinha quando soou a campainha. Foi abrir e se encontrou com Drew, que imediatamente ofereceu a ela a larga caixa de flores que levava nas mãos.

-Por que me traz flores? -perguntou com curiosidade enquanto o seguia até a cozinha.

-Não são minhas. Encontrei-me nas escadas com o menino que devia entregá-las e me ofereci a

trazê-las. Quem as mandou? Ou não preciso perguntar? - perguntou Drew com um travesso sorriso.

O rubor delatou Kathryn.

-Já me tinham enviado flores antes - replicou enquanto deixava a caixa na mesa e a abria.

-Mas não desse lugar - disse Drew, que tinha fixado no nome da floricultura.

Kathryn não o estava escutando; todos seus sentidos se achavam concentrados na deliciosa dúzia de rosas vermelhas que havia na caixa. O cartão que acompanhava o ramo dizia simplesmente Joel, e seu coração pulsou mais depressa ao vê-lo. Rosas vermelhas. Todo mundo sabia o que significavam, mas ela não queria dar maior importância. Entretanto, tinha que significar que Joel ao menos sentia carinho por ela.

-Suponho que são do Joel, não? - disse Drew enquanto ela ia pôr as flores no vaso.

-Sim - respondeu Kathryn com simplicidade.

Seu primo fez uma careta.

-Isso explica por que esteve me evitando.

Kathryn franziu o cenho.

-Não estive evitando você - negou automaticamente, embora na realidade era que tinha estado fazendo. Como estavam alteradas suas

emoções, a última coisa que queria era escutar um novo sermão de advertência de seu primo sobre o pouco recomendável que era que se relacionasse sentimentalmente com Joel.

Drew a olhou com receio.

-Se deixar a secretária eletrônica posta todo o momento e não me devolve as chamadas, não fica outro jeito que pensar que está me evitando, Kathryn.

Ela começou a arrumar o ramo no vaso e suspirou.

-Sinto muito - desculpou-se.

Drew se aproximou e tocou um braço pelos ombros.

-Não se preocupe. A coisa é séria?

-Isso depende do ponto de vista, não acha?

-Tenho bastante claro qual é o do Joel, mas não estou seguro a respeito do seu.

Kathryn brincou com um casulo antes de responder.

-Meu ponto de vista é muito singelo: estou apaixonada por ele.

Drew amaldiçoou entre dentes.

-Temia isso. Poderia matá-lo! - acrescentou, zangado, e Kathryn apoiou uma mão em seu braço para acalmá-lo.

-Joel não teve nada que ver, ao menos no sentido em que você pensa. Acredita que, depois de me haver advertido que não me apaixonasse por ele, não tentei. Agora mesmo acredita que sinto o mesmo que ele, quer dizer, que isto não é mais que outra aventura da que ambos sairemos ilesos.

-Mas em seu caso não será assim - comentou Drew sucintamente, e ela não o discutiu, porque não podia.

-Escute Drew. Coloquei-me nisto com os olhos bem abertos, e não tenho intenção de deixá-lo porque meus sentimentos vão sair feridos. Estou preparada.

Drew suspirou com tristeza.

-Ninguém está preparado para esse tipo de dor, Kathryn. Desgraçadamente vai perceber pelo caminho mais duro. Somente recorda que poderá contar comigo quando precisar.

Kathryn apoiou a cabeça em seu ombro.

-Não conte à família. Não quero que comecem a fazer perguntas.

-De acordo, mas acabarão percebendo isso. Joel é notícia aonde vai, e se estiver com ele, você também será.

-Cruzarei essa ponte quando chegar a ela - disse Kathryn com firmeza-. E agora, já que está aqui, gostaria de um pouco de pizza?

-Com anchovas? - perguntou Drew esperançado, e quando ela assentiu, afastou uma cadeira da mesa e se sentou-. Minha ração que seja dupla - disse, e Kathryn foi rindo ao forno.

Embora tivesse animado o dia, Kathryn logo que recordava a visita de Drew quando chegaram às oito. O único homem em que podia pensar era em Joel e em sua iminente chegada. Tinha passado horas duvidando sobre o que vestir, pois nada parecia adequado para aquela memorável ocasião. Por fim tinha optado por um simples vestido esmeralda de duas peças consistente em uma saia e um Top combinando.

Depois, tudo o que teve que fazer foi esperar, mas os minutos que passaram até que tocasse a campainha foram intermináveis. Quando o fez, seu pulso enlouqueceu e teve que repreender-se para recuperar o controle. De maneira que foi uma Kathryn calma na aparência que abriu a porta, pois por dentro estava um molho de nervos. A profunda alegria que sentiu ao ver Joel a fez compreender



que, se tinha alguma dúvida com respeito a seus sentimentos por ele, podia esquecê-la.

Joel tinha um aspecto magnífico com o traje preto e a camisa de seda branca que tinha escolhido vestir. Com as mãos nos bolsos de sua calça, parecia muito tranquilo e depravado, além de extremamente atraente, e Kathryn esqueceu imediatamente as palavras de saudação que tinha pensado.

-Olá - foi tudo o que conseguiu dizer enquanto sentia como debilitavam os joelhos.

-Olá - replicou ele, com um de seus devastadores sorrisos. Ela a devolveu e ficou olhando sem dar-se conta de que passava o tempo até que ele elevou uma sobrancelha e disse-. Eu adoro seu alpendre, mas preferiria estar aí dentro com você.

Um leve rubor cobriu as bochechas de Kathryn enquanto se separava da porta.

-OH, claro. Entre, entre - convidou e ele o fez rindo.

-Adula-me que tenha ficado sem fala, porque tenho a impressão de que não deve te acontecer freqüentemente - brincou, e ela aproveitou o pé para recuperar o terreno perdido.

-A verdade é que estava tentando decidir se parecia mais sexy com esse traje ou com a colcha que usava o outro dia - replicou com um toque de ironia.

-E a que conclusão chegou?

Kathryn se apoiou contra a porta, cruzou os braços e inclinou a cabeça.

-Acredito que eu não gostaria de ter que escolher - brincou-. Hoje está elegante ao máximo. É por algum motivo especial?

Os dentes dele cintilaram quando sorriu.

-Está procurando elogios, querida?

Kathryn fez uma careta.

-Ao menos podia ter dito que sou esse motivo especial.

-E é querida. E agora que me fixo você também está muito bonita. Essa cor faz que seu cabelo reluza como ouro brunido. Deixa-me sem fôlego.

-Bem - disse Kathryn, satisfeita-. Isso me parece justo... Porque você anda me deixando sem fôlego desde que a conheço!

-Essa é toda uma admissão - murmurou Joel em um tom sensual-. E o que outros efeitos te produzi?

Kathryn elevou as sobrancelhas.

-E agora quem é que está procurando elogios?

Ele sorriu.

-Meio doido.

Depois, ela o olhou aos olhos e deixou de sorrir.

-Foi uma semana muito longa.

Joel também deixou de sorrir e, como se as palavras de Kathryn tivessem sido o sinal que estava esperando, tomou com ambas as mãos pela cintura.

-Uma semana muito longa - disse, e a atraiu para si para lhe dar um beijo que fez que ambos ficassem sem fôlego-. Necessitava disso - murmurou enquanto apoiava a testa sobre a dela.

Kathryn enlaçou as mãos em torno de seu pescoço e suspirou.

-Não me importa se quer saber ou não, mas senti sua falta - confessou.

Joel a atraiu para si para fazer sentir o efeito que produzia nele.

-Eu também senti sua falta - disse, surpreendendo-a-. Não esperava que fosse assim, mas o fim de semana passado foi maravilhoso e me encontrei pensando freqüentemente em você em lugar de em meu trabalho. Minha secretária acredita que estou a ponto de cair com a gripe ou um algo parecido.

Aquilo agradou tanto a Kathryn que teve que rir.

-Meu pobrezinho - compadeceu-se.

Joel entrecerrou os olhos.

-Assim que se diverte me ter pendurando do extremo de sua corda, não?

Kathryn desejou que fosse assim, mas aquilo somente era um jogo, e decidiu seguir interpretando sua parte.

-Certamente, produza-me uma deliciosa sensação de poder feminino.

-E o que pensa fazer com esse poder? - perguntou Joel em tom sedutor.

Kathryn sorriu com sensualidade enquanto brincava com sua lapela.

-Eu sei o que penso fazer... mas você tem que averiguar isso - disse, e o olhou expressivamente.

Joel grunhiu.

-Alguém já te disse alguma vez que é uma coquete terrível?

O sorriso de Kathryn ficou mais pronunciado.

-Freqüentemente, mas eles não pareciam se importar.

Joel entrecerrou os olhos.

-Acredito que não gosta de ouvir falar desses «eles».

-Tudo depende de quem eles “sejam”. É que estou falando de meus irmãos, de maneira que não

tem por que vê-los como uma ameaça. Sou tua enquanto me quiser - acrescentou em tom desenvolto, embora somente houvesse dito a verdade.

Por um instante, Joel a olhou sem ocultar sua surpresa, mas em seguida sorriu.

-Tal e como me sinto agora mesmo, vou querer você durante muito tempo.

Kathryn sabia que não podia esperar mais.

-Parece-me bem.

-Sua sinceridade é refrescante.

Ela encolheu os ombros.

-Sempre trato de dizer a verdade, a não ser que possa fazer sofrer alguém com ela. Ou se a quem trato de enganar é a meus irmãos.

Joel a olhou com zombadora cautela.

-Ah, seus irmãos. Quantos tem?

-Quatro. E todos são bem grandes - de fato, - todos tinham jogado rúgbi, e Nathaniel, o mais velho, ainda jogava.

-Só trata de me assustar - disse Joel, e ela sorriu.

-Logo não diga que não o avisei.

Ele abriu os olhos de par em par.

-Acaso vou conhecê-los?

Sabendo como era sua família, Kathryn não teria apostado pelo contrário.

-Assim que se inteirem de que saio com você - disse em tom irônico.

A diferença do que esperava Joel sorriu.

-Parece que me espera uma temporada muito interessante.

-Recordarei você disto o que acaba de dizer quando voltar aqui chiando os dentes - replicou Kathryn, embora lhe agradasse secretamente que Joel não parecesse preocupado pela perspectiva. A maioria dos homens com quem tinha saído se haviam posto pálidos ao ouvi-la.

-Me dou bem com a maioria dos homens.

Ela o olhou com ironia.

-Mas suponho que não é o habitual que esteja deitando com suas irmãs. A verdade é que preferiria que meus irmãos se inteirassem o mais tarde que fosse possível - assim que seu pai averiguasse, teria problemas.

Joel apoiou um dedo sob seu queixo e a fez elevar o rosto.

-O que acha que aconteceria se inteirassem? Tratariam de me afastar de você? Asseguro que isso não vai acontecer. Confia em mim.

Kathryn sorriu com melancolia.

-Confio em você, Joel, mas é que conheço meus irmãos melhor que a você.

-Isso está claro, mas se o que diz é certo, seus irmãos são meu problema, não o seu. Esquece aos Quatro Magníficos. Esta noite não quero nenhuma distração. Vou levar você para jantar, como tínhamos planejado, e depois iremos a algum lugar tranquilo em que prometo que não voltará a pensar em seus irmãos.

Joel demonstrou ser fiel a sua palavra. Jantaram em um pequeno restaurante italiano a cujos donos pareciam conhecer muito bem. Assim que chegaram, a família em pleno foi desfilando pela mesa para saudá-los em seu idioma nativo antes de voltar para suas tarefas.

-Vejo que é muito popular. Se trazer aqui a todas suas mulheres, devem ter uma grande clientela - comentou Kathryn com ironia depois de escolher o menu, impulsionada por uma pontada de ciúmes.

Joel estalou a língua.

-Pode guardar suas garras, coração. Este é o lugar que venho quando quero fugir dos fotógrafos. Lorenzo é o filho de um velho amigo da família. Emprestei-lhe dinheiro para abrir este restaurante e me devolveu isso no seu devido tempo porque é um homem orgulhoso.

Kathryn poderia ter se esbofeteado por ter mostrado aquele brilho de ciúmes.

-Sinto muito. Meu comentário não vem ao caso - desculpou-se.

Joel assentiu.

-A verdade é que a única mulher que trouxe aqui até agora é minha mãe, e a família do Lorenzo queria dar uma boa olhada. Deveria ter suposto que sua presença causaria um grande reboliço, mas queria levar você a um lugar em que pudesse a ter para mim sozinho. Lorenzo se assegurará de que não nos incomodem.

Kathryn tratou de não ver nenhum significado especial naquilo, mas custou muito. O fato de que ele a tivesse levado a um lugar que normalmente reservava para sua intimidade era algo inesperado. Ao menos sugeria que a considerava diferente das outras... embora isso não significasse que esperasse uma mudança radical por sua parte. Devia manter os pés na terra para que a inevitável dor que ia produzir no final daquela aventura não fosse ainda mais intensa. Se não esperava nada, tudo o que ele desse seria um presente. Como estar ali naquele momento.

De todos os modos, não pôde evitar dizer:



-Com certeza poderia ter escolhido outros restaurantes, não?

A resposta dele não a decepcionou.

-Certamente. Mas queria te trazer para este. Supunha que o apreciaria tanto como eu.

-É um lugar maravilhoso. Não o conhecia, e me alegra que ainda não seja muito popular.

-Remo oferece duas coisas que considero muito valiosas, boa comida e um ambiente agradável. Nem muita gente falando e fazendo ruído, nem celulares.

-Não usa celular?

-Sim, mas o deixo em casa quando saio com uma mulher para poder dedicar toda minha atenção.

E aquilo foi o que obteve Kathryn durante o resto do jantar. Já era tarde quando se foram do restaurante. Kathryn se sentou no carro com um suspiro de satisfação e deixou que seus pensamentos se dispersassem enquanto ele punha o carro em marcha. A felicidade era uma borbulha cálida em seu interior e se sentia assim simplesmente por estar com ele. Quando o carro parou, olhou a seu redor, surpreendida.

-Onde estamos? - perguntou com curiosidade. Joel tinha estacionado o carro em uma rua tranqüila de casas familiares.

-Em minha casa. Pensei que podíamos tomar uma taça antes que a leve para casa.

Kathryn o olhou nos olhos e inclusive na penumbra pôde ver o fogo que ardia neles. O desejo tinha permanecido discretamente entre eles toda à noite, mas naquele momento estava a ponto de aflorar e manifestar-se com toda claridade.

Uma taça me parece boa idéia - assentiu roucamente, e Joel acariciou sua bochecha com delicadeza. Logo, saiu do carro e o rodeou para ajudá-la.

O coração dela começou a pulsar mais depressa enquanto subiam as escadas. Um momento depois, estavam dentro da casa.

Sem dizer nada, e depois de deixar as chaves na mesa que havia na entrada, Joel a tomou nos braços e se encaminhou para as escadas.

-Pensava que íamos tomar algo - disse em tom desafiador enquanto o rodeava com os braços pelo pescoço e encontrava com os lábios o ângulo de seu queixo.

Joel não se deteve.

-Sinto-me como um homem a ponto de morrer de sede, e você é a única que pode me manter vivo, Kathryn. Mantive as mãos quietas toda a noite. Não me peça que espere mais.

A paixão que percebeu em sua voz fez que as emoções transbordassem o coração dela.

-Não vou pedir isso. Bebe. Bebe tudo o que necessite. O manancial de seu amor era inesgotável. Havia mais que suficiente para os dois.

Uma vez no dormitório, Joel a deixou no chão para tirar o paletó e a gravata antes de voltar a tomá-la entre seus braços. Kathryn suspirou satisfeita quando estes se fecharam em torno dela. E quando seus lábios se uniram e notou que Joel logo que podia controlar-se, seu coração se desbocou.

Aquela ocasião não foi como a anterior. Não fizeram amor devagar, pouco a pouco, pois tinham estado separados muito tempo. Um beijo suplantou o outro enquanto suas mãos se moviam febris por sua roupa, que foi caindo sem ordem pelo quarto em seu trajeto para a cama. Finalmente nus, deitaram-se sobre esta em um enredo de membros. A sensação dele sobre ela, a inconfundível evidência de sua poderosa necessidade pressionada contra seu ventre, foi como um detonante para os sentidos dela. Moveu-se contra ele com um gemido e uma

musculosa coxa masculina a fez separar os seus, permitindo a ele colocar-se entre eles e penetrá-la de um só empurrão.

Ela se arqueou para cima ao sentir o prazer da penetração e o rodeou com as pernas pela cintura para senti-lo ainda mais dentro de si. Joel tentou frear o ritmo, mas o desejo era muito intenso e, com um gemido, penetrou-a uma e outra vez, estabelecendo um ritmo que os conduziu rapidamente para a liberação desejada. Esta chegou com uma força explosiva, fazendo que ambos gritassem e se agarrassem um ao outro enquanto uma marejada de prazer os envolvia para deixá-los cair logo com lentidão em sensações mais sossegadas.

Permaneceram quietos um longo momento enquanto, pouco a pouco, o mundo voltava a girar. Por fim, Joel elevou a cabeça e a olhou com o cenho ligeiramente franzido.

-Está bem? Machuquei você? - perguntou com sincera preocupação, pois não podia dizer-se que tivesse sido muito delicado.

Kathryn sorriu e levantou uma mão para acariciar seu rosto.

-Não me machucou. Não teria podido - sussurrou.

-Deveria me ter obrigado a parar - insistiu ele.

-Não queria que parasse. Desejava você tal como foi.

Joel virou sem soltá-la, de maneira que Kathryn ficou sobre ele.

-Normalmente não estou acostumado a perder o controle desse modo.

Ela sorriu.

-Me alegra que o tenha perdido. Gostei muito.

-Hmm - Joel suspirou e logo bocejou-. Logo que posso manter os olhos abertos.

-Durma - disse Kathryn, que também começava a sentir que pesavam suas pálpebras.

-Desta vez não escapará?

Ela sorriu com suavidade.

-Não. Estarei aqui quando despertar. Prometo - Kathryn não iria. Se fosse por ela, nunca o deixaria.

Uns segundos depois ouviu o rítmico e pausado som de sua respiração e soube que havia dormido. Uma vez mais, e sabendo que não podia ouvi-la, murmurou:

-Amo você - e uns momentos depois adormecia.

Horas mais tarde, Kathryn se moveu e esticou automaticamente a mão em busca do corpo que deveria estar a seu lado. Ao encontrar tão somente um espaço vazio, abriu os olhos e se ergueu sobre os cotovelos. Descobriu o Joel sentado em uma cadeira junto à janela. Devia levar um momento acordado, pois tinha posto um roupão de seda.

-O que faz aí? - perguntou, adormecida-. Volta para a cama - disse, e esticou uma mão para ele.

Joel não se moveu.

-Está tomando anti concepional? - perguntou tenso.

-Não - respondeu e se perguntou o que aconteceria e aonde os iria levar aquela conversa. Não era o que esperava depois de ter feito amor como tinham feito.

-Maldita seja! - exclamou Joel enquanto ficava em pé e começava a caminhar de um lado a outro do quarto.

Kathryn tragou saliva, nervosa.

-O que acontece, Joel?

Ele deixou de caminhar e se voltou para ela.

-Ontem à noite não utilizei nenhuma proteção. Nem tampouco na vez anterior. Desejava-a tanto, que nem sequer pensei nisso - respondeu, e Kathryn começou a compreender. Ela tampouco tinha

pensado em proteger-se... porque tinha estado cega pelo amor. Mas, evidentemente, ele não queria que pudesse exercer aquele tipo de controle sobre ele.

-Compreendo. Mas duvido muito que vá acontecer alguma coisa - respondeu, esforçando-se por manter a compostura. Doía-lhe ver a frieza com que Joel podia contemplar sua relação. Apenas ela tinha sentido paixão. As possíveis conseqüências desta tinham ficado muito longe de sua mente. Ao que parecia, com ele não tinha acontecido o mesmo.

-Mas poderia acontecer - replicou -. Agora mesmo poderia estar grávida.

-Certamente... mas ainda estou no começo do ciclo, assim que o risco é mínimo.

-E o que faria se estivesse grávida?

Kathryn se encolheu de ombros.

-Suponho que o mesmo qualquer mulher nessas circunstâncias - respondeu, e ficou desconcertada ao ver a frieza que adquiriu de repente a expressão dele.

-Iria se livrar dele.

-Não! -negou imediatamente-. Claro que não. Não teria motivos para fazer isso.

Foi evidente que sua resposta o surpreendeu e a olhou com os olhos entrecerrados.

-Não seria a primeira - disse tenso, e foi então quando Kathryn recordou o que lhe tinha contado Agnes.

-Não, não seria a primeira, mas sei que se ficasse grávida teria o bebê. Acredito que a maioria das mulheres faria o mesmo se pudessem - respondeu com suavidade.

Depois de olhá-la um momento, Joel se voltou para a janela e afastou a cortina para olhar ao exterior. Mesmo estando de costas Kathryn pôde sentir sua tensão, a batalha que estava liberando em seu interior. «Conta pra mim, disse em silêncio. «deixe-me entrar em seu coração».

Joel deixou cair a cortina e se voltou de novo.

-Provavelmente pensará que estou exagerando, mas tenho bons motivos para fazer isso - interrompeu-se para respirar profundamente e Kathryn viu em seu rosto o esforço que estava custando falar daquilo-. Uma vez estive comprometido com uma mulher a quem amava. Eu acreditava que me correspondia, mas o certo é que queria apenas meu dinheiro. Quando ficou sabendo que estava esperando meu filho, abortou - disse em tom inexpressivo, mas Kathryn pôde sentir a dor que havia atrás de suas palavras, embora nem



sequer ele fosse consciente disso. Doeu então e continuava doendo.

-Sinto muito - disse com suavidade, e ele a olhou intensamente.

-Não vou permitir que volte a acontecer nada parecido, Kathryn.

Ela assentiu e umedeceu os lábios enquanto se perguntava se Joel seria consciente de que acabava de admitir que em outra época amou. Duvidava, mas não diria nada. Iria se agarrar à esperança de que o que aconteceu uma vez podia voltar a acontecer.

-É compreensível.

Ele suspirou e foi sentar-se na beira da cama.

-Normalmente estou acostumado a ser muito cuidadoso com respeito às medidas de proteção, mas você tem a habilidade de fazer que todo pensamento razoável desapareça de minha cabeça. Agora poderia estar grávida, e se for assim, quero que me prometa que não abortará.

Kathryn tomou sua mão e o olhou nos olhos.

-Já disse que não faria isso, mas se serve de algo, dou minha palavra.

Joel fechou os olhos um momento, e ela se perguntou com que diabo estaria lutando em seu interior.

-Se estiver grávida, me dirá? Pode ser que estejamos no século XX, mas acredito que uma criança deveria crescer conhecendo seu pai e sua mãe.

-Eu acho o mesmo - disse e passou os braços em torno do pescoço dele para atraí-lo para si -. Se acontecer, prometo dizer sussurrou emocionada, e quando ele a abraçou fechou os olhos para reprimir as lágrimas.

-Obrigado - murmurou-. Sinto ter me comportado assim com você, mas sou muito criterioso com respeito a esse tema. Sei muito bem que você não é como ela. Você é uma boa mulher.

Kathryn teria dado algo naquele momento por poder dizer que o amava que podia confiar nela, mas era impossível. Tudo o que podia fazer era agarrar-se ao feito de que, ao menos, Joel tinha falado de sua ex noiva. Segundo Agnes, era algo que nunca mencionava.

Enquanto permaneciam abraçados, uma pequena parte de sua mente não pôde evitar perguntar-se se estaria grávida. Como Joel havia dito, existia essa possibilidade. Por um lado esperava que assim fosse, pois se não podia ter a ele, ao menos poderia dar seu amor a seu filho. Por outro, aquilo mudaria as coisas. Joel não tinha

mencionado o casamento, mas se fizesse isso, poderia seguir amando-o como estava sabendo que ele não se permitiria correspondê-la e que apenas se casaria pelo bem de seu filho? O certo era que não sabia. Somente poderia tomar uma decisão como aquela se a ocasião de tomá-la aparecesse.

-E agora, vai vir para a cama de uma vez ou não? - perguntou, com a intenção de distrair a ele, tanto como a si mesma daquele assunto tão doloroso.

Ele sorriu.

-Está segura de querer isso? - perguntou em tom irônico.

-Não tenho que me levantar para trabalhar, assim posso recuperar o sono mais tarde - replicou com picardia, e ele sorriu travessamente.

-Não vamos dormir?

Kathryn se agarrou às lapelas do roupão dele enquanto se deixava cair sobre os travesseiros.

-Eu não estou nada cansada. E você?

Joel se deixou arrastar.

-Agora que o menciona... - murmurou, e a beijou sem concluir a frase.

Kathryn fechou os olhos e lhe devolveu o beijo.

# Capítulo 8

AS semanas seguintes passaram voando para Kathryn. Era tão feliz que brilhava um sorriso permanente no rosto. Joel e ela se viam diariamente. Às vezes saíam, mas quase sempre ficavam em casa de um ou outro, desfrutando de sua mútua companhia. A princípio, Joel estava acostumado a ficar em sua casa, mas conforme foi passando o tempo começaram a ir mais freqüentemente a dele, de maneira que Kathryn virtualmente acabou vivendo com ele ali e trabalhando na sua.

A vida era idílica. A única nuvem que escurecia um pouco o horizonte tinha sido o descobrimento de que não estava grávida. Quando disse a Joel, uma ambígua emoção brilhou em seus olhos. Alívio? Pesar? Kathryn não estava segura, mas o que sabia com certeza era que a paixão entre eles não tinha diminuído. De fato, parecia ter aumentado, de maneira que, quanto mais faziam amor, mais se desejavam... Embora Joel não houvesse voltado a esquecer-se de usar proteção. Racionalmente, ela sabia que tinha razão, mas seu coração teria gostado que as coisas fossem de outro modo. Apesar de tudo, não deixava de repetir que o

amava, embora sempre quando estava dormindo e não podia ouvi-la.

Em determinado momento, decidiu esquecer o futuro e tomar cada dia como viesse. Sabia que estava vivendo com um sentimento de segurança falso. Era apenas questão de tempo que sua família averiguasse com quem estava saindo, e sabia que quando isso acontecesse todo o peso da censura familiar cairia sobre sua cabeça, porque a queriam e pensariam que não haveria futuro para ela com Joel. A reputação deste falava por si mesma. Às vezes se sentia como se estivesse contendo o fôlego enquanto esperava que caísse a tocha.

E; como está acostumado a acontecer, caiu quando menos esperava.

O telefone tocou na terça-feira enquanto Kathryn trabalhava em um programa especialmente complicado. Respondeu a insistente chamada com um grunhido de irritação.

-Kathryn Templeton. No que posso ajudá-lo?

-Me ocorrem várias formas, coração, mas com total probabilidade acabaríamos presos - a sensual voz de Joel fez que a irritação dela desaparecesse imediatamente.

-Hmm, isso soa interessante. O que tinha pensado?

-Se dissesse isso, nem você nem eu voltaríamos a nos concentrar em nosso trabalho, assim acredito que será melhor que conte isso logo - replicou ele sedutoramente, e Kathryn sentiu um pequeno estremecimento de antecipação.

-Estou desejando que chegue esse momento - respondeu, e acrescentou-: por que me chamou?

-Acaso tem que haver um motivo? Pode ser que quisesse apenas escutar o som de sua voz - disse com suavidade.

-Você gosta do som de minha voz? - perguntou com voz rouca-. Porque eu poderia dizer o que me está fazendo a sua agora mesmo.

-Em determinadas circunstâncias, sua voz faz que me seja impossível me concentrar em nada mais.

Kathryn riu.

-Eu gosto da idéia de que não possa se concentrar em nada mais.

-Suspeitava que dissesse isso.

-Trato de não decepcionar você - brincou, e sorriu para ouvir que Joel gemia.

-Esta conversa vai me custar caro - disse, e suspirou-. Não sei como vou me concentrar em toda a tarde, e meus empregados vão começar a me dedicar de novo olhares de estranheza. Não dizem

nada, mas sei que pensam que está tendo um efeito nocivo sobre mim.

Kathryn elevou as sobrancelhas.

-Não vejo por que. Não sou a primeira mulher de sua vida, e não serei a última - como sempre, brincou com aquele tema, mas cada vez era mais difícil fazer isso. Estava muito envolvida naquela relação para sair ilesa dela, mas esse era um preço que estava disposta a pagar.

-Não - concedeu -, mas você é única que conseguiu que chegue mais de um dia tarde ao trabalho. Dá-se conta de que tive que atrasar mais reuniões nas últimas semanas que nos últimos dez anos?

Era um consolo saber que sua relação era o suficientemente diferente das outras para despertar comentários.

-Lamenta isso?

-A verdade é que não. Prefiro estar com você que em uma sala de reunião abarrotada, e isso não é nada típico em mim. Às vezes penso que deve ser uma bruxa.

-Que tipo de bruxa? Das que o transforma em sapo, ou das que lança um feitiço que o une a ela para sempre? - disse Kathryn, e pensou que, se existisse tal feitiço, o usaria imediatamente.

-Das segundas, é obvio - respondeu Joel em tom de brincadeira.

Kathryn deixou de sorrir, porque teria dado algo por acreditar que Joel sentia por ela algo mais que mero desejo. Apesar de tudo, tratou de falar em tom desenvolto.

-E o feitiço tem feito efeito? Está pronto para mim para sempre? -«diga que sim», rogou seu coração em silêncio. «Diga que sim».

-É obvio. Sou seu escravo devoto - respondeu Joel laconicamente, e o coração dela se encolheu de decepção-. Faria algo por você - acrescentou ele, e foi como jogar sal à ferida, pois ela sabia que não estaria disposto a fazer a única coisa que ela queria.

Joel nunca entregaria seu coração.

-Tome cuidado, porque pode ser que faça cumprir sua palavra - advertiu, e ele se limitou a rir.

-Acha que isso me faria voltar atrás?

-Isso faria quase todos os homens.

-Eu não sou quase todos os homens. Ainda não se deu conta? Sou feito de uma massa mais forte. Prove-me.

-Não sei... Provavelmente procuraria algum modo de liberá-lo - aguilhoou-o.



-Agora insulta minha honra. Vou ter que exigir que me ponha a prova - replicou Joel em tom digno, embora a diversão de seu tom de voz era evidente.

Kathryn voltou a sorrir.

-De acordo, farei isso. E agora, vai me dizer para que chamou? Porque se não, tenho trabalho que fazer.

-É uma mulher muito dura.

Kathryn riu.

-Vou desligar - ameaçou com doçura.

-De acordo, você ganhou. Ponha uma roupa sexy e se encontre comigo aqui às sete. Tenho uma surpresa para você. Não demore - advertiu e desligou sem dar tempo para responder.

Kathryn ficou olhando um momento o aparelho e logo desligou com um suspiro. Joel podia ser exasperante, mas, como o amava! Ia passar toda a tarde perguntando-se no que consistiria aquela surpresa, e ele sabia. Mas se vingaria. Ele mesmo tinha posto a oportunidade em bandeja com aquela provocação, e tudo o que tinha que fazer era pensar em algo realmente diabólico. Passou a vida brigando com quatro irmãos, e isso significava que estava muito bem treinada.

Kathryn se apresentou as sete em ponto no escritório dele. Os empregados já se foram e ele estava sozinho. Concentrado em uns papéis que tinha sobre a mesa.

-Trabalha muito - disse enquanto entrava em seu escritório. Joel elevou o olhar e o sorriso que curvou seus lábios fez que o coração dela pulsasse mais depressa. Fechou a pasta e se levantou para dar boas vindas a ela.

-Tenho que recuperar o tempo que perdi pensando em você todo o dia - disse enquanto a tomava entre seus braços.

Ela elevou a cabeça para receber seu beijo. Este foi lânguido e profundamente possessivo, como se Joel estivesse deixando sua marca nela, e Kathryn se perguntou se seria consciente disso... embora isso não tivesse por que significar nada. Provavelmente fazia o mesmo com todas suas mulheres.

Afastou aquele pensamento de sua cabeça quando ele se separou um pouco para olhar o discreto vestido negro que usava. Assentiu com aprovação.

-Muito bonito.

-É o suficientemente sexy? - perguntou ela em tom zombador.

-Seria sexy mesmo vestida com um saco - murmurou -. Conseguiu pôr minha imaginação em marcha, assim acredito que o melhor que podemos fazer é... ir para casa.

-Ah, não! - Kathryn apoiou ambas as mãos sobre seu peito-. Não antes que me dê a surpresa que prometeu.

Joel suspirou pesadamente.

-Suponho que vai insistir nisso, não?

-Pode estar seguro.

Joel passou um braço por seus ombros e - conduziu-a para a porta.

-Acontece que neste momento tenho em meu bolso entradas para a inauguração da nova exposição de Alternem

Kathryn voltou imediatamente a cabeça para ele.

-Você conseguiu convites?

-Sim, e eu consegui dois. Mas não temos por que ir se não gosta - brincou Joel, e ela elevou a cabeça e o beijou.

-Obrigado - Kathryn adorava Turner, e tinha se decepcionado não poder assistir na inauguração. Assim tinha feito saber o Joel e ele tinha conseguido dois convites. Era de estranhar que o amasse tanto?

-Vamos. Não devemos chegar tarde - disse ele enquanto a puxava para o elevador-. Depois, poderá me agradecer como é devido.

A exposição era tão maravilhosa como Kathryn tinha esperado. Enquanto a percorriam, apenas se fixou em algumas olhadas que recebia de vez em quando de algumas pessoas que reconheciam Joel e estavam a par de sua reputação. Até que literalmente se toparam com um homem que não se limitou a olhá-la.

-Joel, velho amigo; quanto me alegro em ver você - saudou efusivamente, e estreitou a mão do Joel como se esperasse extrair água dela-. O que aconteceu a loira com quem o vi no Gstaad? Tinha que perguntar isso velho amigo. Era divertida? - acrescentou de uma vez que dedicava uma piscada exagerada.

Joel retirou sua mão.

-Está bêbado, Marcus, ou do contrário teria notado que não estou sozinho - replicou, com uma frieza que fez que Kathryn se estremecesse.

Mas Marcus não pareceu alterar-se

-OH, sinto muito. Este é seu novo caso? - continuou depois de dedicar a Kathryn um olhar repulsivamente lascivo-. É muito atraente, mas você sempre conseguiu levar as melhores - esticou uma

mão para, ela, mas, rápido como um raio, Joel o segurou pelo punho.

-Mantenha as mãos afastadas dela, Marcus - advertiu, em um tom de voz suave, mas mortal que fez que o outro homem piscasse-. Acredito que o melhor que poderia fazer agora mesmo seria ir para casa a dormir para curar essa bebedeira.

Enquanto olhava a seu redor, incomodada, Kathryn pensou que era um bom conselho. Por sorte, estavam em um canto bastante afastado da sala e o incidente tinha passado despercebido. Mas Marcus não captou a indireta.

-Não estou bêbado, amigo, apenas bem lu... lubrificado - replicou, e sorriu tolamente.

O sorriso que Joel devolveu não foi precisamente amistoso.

-Está o suficientemente... lubrificado... para estar insultando a esta dama.

Marcus soltou uma gargalhada.

-Dama? Desde quando você se tornou tão educado?

Kathryn sentiu que suas bochechas ardiam e viu que a mandíbula do Joel se esticava perigosamente.

-Desculpe Marcus, ou não me vai ficar outro jeito que te deitar aqui mesmo com um murro - ameaçou.

Nessa ocasião, Marcus pareceu captar a mensagem.

-De acordo, de acordo - disse com rapidez-. Não sabia que estava sendo abusado. Suponho que esta é especial, não? - olhou a Kathryn-. Não recordo exatamente o que eu disse, mas me desculpo se a ofendi, senhorita... - deixou a frase pendurando e Joel interveio imediatamente.

-Se despeça dela, Marcus - disse, e soltou o punho do outro homem. Marcus olhou de um a outro, murmurou uma espécie de despedida e se foi.

Kathryn se alegrou de perdê-lo de vista.

-Seu amigo? - perguntou em tom irônico, mas Joel não sorriu.

-Já não - respondeu com frieza.

-Teria batido nele de verdade? - perguntou com curiosidade.

-Ele estava procurando. Uma pessoa não deveria beber se não souber fazer isso.

Kathryn estava desconcertada. Até então, os únicos que a tinham defendido de um modo tão incondicional tinham sido seus irmãos, e estes

tinham um motivo para fazê-lo, pois não estavam dispostos a permitir que ninguém fizesse mal a sua irmãzinha. Entretanto, e apesar de ser tão somente seu amante temporário, Joel tinha saído em sua defesa mesmo antes que ela se desse conta de que estava sendo insultada. Seu coração pulsou mais depressa. Havia um nome para aquele tipo de reação e, segundo Joel, a emoção que definia esta não existia. Foi um pensamento muito alentador. Kathryn tampouco queria nomear aquela emoção, mas podia significar com o acontecido Joel a queria mais do que estava disposto a admitir?

Pensando nisso, Joel havia dito e feito várias coisas que, vista em conjunto, pareciam sugerir que sentia por ela algo mais que carinho. O problema era “que não podia saber quanto se afeioou» com as demais mulheres de sua vida. De maneira que devia ser razoável e não respirar em seu coração falsas esperanças, porque, embora fosse assim, isso não significava que fossem compartilhar um futuro juntos.

Respirou profundamente para relaxar seu pulso e passou um braço pelo do Joel.

-Obrigado por me ter defendido, mas o certo é que o que disse não me incomodou.

-Mas a mim sim - replicou com firmeza, e suas palavras foram como música para ela.

-Sempre protege tanto a suas amigas? - perguntou em tom despreocupado.

Joel se deteve ante um grande tecido e o contemplou durante tanto tempo, que ela supôs que não fosse responder, mas então voltou o olhar para ela.

-Detesto aos homens que falam das mulheres como se fossem objetos. Por outro lado, acredito que nunca tinha estado tão perto de golpear alguém. Teria adorado poder apagar esse estúpido sorriso de seu rosto.

-Acredito que isso ele captou - murmurou com ironia.

-Não pretendia envergonhar você - desculpou-se, e deslizou um dedo com delicadeza por sua bochecha.

Ela sorriu.

-Não me envergonhou. Sei que provavelmente é antiquado, mas me agradou ter a meu lado um homem capaz de vir em minha defesa. Não queria renunciar a minha independência, mas, às vezes, as mulheres apreciam o instinto protetor masculino.

Joel riu e sua expressão relaxou.



-Nesse caso, suponho que não considera que é uma atitude muito possessiva.

-Pode ser, depende, quando e de quem provenha, mas você não encaixa aí. Protege às mulheres porque é o que um homem deve fazer, já que nem sempre podemos nos proteger nós mesmas. Eu gosto disso em um homem - respondeu com sinceridade, e a seguir sorriu-. Que tal vai seu ego?

-Continue adulando-o e acabarei golpeando o peito como um gorila. Não há dúvida de que sabe como obter que um homem se sinta bem - admitiu Joel.

-É algo que se aperfeiçoa com a prática. Não é que não pense o que disse, mas tive que domar muitos egos masculinos ao longo de minha vida.

-Os de seus irmãos?

Kathryn riu.

-Exato - disse enquanto seguiam caminhando.

-Kathryn?

Kathryn ficou tensa para ouvir seu nome pronunciado por uma voz muito conhecida por ela. O momento que tinha temido durante aquelas últimas semanas acabava de chegar. Obrigou-se a sorrir animadamente enquanto se voltava.

-Olá, Nathaniel - saudou seu irmão, e se adiantou para beijá-lo na bochecha.

-Tinha me parecido que foi você - disse Nathaniel Templeton. Era um homem alto, loiro e muito forte -. Não esperava ver você aqui.

-Nem eu a você - disse Kathryn-. Como está? - perguntou, mas a atenção de seu irmão tinha sido captada pelo homem que estava junto a ela, observando-os. Pela expressão do rosto de seu irmão estava claro que tinha reconhecido Joel... e que não o fazia nenhuma graça ver sua irmãzinha em companhia daquele homem-. Suponho que será melhor que faça as apresentações - continuou Kathryn-. Joel, este é meu irmão Nathaniel. Nat apresento Joel Kendrick.

Resistente, Nathaniel ofereceu sua mão.

-Kendrick - disse secamente, o que fez que Joel sorrisse enquanto estreitava a mão do outro homem.

-É um prazer conhecê-lo, Nathaniel. Kathryn me falou várias vezes de você. Joga rúgbi, verdade? - disse, com uma delicadeza que teria desarmado imediatamente a qualquer homem feito de uma massa mais branda.

-Faz quanto tempo que conhece minha irmã? - perguntou Nathaniel irritado.

-Faz várias semanas - respondeu Joel, que sabia reconhecer uma provocação quando a escutava.

O coração de Kathryn se encolheu ao ver a expressão de seu irmão.

-Compreendo.

Joel sorriu burlonamente.

-Sério?

Nathaniel escolheu não responder a aquilo. Em lugar disso, olhou de novo para sua irmã.

-Você manteve isto muito em segredo.

Kathryn elevou o queixo e lançou um olhar de advertência a ele.

-Acontece que opino que a vida privada das pessoas é precisamente isso... privada.

Se esperava frear a seu irmão com aquilo, levou uma decepção. Nathaniel a ignorou e a tomou pelo braço.

-Nos desculpe um momento - disse a Joel, e logo se retirou uns metros com sua irmã-. Você ficou louca? - perguntou-. Papai vai montar um bom número quando se inteirar disto!

Kathryn se liberou da mão de seu irmão de um puxão.

-Só se você falar! - replicou, zangada-. Isto não é problema seu, Nat, nem de papai.

-É obvio que é! Esse homem é um mulherengo!  
No que está pensando?

Aquilo fez que Kathryn ficasse lívida de raiva.

-Não te ocorra voltar a chamá-lo assim! -  
ordenou, enfurecida.

Nat não se alterou.

-Está se deitando com ele?

-Não tem direito de me perguntar isso!

-Deus santo! Está fazendo isto! - exclamou Nat,  
horrorizado.

Os olhos dela se encheram de lágrimas. Sabia  
que antes ou depois ia passar aquilo.

-Isso não é problema seu assim faz o favor de  
não se intrometer - replicou.

-Sabe que não posso fazer isso - disse seu  
irmão, previsivelmente. Continuando, em tom mais  
suave, acrescentou-: Como quer que feche os olhos  
ante isto sabendo que está cometendo um terrível  
engano?

Aquilo era o que Kathryn temia. Sua família se  
preocupava com ela muito para evitar sua relação  
com o Joel. Ergueu os ombros e olhou a seu irmão  
nos olhos.

-Nesse caso, suponho que vai ter que fazer o  
que deve fazer. Mas não espere que agradeça por

isso - disse e, sem outra palavra, girou sobre seus pés e se afastou de seu irmão.

Também passou junto ao Joel para afastar-se mais de Nat, de maneira que não viu o longo e tenso olhar que os dois homens trocaram antes que Joel a alcançasse.

-Onde está o fogo? - brincou ele, embora sem afastar seu atento olhar do perfil dela.

Ela se deteve e suspirou.

-Sinto muito. Eu... - a falta das palavras adequadas para descrever exatamente como se sentia, moveu a mão expressivamente.

Joel apoiou ambas as mãos em seus ombros e a fez voltar-se.

-O que ele disse? - perguntou com suavidade.

-Mais ou menos o que esperava. O jogo começou. Como terá comprovado, ficou horrorizado ao saber de nosso relacionamento. Toda minha família vai se inteirar em menos de um abrir e fechar de olhos.

-Hmm... Sim que detectei certa frieza no ambiente. Suponho que haverá dito que se ocupe de seus próprios assuntos, não?

-Certamente, mas poderia ter me economizado as palavras. Não quis me escutar - respondeu Kathryn, desanimada.

-Já é bem grandinha para tomar suas próprias decisões.

Ela sorriu sem humor.

-Sou a irmã caçula e você é o Lobo Mau. Se fosse meu irmão, me deixaria nas mãos de um homem com sua reputação?

Joel franziu o cenho e logo fez uma careta.

-Suponho que não - admitiu-. O que pensa fazer?

-Nada. Certamente, não penso em ceder!

Ele sorriu.

-Ah, não?

Kathryn elevou o queixo com gesto desafiante.

-A obstinação é um traço de minha família. Não permitirei que ninguém me obrigue a fazer nada que não queira fazer. Sabia muito bem no que estava me colocando ao manter uma relação com você, Joel. Também sabia que minha família poria o grito no céu, mas estava preparada para isso porque queria estar com você.

Aquela confissão fez que Joel franzisse o cenho.

-Não vai ser fácil, não?

Kathryn sorriu com pesar.

-Pensava que ia poder passar mais tempo com você antes que comesçassem os foguetes.

-Talvez devamos parar já. Não vale a pena que enfrente a sua família por minha causa - disse Joel em tom sombrio, e o coração do Kathryn se deteve um instante.

-Quer terminar? - perguntou em tom desafiador.

Depois de um significativo silêncio, Joel negou com a cabeça.

-Suponho que deveria fazer o devido, mas ainda não estou preparado para dar o nosso por terminado. A desejo muito.

Os lábios dela se curvaram em um amplo sorriso.

-Então, continuarei com você.

-Tão simples assim?

-É obvio. Sou uma mulher simples. Sei o que quero e estou disposta a pagar o preço necessário por isso. Minha família desgostará, mas passará.

Kathryn sabia muito bem quão certas eram suas palavras. Quando sua relação com Joel acabasse e ela estivesse sofrendo, como sem dúvida sua família esperava, eles seriam os primeiros em ir consolá-la.

Joel moveu a cabeça como se não a entendesse.

-É uma mulher extraordinária.

Ela sorriu.

-Não sou nada extraordinária - apenas uma mulher que o amava-. E não acha que vai liberar disto facilmente. Não será fácil agüentar a pressão. Espera e verá.

-Acredito que poderei agüentar a sua família - disse Joel, crédulo, e ela não quis contradizê-lo.

Logo perceberia que, tanto em conjunto como por separado, os Templeton formavam uma formidável força de ataque.

-Claro - replicou com segura.

-Não penso renunciar a você sem brigar.

Kathryn sorriu de novo.

-Pois não se preocupe, porque vai ter briga. Mas asseguro que não será precisamente agradável. Acha que vale a pena? Sabe muito bem que poderia me deixar e passar a próxima da lista.

-Poderia, mas você é a única mulher que quero ver agora - replicou Joel imediatamente-. É a única mulher que quero em minha vida, assim suponho que terei que correr os riscos necessários com sua família.

-Nesse caso, suponho que continuamos juntos.

-Certamente - assentiu Joel.

De repente, Kathryn lamentou não estar em algum lugar em que pudesse beijá-lo sem chamar a atenção.



-Não sei você, mas acredito que eu já tive suficiente arte por hoje.

-Estou de acordo - disse Joel, e se encaminhou imediatamente para a saída com ela de braço-. Quer ir jantar em algum lugar em especial?

-Preferiria ir para casa. Podemos pedir algo se tivermos fome - disse Kathryn.

-E se não, estou seguro de que nos ocorrerá algum modo de passar o tempo - murmurou Joel em tom sedutor.

Ela sorriu.

-Justo o que eu estava pensando.

Fora da galeria, Joel parou um táxi e deu seu endereço ao condutor. Kathryn não protestou. Queria estar onde Joel estivesse. Talvez não fosse passar muito mais tempo com ele, mas sabia com certeza que durante esse tempo não ia se aborrecer.

# Capítulo 9

KATHRYN estava em sua cozinha na quinta-feira pela tarde, preparando o jantar, quando ouviu que a porta de entrada se fechava com força. Sabia que era Joel, porque tinham marcado para jantar, mas a surpreendeu que chegasse tão cedo. E surpreendeu mais ainda que um instante depois não estivesse ali a beijando, de maneira que foi buscá-lo.

Encontrou-o na sala de estar, com um copo de uísque na mão. Por sua expressão, parecia precisar.

-Mau dia? - perguntou, e ele se voltou sem sorrir.

-Terrível - confirmou com uma careta enquanto afrouxava a gravata e desabotoava o botão superior de sua camisa. O paletó estava sobre uma cadeira. Kathryn foi para ela e a colocou no respaldo para que não se enrugasse.

-Gostaria de falar disso? - perguntou enquanto se aproximava dele para tirar sua gravata.

-Já falei muito - disse em tom cansado enquanto flexionava os ombros para relaxá-los.

-Uma reunião difícil?

Joel riu com ironia.

-Várias reuniões difíceis - disse, e suspirou-. Advertiu-me isso, de maneira que é minha culpa não ter levado a sério. Está ganhando o direito de me dizer «eu avisei».

De repente, Kathryn compreendeu.

-OH, não! - gemeu.

-OH, sim - confirmou Joel antes de terminar sua bebida de um gole e deixar o copo na mesa.

As reuniões que tinha tido tinham sido com seus irmãos. Ela já esperava; apenas a surpreendia era que tivessem esperado tanto.

-Que irmãos? - perguntou.

-Todos - Joel fez uma careta. Logo moveu a cabeça e sorriu-. Deus santo! Deveriam dedicar-se a fazer interrogatórios profissionalmente.

-Sinto muito - desculpou-se, prometendo-se ter umas palavras com seus irmãos quando os visse.

Joel tinha começado a relaxar. Puxou-a pela mão, deixou-se cair em uma cadeira e a fez sentar-se sobre seu colo.

-Não sinta. Foram me ver porque se preocupam com você, e isso me parece bom... embora preferiria não ter me transformado no objeto de seu interesse.

-O que disseram?

-Primeiro sugeriram que me afastasse de sua vida. Quando disse que não podia fazer isso,

quiseram saber quais eram minhas intenções a respeito de você. É obvio, eu disse que isso não era assunto dele. Estivemos um momento dando voltas a esse tema e logo me explicaram com detalhe o que me passaria se a fizesse sofrer. Certamente, os métodos que têm planejado para meu falecimento são realmente engenhosos.

Kathryn já estava fervendo a essas alturas.

-Poderia estrangulá-los!

- Janet achou muito divertido - disse Joel, referindo-se a sua secretária-. Não estava espiando, mas as paredes são finas e estávamos alterando em muito as vozes. Pensa que faz tempo que deveria ter levado meu castigo. Devo reconhecer que os Templeton são os homens adequados para fazer isso.

Kathryn franziu o cenho, perplexa, pois, em conjunto, Joel parecia estar tomando-lhe muito bem.

-Como pode rir do que passou?

-Porque todos queriam me fazer morder o pó. Eu gosto - admitiu Joel.

-Pois eu os odeio! - espetou Kathryn, tão zangada que poderia ter cuspidos pregos. Por que não a deixavam em paz de uma vez?

-Não, não os odeia - corrigiu Joel imediatamente-. Os ama tanto como eles a você.

-Talvez - replicou, contrariada-, mas eu gostaria que deixassem de se intrometer em minha vida.

-Isso nunca acontecerá. Sempre será sua irmãzinha caçula e sempre cuidarão e tratarão de te proteger de todos os lobos maus do mundo.

-Embora possa aceitar isso, devem compreender de uma vez por todas que não necessito que me protejam - insistiu Kathryn com o cenho franzido. Tinha a desagradável sensação de que estava acabando seu tempo.

Joel apoiou uma mão em sua bochecha e a fez voltar o rosto.

-Quer saber o que é realmente uma loucura? - perguntou-. Que eu tampouco quero que você sofra.

-Não seja tolo - disse Kathryn rapidamente-. Você não me faria sofrer.

-Não? - Joel a olhou nos olhos-. Estou começando a me perguntar isso. Sei que não é tão dura como tenta me fazer acreditar.

Kathryn ficou tensa imediatamente.

-O que quer dizer com isso? -perguntou inquieta. Se Joel tinha adivinhado seu segredo...

-Só que se todo mundo está se esforçando para que não sofra, é que pode sofrer, e eu odiaria ser a causa de seu sofrimento. Pode ser que seus irmãos

tenham razão. Talvez devesse desaparecer de sua vida.

Kathryn sentiu uma descarga de pânico.

-Não se atreva a me deixar, Joel Kendrick - disse com ardor-. Nunca o perdoaria isso.

Ele franziu o cenho ante sua veemência.

-Estou pensando em você, Kathryn, no que seria melhor para você. Eu não te convenho.

-Claro que me convém! - insistiu, e sorriu.

-Não deveria tentar me impedir de fazer o correto. Faz anos que não tinha um sentimento tão nobre.

Kathryn negou com a cabeça.

-Pessoalmente, opino que a nobreza está supervalorizada - sobre tudo se significava perdê-lo.

-De todos os modos - continuou com um suspiro-, não sei quanto tempo vou conseguir manter você afastada da imprensa.

Kathryn elevou as sobrancelhas.

-Acaso tem que ver com o fato de que minha foto não tenha aparecido na imprensa amarela? - embora tivesse ficado surpresa, o fato de que sua presença na vida dele não tivesse sido uma ceva para a imprensa tinha sido um grande alívio. Por fim compreendia por que.

-Eu não gostaria da idéia de ver seu retrato nos jornais com algum absurdo título sensacionalista. No que a mim concerne, sua imagem não é para consumo público. Não tenho intenção de te compartilhar com a metade do país, de maneira que simplesmente fui mais discreto.

O coração dela se encheu de prazer. Joel não queria que sofresse nem que se visse submetida à fofoca pública. Isso tinha que significar algo. No fundo, queria-a... ou não? Quanto teria gostado de estar segura... Ocultar seus sentimentos não era natural.

Tragou saliva para abrandar o nó que tinha na garganta e sorriu.

-Obrigado. Foi muita consideração.

-De nada, mas eu estava apenas sendo egoísta. Não quero compartilhar você. Quero-a toda para mim.

Aquela declaração reconfortou Kathryn, e a guardou ciosamente em seu coração enquanto deslizava uma mão pelo sedoso cabelo dele.

-Não tenho problema com isso - disse-. Eu também te quero todo para mim.

Joel tomou sua mão e a beijou na palma.

-Nunca conheci ninguém como você. Não exige nada. Não quer nada?

Kathryn queria tantas coisas que não podia nomear todas. Mas, em conjunto, para sua felicidade bastava uma: ele.

-Agora que mencionou isso, não me viria mal que abrisse a garrafa de vinho - disse em tom zombador, e ele sorriu.

-Isso é algo que posso fazer - Joel ficou em pé com ela ainda nos braços. Uma vez na cozinha, deixou que deslizasse contra seu corpo até deixá-la no chão.

Kathryn o olhou com olhos brilhantes.

-Hmm, seu humor parece ter melhorado - murmurou, pois havia sentido que o corpo dele tinha respondido ao dela com tanta velocidade como o seu ao dele.

-É por sua culpa - Joel sorriu e a afastou com suavidade-. Será melhor que me ocupe do vinho antes que me distraia muito.

Ela sorriu e se voltou para a travessa.

-Já que está nisso, também pode pôr a mesa. Isso aplacará seus ardores.

-Não acredito coração - replicou enquanto tirava a garrafa da geladeira-. O mero feito de estar na mesma sala com você me excita. Acreditava que isso iria passando com o tempo, mas quanto mais a vejo, mais quero. Tornei-me viciado em você.



-E isso é bom ou ruim? - perguntou Kathryn, que estava a ponto de pôr um filé na frigideira.

-Bom, certamente. Estou acostumado a me aborrecer com facilidade, mas você nunca fica aborrecida. De fato, sempre está me surpreendendo.

-Eu gosto de te manter interessado. Não queria que nossa relação ficasse monótona.

-Nunca ficará - disse Joel enquanto ia pegar os talheres.

Kathryn deixou de sorrir.

-Sim. Algum dia acontecerá - corrigiu.

Ele a olhou com o cenho franzido.

-Por que diz isso?

-Porque minha sucessora está aí em algum lugar, esperando para chamar sua atenção - replicou Kathryn com simplicidade.

Algo cintilou no olhar dele ao ouvi-la, mas ela não soube como interpretá-lo.

-Não estava pensando a tão longo tempo - disse incômodo-. Apenas me alegra que esteja aqui agora.

-Sério?

-É obvio. É a única pessoa com quem quero estar agora.

-Mas não pode negar a possibilidade de que isso vá mudar no futuro, não?

-Não, isso não posso fazer - Joel entrecerrou os olhos-. Por que está me perguntando essas coisas agora, Kathryn?

Ela encolheu os ombros e sorriu.

-Suponho que preciso saber em que situação me encontro.

Joel deixou os talheres, aproximou-se dela, tomou pelos ombros e a sacudiu com delicadeza.

-Estamos juntos, e com isso me basta. Pensava que a você também.

-E é assim - assentiu com rapidez-. Apenas estava me pondo imaginativa. Esquece o que mencionei e deixa que termine de preparar estes filés, ou não vamos comer nunca - disse enquanto se voltava de novo para a frigideira. Sentiu que Joel continuava olhando-a, mas se negou a voltar-se. Finalmente, ele retornou à mesa.

Não voltaram a mencionar o assunto enquanto jantavam. Kathryn contou o que tinha feito durante o dia e ele contou com mais detalhe o encontro que havia tido com seus irmãos, mas de um modo que fez com que ela risse em lugar de zangar-se.

Ainda estava rindo quando tocou a campainha da porta. Surpreendida, Kathryn olhou a hora. Eram mais das dez da noite.

-Quem diabos será? - perguntou enquanto ia abrir.

O homem com o quem se encontrou poderia ter sido um de seus irmãos, exceto por seu cabelo grisalho.

-Papai! - exclamou tão consternada como surpreendida-. Que surpresa! O que o traz por aqui? -acrescentou sem convicção, e não estranhou o severo olhar que dedicou seu pai.

-Vai me convidar a entrar? - perguntou Victor Templeton, e ela se afastou a um lado de uma vez que olhava para a cozinha, mas não viu rastro de Joel.

-É obvio. Entre - deixou que seu pai fechasse a porta e o conduziu à sala de estar-. Sente-se - disse nervosa-. Gostaria de algo para beber?

Seu pai decidiu deixar de formalismos e foi diretamente ao grão.

-O que é isso que ouvi sobre esse tal Kendrick?

Os nervos de Kathryn desapareceram imediatamente de uma vez que cruzava os braços com expressão beligerante.

-Chama-se Joel. O que é o que quer saber exatamente sobre ele?

As bochechas de seu pai se ruborizaram para ouvir sua resposta.

-Assim é certo que sai com ele, não?

-Estou segura de que Nat e os outros já o terão posto a par. O que de verdade quer saber é se estou me deitando com ele, e a resposta é que sim - respondeu Kathryn em tom desafiante.

Victor Templeton não ocultou seu aborrecimento.

-Não se ponha respondona comigo, Kathryn. Continuo sendo seu pai.

Ela suspirou.

-Já sei papai, e o amo, mas não tem direito a se intrometer em minha vida.

-Preocupar-se não é intrometer-se.

-Quer dizer que não tem intenção de fazer com que rompamos? - perguntou Kathryn com ironia, e seu pai apertou os dentes com impotência, pois ambos sabiam que isso era precisamente o que pretendia.

-Conheço você, Kathryn. Sei que não teria se metido em uma relação assim se não quisesse realmente ao homem em questão, mas neste caso não a merece.

-Não estou de acordo. Claro que me merece. O que acontece é que não o conhece. É um bom homem, papai - replicou à defensiva.

-Sei que acredita nisso, mas esse homem é o que se está acostumado a chamar de um playboy - disse seu pai com convicção-. Apenas está brincando com seu afeto. Suponho que saberá que não vai se casar com você.

Se estava pensando que ia desconcertar sua filha com aquilo, equivocou-se totalmente.

-Sei perfeitamente.

-E não se preocupa?

Kathryn voltou a suspirar e fez um gesto com a mão para que seu pai abaixasse a voz.

-Mentiria se dissesse que não. É obvio que quero me casar com ele. Amo-o, quero passar o resto de minha vida com ele e ser a mãe de seus filhos, mas tenho que ser prática. Isso não é o que ele quer. Sei que isto é apenas uma aventura a mais para ele, e dói saber disso, mas se isso é tudo o que pode me dar, aceitarei.

Victor Templeton não ocultou a consternação que o dominou pelas palavras de sua filha.

-Você consegue se ouvir? É que não tem orgulho?

A Kathryn não agradava decepcionar seu pai daquele modo, mas estavam falando de sua vida, de suas decisões. Olhou-o com expressão estóica.

-Aparentemente não.

-Ele a ama?

Aquela foi uma pergunta calculadamente cruel. De todos os modos, ela respondeu sinceramente.

-Não. Acredito que sente carinho por mim, mas não me ama - não acrescentou que Joel pensava que o amor não existia.

-Mas isso não tem sentido! Se não te amar, por que está disposta a passar por isso? - perguntou Victor em um tom mais carinhoso.

-Já disse isso. Porque o amo, papai. Por isso.

Victor elevou as mãos com impotência e logo as deixou cair aos lados enquanto movia a cabeça.

-Ele sabe que você o ama?

-Não - respondeu Kathryn.

Seu pai passou ambas as mãos pela cabeça em um gesto de frustração que ela conhecia muito bem.

-Se não posso te convencer para que repense, lembre-se ao menos que pode contar conosco quando precisar.

Kathryn sabia que acabaria dizendo aquilo, e sentiu um nó na garganta.

-Obrigado por preocupar-se tanto. Sinto o ter decepcionado.

-Nunca poderia me decepcionar, querida. Sei que estamos falando de sua vida, e tenho que permitir que a viva à sua maneira, mas não é fácil,

sobre tudo vendo como se encaminha para um desastre certo. De verdade vale a pena?

-Acredito que sim - respondeu Kathryn com um sorriso.

Seu pai suspirou e esticou os braços para ela.

-Nesse caso, vem me dar um abraço.

Kathryn se aproximou dele e deixou que a reconfortasse como estava acostumado a fazer quando era pequena.

Um ruído na porta chamou sua atenção e ambos de voltaram para ela. Joel estava na soleira, olhando-os com expressão inquisitiva.

-Kathryn? Vai tudo bem? - perguntou enquanto entrava.

Ela pensou que parecia muito desorientado. Tinha que ter ouvido algo. Separou-se de seu pai e sorriu.

-Perfeitamente. Meu pai veio me fazer uma visita inesperada - explicou enquanto tentava ler no olhar de Joel, mas não conseguiu ver nada.

Joel se voltou para Victor com a mão estendida.

-Boa noite, senhor Templeton. Estou certo de que sabe quem sou - disse em tom irônico.

-Sua fama o precede senhor Kendrick - replicou Victor no mesmo tom, embora estreitasse de todos os modos à mão que era oferecida.

Joel sorriu.

-Sim, tive o prazer de me encontrar com seus filhos um momento atrás.

-Só querem proteger sua irmã - disse Victor sem necessidade-. Que se prepare qualquer um que a faça sofrer.

Joel inclinou a cabeça e logo olhou ao outro homem nos olhos.

-Não tenho intenção de fazer sua filha sofrer, senhor.

-Pode ser que isso seja certo, jovem, mas o caminho ao inferno está pavimentado de boas intenções - replicou o pai dela solenemente.

-O problema de ter uma reputação como a minha é que ninguém acredita que possa ter boas intenções - disse Joel.

-Provavelmente porque ao longo de sua vida tem feito todo o possível por demonstrar o contrário. Mas prometo que minha família só o julgará pelo que faça a partir de agora. Minha filha pensa que é um bom homem, assim não demonstre o contrário - advertiu Victor antes de voltar-se para sua filha para beijá-la na bochecha-. Agora vou, Kathryn. Lembre-se do que eu disse - depois de dedicar ao Joel um último e expressivo olhar, saiu da sala.



-Acompanho você - disse ela, e o seguiu até a porta. Ali, seu pai apertou com carinho um braço.

-Espero por seu bem que esse homem demonstre que estou equivocado - disse antes de encaminhar-se para seu carro.

Kathryn fechou a porta com sensação de fatalismo.

Voltou para sala de estar sentindo-se mais relaxada do que esperava. Joel estava junto à chaminé, com a cabeça inclinada e o olhar fixo no fogo apagado. Quando ela entrou, ergueu-se e a olhou pensativamente.

Kathryn se deteve a uns passos dele, decidida a tomar o touro pelos chifres.

-Quanto tempo estava aí fora? - perguntou.

-O suficiente - replicou com calma, e ela assentiu.

-Então já sabe.

-Que me ama? Sim - confirmou Joel sem mostrar a mínima emoção. Pelo interesse que estava mostrando, poderiam estar falando do tempo.

O coração dela se encolheu. Se tivesse esperando que ele compartilhasse seus sentimentos teria tido uma grande decepção. Era muito sensata para isso, mas a indiferença dele doeu. Ao menos podia estar zangado, pensou irritada.

-Supunha que não devia ter escutado nossa conversa - disse com frieza-. Acaso tem por costume espiar pelas fechaduras das portas?

A mandíbula dele se esticou visivelmente.

-Ao ver que não voltava para a cozinha pensei que quem tinha chamado podia ser um de seus irmãos e que podia necessitar de apoio moral. Quando me dei conta de que era seu pai, duvidei - confessou tenso.

-E, conseqüentemente, escutou mais do que devia.

Joel procurou com o olhar os olhos dela.

-É certo? Você disse a sério?

Sustentou seu olhar sem piscar.

-Não é algo sobre o que mentiria. Amo você.

Foi ele quem desceu o olhar uns instantes antes de voltar a olhar para ela.

-Dissimula muito bem.

Kathryn sorriu.

-Não vai querer que leve meu coração ao descoberto, não? Sobre tudo sabendo que não quer saber disso - disse com clareza-. E como segue sem querer saber, sugiro que esqueça. Não sei de você, mas me viria muito bem um café. Vou fazer enquanto terminamos de recolher os pratos - disse

em tom desenvolto enquanto se voltava e se encaminhava para a cozinha.

Não foi fácil atuar com indiferença, mas não ficou outro jeito. Não estava disposta a aceitar a compaixão dele. Não poderia suportar.

Estava a ponto de abrir a cafeteira quando ele a tomou por um ombro e a fez voltar-se. Quando o olhou nos olhos, viu neles um fogo que fez que seu coração pulsasse mais depressa.

-Como pode se mostrar tão tranqüila com respeito a tudo isto? - perguntou Joel sem ocultar sua emoção.

Kathryn afastou a mão que tinha apoiada sobre seu ombro.

-Porque me golpear o peito e me arrancar o cabelo seria uma perda de tempo. Mostro-me «tranqüila» porque não tenho outra opção - disse, e se voltou de novo com intenção de pôr o café.

Mas Joel a fez voltar-se de novo.

-O que quer dizer com que não tem outra opção?

-Não tenho opção porque nada mudou, não? - respondeu, e se voltou de novo para pegar a cafeteira.

Exasperado, Joel a pegou pelas mãos e a deixou a um lado. Logo, tirou-a de um braço e a conduziu até uma cadeira, onde a fez sentar-se.

-Esquece de uma vez o maldito café! - ordenou, e a seguir tomou outra cadeira e se sentou tão perto, que ela não teria podido levantar-se embora tivesse querido-: Vê Kathryn.

-Muito bem. Antes não me amava, não? - perguntou em tom desafiador e ele entreceitou os olhos.

-Não - confirmou brevemente.

O coração dela estava pulsando muito depressa, mas ela insistiu.

-E agora não me ama, não?

Joel duvidou um instante antes de responder o que ela supunha que responderia.

-Não, não te amo.

Apesar de que esperava isso, Kathryn teve que tragar saliva para continuar.

-De maneira que nada mudou. A vida continua igual. Simplesmente sabe algo que não sabia antes. Mas esse conhecimento tampouco vai matar você - burlou-se.

Ele não ocultou seu aborrecimento.

-E como diabos supõe que vou esquecer o que disse?

Kathryn elevou uma sobrancelha.

-Já que não é algo importante para você, supunha que seria fácil fazer isso.

-Maldita seja, Kathryn! Avisei você que não se apaixonasse por mim! - Joel se levantou e foi até a porta traseira, abriu-a e respirou várias vezes profundamente, como se lhe faltasse o ar.

Kathryn o observou sem saber o que pensar daquilo. Nunca o tinha visto mostrar tanta emoção.

-Por que está tão zangado? Isto é meu problema, não seu. Não estou pedindo que me corresponda.

Ele se voltou e dedicou um olhar tormentoso.

-Como pode fazer algo tão estúpido como se apaixonar por mim depois de tudo o que eu disse?

Ela sorriu apesar de si mesma.

-Não pude evitar. A gente não decide apaixonar-se. Simplesmente acontece, e isso é o que me aconteceu.

Joel moveu a cabeça.

-Está me obrigando a te fazer sofrer.

-Não o culpo por isso. Foi inevitável do momento em que compreendi o que sentia por você. Mas não tem por que se preocupar. Estou preparada para assumir as consequências.

Joel golpeou o marco da porta com o punho e ela não pôde evitar um sobressalto.

-Pois eu não!

Kathryn se perguntou se Joel saberia como tinha sido reveladora aquela afirmação.

-Doeria me fazer sofrer? - perguntou tensa, pois a resposta era importante.

-É obvio! - replicou imediatamente.

Kathryn sorriu com pesar.

-Então é que me ama um pouco, não?

Aquilo desconcertou Joel.

-Quero muito. Por isso não quero ver você sofrer, Kathryn - disse com voz rouca, e o coração dela remontou o vôo. Significava tanto para ela o ouvir dizer aquilo.

Um melancólico sorriso curvou seus lábios.

-Temo que isso já seja irremediável. Deve decidir o que vai acontecer a partir de agora. Tal e a meu ver, tem duas opções. Acabar com isto agora ou mais tarde.

Joel a olhou com expressão sombria. Por um momento, Kathryn pensou que não ia responder, mas quando o fez, o que disse foi totalmente inesperado.

-Há uma terceira opção. Poderíamos nos casar.

O coração dela pulsou contra seu peito como se quisesse sair. Casamento? O mero fato de ele expor aquela opção a deixou aniquilada.

-Não fala a sério!

Joel encolheu os ombros.

-Por que não? Sempre tive intenção de me casar algum dia.

Kathryn agitou a cabeça com intenção de limpar-se.

-Está sugerindo de verdade que se casaria comigo para não me fazer sofrer? - perguntou com cautela, pois era a coisa mais absurda que tinha escutado em sua vida.

-Não quer se casar comigo? - replicou-. Não quer se casar com o homem que ama?

Kathryn ficou boquiaberta. É obvio que queria casar-se com ele, mas não assim.

-Você não quer se casar comigo. Não me ama - disse trememente.

-Quero-a mais do que quis a nenhuma outra mulher. Temos muito em comum. Quanto mais penso nisso, mais sentido me parece que tem nos casarmos.

Aturdida, Kathryn levou uma mão a testa.

-Fala sério.

Ele assentiu.

-Nunca falei mais a sério.

-Mas você não acredita no amor - disse confusa.

-Não tenho que amar para me casar. Já havia dito isso. Se aceitar, o que posso prometer é que me assegurarei de que nunca se arrependa disso. Serei fiel aos meus votos. Pensa nisso, Kathryn. Não resolveria isso tudo? - Joel voltou a sentar-se e tomou em suas mãos as dela.

Kathryn o olhou nos olhos e, maravilhada, compreendeu que falava a sério. Podia o ter para sempre. Tudo o que tinha que fazer era dizer sim.

-Sabe que é uma loucura - murmurou.

-Às vezes apenas se podem fazer loucuras.

Ela umedeceu os lábios.

-Se aceitar, não espere que oculte meus sentimentos. Não poderia fazer isso. Já foi duro até agora. Se me casar com você será porque o amo, e me, assegurarei de fazer você saber. Poderia viver com isso?

-Enquanto não espere que isso mude as coisas, sim - assentiu Joel-. E bem?

-Não vai me dar um pouco de tempo para pensar?

-Quanto tempo necessita? O que saberá dentro de uma hora que não saiba agora? Ou quer se casar comigo, ou não quer.



Joel tinha razão, e Kathryn sabia. Estava oferecendo mais do que nunca teria esperado. Estava claro que a queria e, talvez, algum dia aquele carinho poderia transformar-se em amor. Mas para comprovar isso devia fazer uma aposta sem garantias de nenhum tipo. Poderia fazer isso?

Respirou profundamente e decidiu lançar-se ao vazio.

-Sim, me casarei com você, Joel - aceitou consciente de que não havia volta.

Algo parecido ao alívio brilhou no olhar dele, mas desapareceu tão rapidamente que Kathryn supôs que tinha imaginado. Que motivo podia ter para sentir-se aliviado?

-Prometo que não se arrependerá - voltou a dizer Joel enquanto se levantava e a puxava com delicadeza para poder abraçá-la.

Kathryn se agarrou a ele com força. Esperava que não. Esperava com todo seu coração não ter que arrepender-se.

# Capítulo 10

No dia seguinte, houve momentos em que Kathryn acreditou estar vivendo um sonho. Não deixava de beliscar-se para comprovar que estava acordada. Nada parecia real, nem sequer quando Joel a levou a uma das joalherias mais caras da cidade para que pudesse escolher o anel de noivado... um maravilhoso diamante. Mas não pôde ficar nenhuma dúvida, porque de uma vez insistiu em que comprassem as alianças de casamento. De todos os modos, continuou sentindo que ia despertar a qualquer momento e descobrir que tudo tinha sido um sonho.

O sentimento persistiu até no sábado pela manhã, e desapareceu quando sua mãe chamou enquanto Joel e ela tomavam o café da manhã.

-Kathryn, querida, me alegro tanto por você. Inclusive te perdôo por não me haver contado nada antes! - disse Lucy Templeton assim que ouviu a voz de sua filha.

Kathryn ficou boquiaberta.

-Mamãe, eu não...

-É atraente? Você o ama? Mas que pergunta tão estúpida! É obvio que o ama! Fale-me dele. Morro

por saber tudo - continuou sua mãe sem deter-se para respirar.

Kathryn se voltou lentamente para Joel, que a observava por cima do jornal.

-Sim, é atraente, mamãe. Ao menos parece isso. E sim, o amo com todo meu coração.

-Já decidiu a data? Vão casar na igreja?

-Ainda não decidimos nada. Mas... como ficou sabendo? - Kathryn era um pouco supersticiosa e ainda não havia dito nada a ninguém, nem sequer a sua família.

-A notícia está em todos os jornais, querida. Levo toda a manhã recebendo chamadas de familiares e amigos. Foi um pouco incômodo não ter nenhum detalhe que contar, porque eu estava tão surpresa como eles pelas notícias. Mas está armando um verdadeiro temporal. Deve trazê-lo para almoçar amanhã, querida. Morro de vontade de conhecê-lo. Seu pai me disse que é um homem muito respeitado no centro financeiro de Londres. Está aí? Posso falar com ele?

-Um momento - Kathryn passou o telefone a Joel-. Minha mãe quer falar com você.

Joel se aproximou e ela o deixou conversando com sua mãe enquanto ia olhar o jornal. Ao ver impressa a notícia de seu casamento, toda sensação

de irrealidade desapareceu como uma névoa matutina. Aquilo não era um sonho; estava acontecendo realmente, Joel tinha pedido que se casasse com ele e ela tinha aceitado. Já era oficial.

-Temo que o almoço vá ser impossível. Kathryn e eu temos coisas que fazer pela manhã. Poderíamos ir jantar? E haveria algum problema em que levasse algum convidado?

Kathryn voltou a cabeça rapidamente para ouvir aquilo. Olhou-o com gesto interrogativo, mas ele negou com a cabeça. Alguns minutos depois desligava.

-Sua mãe é uma mulher muito agradável - disse Joel enquanto voltava a sentar-se.

-Assim penso eu - assentiu Kathryn, e franziu o cenho-. O que é o que temos que fazer amanhã? E por que não havia dito que a notícia de nosso compromisso estava na imprensa?

Joel sorriu sem mostrar o mínimo arrependimento.

-Tinha pensado que seria uma agradável surpresa. Além disso, era o modo mais rápido de comunicar ao maior número de gente.

Certamente que tinha sido uma surpresa, pensou Kathryn com ironia.

-E sobre amanhã?

-Isso é outra surpresa - respondeu, sem dar mais explicações.

-Odeio surpresas! - exclamou, e Joel sorriu.

-Não, não as odeia. E mesmo se odiar, esta você gostará.

-Como pode saber?

-Confie em mim.

Kathryn entrecerrou os olhos.

-Por que vou confiar em um homem que nem queira me avisar de que vai publicar nosso compromisso na imprensa?

-Porque me ama - disse com simplicidade, e aquilo a deixou sem resposta.

-Esse foi um golpe baixo, Kendrick! Depois de tudo, acredito que não o amo.

-Amará amanhã - replicou crédulo, e sorriu-. Confie em mim - acrescentou, e Kathryn olhou ao alto, exasperada.

-É o homem mais... ! -deixou a frase sem concluir enquanto movia as mãos com gesto de impotência.

-Aonde quer ir passar a lua de mel? - perguntou a seguir, e ela franziu o cenho.

-por que está tomando todas estas atitudes, Joel? Não é possível que possa gostar de se colocar em toda essa confusão - disse, sem compreender.

-Já que ambos temos intenção de casarmos uma só vez, acredito que devemos fazer muito bem.

A resposta dele a deixou aniquilada. Esperava que tivesse insistido em casar-se no tribunal.

-Mas tudo isto é tão romântico... e você não me ama. Joel pegou sua mão e enlaçou seus dedos com os dela.

-Achava que iria querer casar-se de branco. Estou enganado?

Kathryn se sentiu culpada imediatamente. Joel estava fazendo tudo àquilo por ela, porque pensava que era o que queria e queria fazê-la feliz.

-Tem razão. Essa é a forma que quero. Mas pensava que estivesse me desconjurando porque nosso casamento não é... -interrompeu o final da frase, mas Joel se encarregou de acabá-la por ela.

-Não é real? Nisso se engana. Vai ser muito real, e precisamente por isso terá que fazer tudo certo. Assim haverá vestido branco e lua de mel... se é que alguma vez chega a me dizer aonde quer ir - brincou, e Kathryn sentiu que seu coração se enchia de amor por ele, pois estava fazendo tudo aquilo por ela.

-OH, não sei - disse, e sorriu depois de encolher os ombros-. Surpreenda-me.

-Mas se você não gosta das surpresas -  
recordou Joel, e ela riu.

-Menti.

-Hmm, vejo que vou ter que trabalhar muito  
com você, querida - murmurou Joel, e a puxou até  
fazê-la sentar-se em seu colo.

-Em nenhum momento eu disse que fosse ser  
fácil - brincou Kathryn.

Ele sorriu de orelha a orelha.

-Isso é o que quero.

Ela apoiou uma mão em sua bochecha e o  
beijou na ponta do nariz.

-Amo você - disse.

Joel a olhou com expressão serena.

-Sei Kathryn. Não penso em esquecer isso.

-Isso espero - advertiu ela enquanto o telefone  
voltava a tocar-. Algo me diz que não vai parar em  
todo o dia - protestou enquanto se levantava-. É seu  
turno.

-E se for um de seus irmãos?

-Agora já não tem por que preocupar-se por  
eles. Depois de tudo, vai fazer de mim uma mulher  
honrada - respondeu Kathryn, sorridente, e  
começou a recolher as coisas do café da manhã.

Tudo ia bem, pensou. Fariam que seu  
casamento funcionasse porque se preocupavam um

pelo outro. Qual problema se ele não a amasse? Ela tinha suficiente amor para os dois. Além disso, algum dia... Mas aquilo era meras ilusões. Suspirando, levou os pratos a pia e abriu a torneira.

Às dez e meia da manhã seguinte, estavam no carro dele, saindo da cidade.

-Aonde vamos? - perguntou Kathryn-. Ou é um segredo?

-A Cambridge - respondeu concisamente.

-A Cambridge? E por que a Cambridge? - que Kathryn recordasse, não tinha estado ali em sua vida.

-Saberá quando chegarmos - respondeu Joel.

-Surpreende-me que não tenha estrangulado ninguém até agora - murmurou Kathryn, e decidiu acomodar-se no assento e desfrutar da paisagem durante o resto do trajeto.

Uma vez em Cambridge, cruzaram a cidade e Joel parou o carro em frente uma casa de um andar que não se distinguiu muito das que a rodeavam.

-É aqui? - perguntou Kathryn quando saíram do carro.

Ele a tomou pelo braço e se encaminharam pelo atalho para a casa, onde tocou a campainha.

-Relaxe - disse-. Não penso em me dedicar ao tráfico de brancas com você.



Ela franziu o cenho.

-Sim, mas, quem vive aqui?

-É sempre tão impaciente? - replicou enquanto ouviam uns passos que se aproximavam.

A porta foi aberta por uma mulher mais velha que em outra época devia ter sido muito bonita e que, apesar de aproximar-se dos oitenta anos, ainda se conservava surpreendentemente bem.

-Bom dia, senhora Makepeace - saudou Joel calidamente-. Sou Joel Kendrick. Falamos por telefone. Obrigado por aceitar nos receber hoje. Trouxe comigo alguém que está desejando vê-la. Esta é Kathryn - disse, e se afastou a um lado.

Ainda desconcertada, Kathryn sorriu à anciã, que levou uma mão visivelmente tremente aos lábios.

-Como vai? - perguntou Kathryn-. Seu sobrenome é Makepeace? É toda uma coincidência, porque o sobrenome de solteira de minha mãe também era Makepeace.

A anciã tirou um lenço e secou os olhos com ele. Apesar de tudo, sorriu através das lágrimas que não deixavam de emanar.

-Não é uma coincidência, querida. Sua mãe é minha filha. Minha pequena Lucy - revelou, emocionada.

Enquanto Kathryn ficava petrificada no lugar, Joel tomou à senhora Makepeace pelo braço e a fez entrar na casa.

-Acredito que será melhor que se sente - disse enquanto a acompanhava até uma poltrona-. Faz o favor de fechar a porta, Kathryn - disse por cima do ombro, e ela obedeceu como um autômato.

-De verdade é você minha avó? - perguntou quando se recuperou o suficiente para falar.

A senhora Makepeace a olhou e suas lágrimas deram passo a uma expressão de incerteza.

-Sim, querida. Sou.

Kathryn moveu a cabeça, impotente.

-Mas como...? Não entendo.

A anciã tomou Joel da mão.

-Este jovem me encontrou.

Kathryn olhou ao Joel, assombrada.

-Sério?

Ele apoiou uma mão no ombro da senhora Makepeace.

-Disse que queria conhecê-la - disse com simplicidade, como se isso explicasse tudo.

-Certamente que queria! - exclamou Kathryn e sorriu com expressão alentadora enquanto uma enchente de emoções atendiam sua garganta-. Sempre quis conhecer você. Desde que era menina -

cruzou a sala e se ajoelhou diante de sua avó. De perto pôde perceber como sua mãe era parecida com ela. Tomou com delicadeza uma de suas mãos, já retorcida pela artrite-. Sinto ter me mostrado tão surpreendida. Isto é a última coisa que esperava, mas me sinto feliz por ter podido te conhecer finalmente.

Joel as olhou e sorriu.

-Vou deixar vocês um momento a sós para que possam conversar tranquilamente. Estarei na cozinha preparando um chá - acrescentou embora nenhuma das duas mulheres o estivesse escutando, de maneira que saiu sem que se inteirassem.

Alice Makepeace respirou longamente.

-Não posso acreditar que esteja acontecendo isto. Quando esse jovem entrou em contato comigo e me explicou quem era e que queria me conhecer... bom, foi como um sonho feito realidade. Nunca pensei que pudesse acontecer. Supunha que me odiasse.

-OH, não, claro que não. Ninguém a odeia - assegurou Kathryn imediatamente.

A anciã moveu a cabeça.

-Isso não é certo. George me odeia - disse, referindo-se a seu ex-marido-. E pode ser que Lucy também. Não poderia culpá-la por isso.

Kathryn soube que tinha que ser sincera.

-É certo que o avô nunca a perdoou. Ele e eu não nos demos muito bem, e acredito que é porque me pareço com você.

Alice assentiu.

-É certo. Parece muito.

-Mas mamãe não a odeia - insistiu Kathryn-. Sempre compreendeu sua situação. O que nunca conseguiu entender é por que não se pôs nunca em contato com ela. O que aconteceu? Quer me contar isso?

Alice olhou ao vazio. Seus pensamentos estavam perdidos no passado e, por sua expressão, não pareciam especialmente agradáveis.

-O que aconteceu foi George. Eu não queria perder minha filha, mas a família de George nunca me quis. Ficaram totalmente de sua parte quando tentei obter a custódia, e depois que ele ganhou o julgamento, fizeram o possível por evitar que visse Lucy. Sempre saíam com alguma desculpa para impedir minhas visitas. Ao final compreendi que nunca me deixariam vê-la.

Kathryn estava consternada.

-Por que não demandou? Tinha seus direitos!

Alice suspirou.

-Sim, tinha, mas nesses dias não era fácil reclamá-los. Não tinha meios nem família que me ajudassem. Ao final passou tanto tempo que decidi que, provavelmente, Lucy estaria melhor sem mim. Depois, quando minha situação mudou, quis me pôr em contato com ela muitas vezes. Escrevi cartas que nunca cheguei a enviar. Averigüei onde vivia, mas fui uma covarde. Pensei que devia me odiar por tê-la deixado, de maneira que não fiz nada. Perdi a minha filha sem lutar, e nunca me perdoarei por isso - emocionada, afastou o olhar e levou a mão aos lábios.

Kathryn se sentou imediatamente no braço da poltrona, passou um braço por seus ombros e estreitou à anciã contra seu corpo.

-Não chore, por favor, avó. Não é nenhuma covarde. Acontece que já tinha sofrido o bastante. Mamãe sabe. Não a culpa nem odeia por isso. Asseguro-lhe isso porque sei. Mamãe a ama. Sempre amou.

Alice Makepeace piscou, esperançada.

-De verdade acha isso? Se pudesse vê-la ao menos uma vez, tudo o que tive que sofrer valeria a pena. Acredita que irá querer falar comigo?

Kathryn sorriu.

-É obvio que vai querer. Estou segura de que irá querer falar com você assim que eu disser que a encontrei.

Alice sorriu como Kathryn desejava que fizesse.

- Como vai? É feliz?

-Está bem e é feliz. Não sei se sabe, mas tem outros quatro netos.

Os olhos verdes da Alice brilharam de interesse.

-Sério? Fale-me deles. Fale-me de todos você.

Kathryn sorriu, tomou uma cadeira que aproximou da poltrona e começou a contar a sua avó tudo sobre sua família.

Quase uma hora depois, entrou na cozinha em busca do chá prometido. Encontrou Joel sentado de costas à porta, olhando uma revista. Seu coração se inflamou de amor por ele ao pensar no que tinha feito por ela. Tinha encontrado a sua avó. Aproximou-se, rodeou-o por trás com os braços e o beijou na bochecha.

-Obrigado - disse, emocionada-. Você me tem feito muito feliz.

Joel deixou a revista sobre a mesa e apoiou uma mão sobre a dela.

-Essa era minha intenção.

-Pois conseguiu - murmurou ela, chorosa-. Não sei por que fez isso, mas me alegro muito.

Joel a puxou até fazê-la sentar-se em seu colo.

-Eu fiz isso porque sabia como importante era para você. Sabia que a faria feliz, e isso é o mais importante para mim.

Kathryn o olhou nos olhos. Se não soubesse que era impossível, quase teria acreditado que a amava. Sorriu, desconcertada.

-Não sei como agradecer - confessou, e ele apoiou rapidamente um dedo em seus lábios.

-Não precisa que me agradeça. Basta ver você feliz. Como está sua avó?

-Emocionou-se muito, como era de esperar, mas levou muito bem. Acredito que agora gostaria bem desse chá.

-Já está tudo preparado. Precisa apenas voltar a ferver a água - Joel ficou em pé e fez o mesmo com Kathryn-. Acha que estará em condições de viajar hoje à Londres?

Tudo se esclareceu na mente dela enquanto ele ia acender o fogo.

-Ela é a convidada vai levar ao jantar desta noite?

-Pareceu-me uma solução ideal, mas se acha que pode ser muito...

Kathryn franziu o cenho.

-Não sei... Eu perguntarei, mas imagino que preferirá que antes prepare minha mãe.

Joel assentiu.

-Provavelmente seja o melhor.

A água começou a ferver e pouco depois voltavam para a sala de estar com o chá preparado.

Como Kathryn tinha suposto, Alice decidiu que preferia esperar um pouco para ver sua filha. Ela necessitava de tempo, e também queria que sua filha o tivesse.

Seguiram na casa por algumas horas mais, escutando as histórias e as lembranças da anciã. Estes não eram sempre agradáveis, mas o fato de contá-los pareceu exercer um efeito relaxante sobre a anciã.

Finalmente, tiveram que ir e Alice os acompanhou até a porta. Ali, com olhos brilhantes, tomou a mão de sua neta.

-Seu Joel deve te amar muito para ter tido tanto trabalho para me encontrar - disse, e piscou um olho ao Joel, que sorriu.

-É impossível não amar Kathryn - disse com suavidade, e embora ela soubesse que havia dito aquilo em benefício de sua avó, não pôde evitar ruborizar-se.



-Agora que a encontramos, deve vir a nosso casamento - disse, e se inclinou para beijar a sua avó.

-Estou desejando isso - respondeu Alice, e sorriu.

Kathryn seguiu Joel até o carro com o coração cheio de amor. Ocupou seu assento com um suspiro de satisfação.

-Cansada? - perguntou enquanto se afastavam.

-Sobre tudo emocionalmente. Mas me sinto muito feliz - Kathryn voltou a cabeça para olhá-lo. Obrigado por ter mentido - disse com suavidade, e ao ver que ele a olhava com gesto interrogativo, acrescentou:- A respeito de me amar.

Joel voltou o olhar para a estrada.

-Ah - disse, e ela sorriu para si.

-Foi um detalhe muito delicado por sua parte, mas sempre soube que foi delicado. Suponho que esse é um dos motivos pelos que o amo tanto - acrescentou e sorriu com suavidade.

-Kathryn! - exclamou ele, exasperado.

-Sei, sei. Não quer ouvir isso. Mas não vai ter outro jeito. Com o que tem feito hoje apenas conseguiu que o ame ainda mais.

-Não é a isso ao que me referia - respondeu enquanto se aproximavam de um cruzamento. O semáforo estava verde quando passaram.

Kathryn estava aponto de responder quando viu pela extremidade do olho que um carro ultrapassava o semáforo que havia a sua esquerda.

-Cuidado! - exclamou, horrorizada, e de repente tudo foi um caos de ruído e luzes enquanto os dois carros se chocavam. Sua cabeça golpeou algo e tudo se obscureceu ao seu redor.

Quando Kathryn recuperou a consciência, seu olfato disse imediatamente onde estava. Aquele aroma de anti-séptico só podia pertencer a um hospital. Um olhar e confirmou que se achava na cama de um hospital, mas além de sentir muita sede parecia encontrar-se bem, e comprovou que todos seus membros respondiam quando os provou. Mas a cabeça doeu quando tentou levantá-la, e recordou ter batido em algo justo antes de desmaiar. A lembrança do acidente retornou então, e com ele a ansiedade por saber como se encontraria Joel.

Apesar da sensação de enjôo que produziu, elevou a cabeça.

-Joel? - chamou assustada-. Joel! - repetiu enquanto procurava desesperadamente o botão de chamada.

-Kathryn?

O som de sua voz lhe fez voltar a cabeça, e o alívio que sentiu ao vê-lo entrar pela porta fez que os olhos se enchessem de lágrimas. Não usava a jaqueta e havia sangue em sua camisa, evidência de um corte que tinha na bochecha coberto por um esparadrapo.

Joel foi diretamente sentar-se na beira da cama e a tomou entre seus braços. Ao comprovar que estava bem, Kathryn rompeu a chorar.

-Temia que tivesse acontecido algo a você - disse entre soluços.

Joel a abraçou com força.

-Quando a vi inconsciente no assento do carro eu também temi te perder - confessou, emocionado-. Nunca em minha vida havia me sentido mais aterrorizado.

Kathryn fechou os olhos e agradeceu em silêncio.

-O que aconteceu? - perguntou depois de recuperar-se um pouco-. Só lembro o choque.

-Felizmente, o outro carro só nos tocou. Ao que parece saltou o semáforo. Por sorte, não havia muito tráfego.

Kathryn se afastou um pouco de Joel e apontou sua bochecha.

-Você também está ferido.

-É apenas um arranhão. Sangrei muito, mas não é profundo. É você que nos tinha preocupado. Estive inconsciente um bom tempo, e esta noite vão manter você em observação. Chamei por telefone seus pais e insistiram em vir. Não iria estranhar que viesse toda a família - acrescentou Joel em tom irônico e ela sorriu.

-Já sabe que sempre me protegeram em excesso - recordou-lhe.

-Pois vão ter que aprender a sentar-se na segunda fila, porque a partir de agora sou eu quem vai proteger você - disse com firmeza-. Embora não pode dizer que hoje tenha feito um bom trabalho...

-Shhh - Kathryn apoiou uma mão em seus lábios para fazê-lo calar-. Não pense nisso.

Joel beijou a palma.

-Tenho que fazer isso. O acidente me deu o empurrão que necessitava para ser sincero comigo mesmo. A verdade foi muito evidente nos segundos em que temi te perder.

Kathryn sentiu um nó na garganta ao ver a intensidade das emoções que refletiam os olhos dele. Quase parecia que estava dizendo... seu coração tremeu ao pensar. E se não fosse assim? Queria acreditar o que viam seus olhos, mas não se atrevia a fazer isso. Tinha que estar segura antes de atrever-se a acreditar que tinha acontecido um milagre.

-Tenho a impressão de que também sofreu um golpe na cabeça, porque o que está dizendo não tem muito sentido - tratou de brincar, mas a voz tremeu ao falar.

Joel deslizou um dedo por sua bochecha com infinita ternura.

-Fui um idiota. Pior ainda; fui um idiota arrogante. Pensava que podia ordenar a meu coração que não sentisse, mas enquanto minha cabeça insistia em que o amor não existe, ele se empenhou em me demonstrar o contrário.

O coração do Kathryn esteve a ponto de estalar de alegria. Não estava equivocada.

-Joel...

-Não, me deixe terminar. Tenho que dizer isto e você merece ouvir isso. Quando enfrentei à possibilidade de um futuro sem você, acabei por admitir que a amo. Minha vida mudou desde o dia

em que entrou nela. Meu coração sabia, mas minha cabeça se empenhava em negar. Sinto que tenha sido tão difícil admitir isso.

Embora Kathryn não cabia em si de alegria, respondeu com cautela.

-Está completamente seguro? Porque minha felicidade depende disso.

-Sou um homem de palavra. Uma vez eu disse que me provasse, e suponho que este é o momento da verdade. Já não há dúvidas em minha mente nem em meu coração. Amo você, Kathryn, e sempre a amarei.

Ela fechou os olhos e um lento sorriso distendeu seus lábios. Quando voltou a olhar Joel, seus olhos ardiam de amor.

-Acreditava que nunca o ouviria dizer isso.

-Confia em mim? Basta minha palavra?

-É obvio Joel. Amo você, e por isso confio.

-Nesse caso, há algo que tenho que perguntar. Quando perguntei isso pela primeira vez o fiz por motivos errôneos. A opção mais fácil era pedir que se casasse comigo sem admitir que a amava. Hoje apenas peço isso porque te amo e porque não posso viver sem você. Quer se casar comigo?

O coração dela se transbordou de alegria

-OH, sim - disse feliz-. Claro que quero me casar com você.

-Graças a Deus! - exclamou Joel com autêntico alívio e logo beijou Kathryn com cuidado para não lhe machucar a cabeça.

-Quando começou a se dar conta de que me amava? - perguntou curiosa.

Ele sorriu.

-Acredito que no dia seguinte de te conhecer, quando se descreveu como um cão fiel. Depois, comecei a me dar conta do ciúme e da vontade de protegê-la que percebi como me sentia a respeito de você. Queria que fosse feliz, que não sofresse, mas estava disposto a permitir que sua família se ocupasse disso. Mas quando me senti realmente afetado foi o dia que falou de sua sucessora esperando entre bastidores. Então, me dei conta de que não queria saber nada de nenhuma outra mulher. Você foi à única para mim.

-Então me pediu que me casasse com você e se pôs a procurar minha avó. Vou ter que começar a pensar que é meu cavalheiro de armadura brilhante - murmurou Kathryn, e o olhou de esguelha-. Hmm... quanto tempo acha que temos até que venha a enfermeira?

- Receio que não muito.

Kathryn passou uma mão através do pescoço dele e o atraiu para si.

-Nesse caso, será melhor que não percamos um segundo. Beije-me outra vez.

-Poderiam me jogar do hospital por isso - advertiu antes de agradá-la.

-Se você estiver disposto a se arriscar, eu também - murmurou Kathryn em tom sedutor, e ele riu.

-Está paquerando comigo, coração?

-Se não souber, é que não estou fazendo bem - disse contra seus lábios-. Vamos, lobo mau, faça o pior que souber.

Joel sorriu.

-Já sabe que os casais de lobos se unem para toda a vida.

Kathryn mordiscou o lábio inferior.

-Hmm, isso eu gosto.

-Não sei por que, mas suspeitava - murmurou e, finalmente, a beijou.

# Fim